

15 de Setembro de 1999

Assim está começando, sem título e sem destino certo, a não ser que Oufi, necessariamente, vai vir morar em Porto Alegre. Novo acréscimo: os nomes ainda são provisórios. Estou meio confuso quando à origem de alguns deles, se iorubanos ou de Benim. Obarô é a grande dúvida. Creio que é iorubano.. Vou tentar continuar a história assim mesmo e adiante vejo o que faço. Em 26 de dezembro, por circunstâncias da história base do país, altero o nome do personagem Oufi e coloco o nome verdadeiro do pai do príncipe que, como dizia em 15 de setembro, virá morar em Porto Alegre e que se chamará, na ficção, Oufi. A narrativa desta página 2 se iniciou em 24 de dezembro de 1999.

Hoje, 20 de janeiro, com mais pesquisa, tenho de mexer novamente no nome do Obá

Hoje 21 de fevereiro, houve alterações no curso de forma imprevista, Oufi previsto não vai existir.

Iya Oba, Rainha:

Adolô, oba reinante neste período

Idugbowa, (**Idu**) que ao assumir a condição de obá, tomou o nome de **Ovonramwen** ou **OVERAMI** - **edaiquem**, nome usado pelo pai e a mãe, significando filho herdeiro,

Obarô, irmão mais moço de Ovonramwen e líder do grupo de rapazes

Kotoú, artista, futuro mestre de metais

Ovaitiocum, pai de Kotoú - mestre dos metais, o **iguneronmwan**

Kpadonú, pupilo de Obarô

Emotan, *ogwega*, sacerdotisa

Cranfield, Henry Charles, pregador inglês, espécie de agente de inteligência britânico sem saber;

Obayemí, *um dos uzamas* - membro do Conselho e chefe da cidade de Benim

Abiolá, o *enogie*, chefe interiorano de Ughoton, porto marítimo de Benim

Eyô Akpô, general comandante do Exército de Benim

Olosegum, personagem da corte que faz as trapas em nome (ou supostamente) do rei.

Obasanjô, outro intermediário de negócios

Capitão-de-fragata Harry Levingston Sauer - espião inglês que traz armas modernas de presente para o obá, junta

Azaiguen (apenas figurante) uma prostituta de Obasanjô em Ughoton

Skidmore, (apenas figurante) um comerciante inglês em Ughoton

Agahowa, filha de um comerciante rico dos íbos, que estava em visita à cidade, namora o obá.

Odumegwu Ojukwu, comerciante lbo.

Adú, filho do general Eyô Akpô, religioso e homossexual

Ogundelê - Tesoureiro do rei

Azonyê, auxiliar de Emotan, nova sacerdotisa

Ewuare, jovem militar, comandante de uma das alas da infantaria de Benim, derruba, com o apoio de Obarô, irmão do obá, o comando do Exército e parte em direção às províncias rebeldes, sob ordens de Obarô.

Egharevba (disponível)

Ikme (disponível)

Parte um

Quatro paredes de madeira. E era um castelo. A fortificação onde quatro amigos, que um dia o destino viria a irremediavelmente separar, protegiam, de forma inexpugnável, seu mundo de fantasia daquele de seus mais velhos. Obarô, o líder, fora autor da idéia e construtor-chefe do fortim. Kpadonu, mais novo um pouco que Obarô, era seu pupilo. Imitava o mentor em tudo o que aquele fazia. Kotoú, brincalhão, alma aberta, vidente, seus olhos perscrutavam o insondável para seus pequenos companheiros, e suas mãos tinham a incontrolável habilidade de gerar vida. Riscava paredes e imagens se impulsionavam em movimento. Empunhava um canivete e ao agredir nacos de madeira, fazia deles surgir pessoas, animais e coisas. Torcia o ferro e lá estava mais do que uma espada, uma arma, ali se materializava um ser — uma cabeça, um torço animal, um pequeno altar. E Idugbowa, predileto de Emotan, *ogwega*, sacerdotisa, mas sobretudo, o irmão mais velho de Obarô, e por uma razão de sucessão nobiliárquica, o futuro rei de Benim. O fato é que, naquele momento — todos jovens, se preparando para o ritual de iniciação, quando se iriam transformar de adolescentes em homens — não atentavam para a questão política maior, preocupação da entourage real, da iminente dominação da Inglaterra por sobre o seu país — o império de Benim. O fato político que se avizinhava iria atingir, em cheio o mundo de Idugbowa, imensamente mais do que aos demais.

A razão de ser do castelo, naturalmente, era reproduzir uma constante na vida de seu povo: a guerra. Lutavam por hegemonia geopolítica, e aquisição ou manutenção de mercado. Geravam guerras para a conquista de escravos, trocados estes por armas, mantimentos e confortos da realeza. Além do mais, disputavam diferenças atávicas.

Outrora, em verdade uns poucos anos antes, brincavam de cavalaria. Eram improvisados galhos de árvores, que recebiam numa extremidade, o talento artístico de Kotoú, transformavam-se em garbosos animais, que eram gineteados, freneticamente, quando em batalha; ou elegantemente, com o ritmo natural de seus corpos africanos, simulando alguma parada real.

Agora, os cavalos eram vistos com outros olhos: músculos retesados que se expandiam e contraíam, articulações que se flexionavam dando dinâmica sintonia às pernas e

patas, pelos lustrosos, mostrando a plasticidade daquela obra prima do reino animal, nas carreiras de manhãs frescas, em meio a trilhas sob bosques, no altiplano, fora dos limites do palácio real. Eram dentes, que às vezes mordiam quem os perturbava, mas que, comumente, constituíam-se em porta aberta para algo doce ou vegetal, servido por uma mão amiga, como a de Obarô ou de Idugbowa . Os cavalos da estribaria real eram de origem árabe, fruto de um intrincado comércio que envolvia mouros da península Ibérica, traficantes de escravos e compradores desses, especialmente no Brasil. Benim era mais um repositório de artes, religião e comércio. Mas tinha como seu vizinho Oió hordas de cavalaria que podiam se tornar em terror regional, especialmente para povos do Daomé e outras pequenas nações-Estado vizinhos, que tinham de se valer da infantaria, até porque viviam em terras baixas, num cinturão geográfico infestado pelas moscas, inclusive a do sono — tsé-tsé. Os cavalos, aí, eram presas fáceis desses insetos mortais, que dizimavam pela indolência doentia humanos, muares e bovinos — atrasando mesmo a chegada da roda, com meio de transporte.

Assim, se não estivessem no forte, reclusos de certo modo, impedidos de brincar com outros meninos de mesma idade, mas plebeus, podiam ser vistos próximos aos cavalos, em verdadeiras excursões ao haras real ou as estrebarias do Exército. Idugbowa já sabia que, passado o ritual de iniciação, iria ganhar de seu pai um imponente cavalo. O irmão teria o seu mas somente um ano após, mesmo que se tornando homem na mesma cerimônia, havia um degrau de idade que os diferenciava, na intrincada cultura. Mas tinha certeza que pressionando o irmão conseguiria, também, ele, ter no cavalo que Idugbowa iria ganhar, uma espécie de sua própria montaria. Brincava, sem aborrecer o irmão mais velho, com seus amigos, apontando aleatoriamente qual haveria de ser o seu cavalo. Pensava, o mesmo Obarô, com certa inquietude, quando enfrentaria o jogo de perder e ganhar: perder a fimose e aspirar por sua primeira virgem e caronear na montaria do irmão, até ter o seu próprio — exatamente nessa ordem de importância. Idugbowa, por seu turno, tinha a tranqüila certeza de que essas coisas estavam a esperar-lhe, no devido tempo.

Os cavalos, seu odor característico, sua sociabilidade, sua capacidade de fazer as pessoas deslocarem-se em velocidades além da assegurada por suas limitadas pernas, eram deuses no imaginário de Idugbowa, apenas isso não externava. Deuses como aqueles que Emotan ensinara-o a respeitar. Era, assim, destino, registro sagrado no livro de ocorrências da vida daquele menino-real — no futuro expatriado nobre — o amor pelos eqüinos, mormente

os elegantes, fortes e garbosos cavalos árabes, e uma força imanente que o levaria a ajudar seus semelhantes e por eles ser admirado, mesmo muito tempo após morrer em seu exílio, na sua África, mas longe de seu Benim..

Obarô queria ser o rei. Considerava-se possuidor de todas as características necessárias para sentar no trono real. Sabia liderar e era obedecido espontaneamente, sem imposição. As ações bélicas de sua nação eram por ele conhecidas em todos os detalhes. Guardava, como repositório da história guerreira de Benim, uma excelente coleção de pequenas imagens em bronze e madeira, feitas por artesãos reais. Procurava estar próximo, sempre que possível, dos maiores do exército real, que aceitavam sua presença numa condescendência à sua origem real. Era o segundo na linha sucessória. Mas, que importa!, queria ser o rei. Afinal, quem construíra o forte, externando com isto, mesmo numa ação inconscientemente elaborada, sua capacidade de defender o reino contra os inimigos daoemanos, adreanos e tantos outros? Quem era admirado e cortejado pelo general comandante da cavalaria? E quem tinha gosto pela guerra? Obarô queria ser o rei, sim; em verdade, tinha mais inclinação para as coisas de Estado do que seu irmão mais velho, por nascimento destinado a ocupar o trono. Uma que outra vez insinuou essa sua inclinação para Idugbowa, sem que este demonstrasse qualquer tipo de reação adversa. Como eram insinuações, talvez este não as entendesse, tal o seu desprezo às intrigas naturais de cortes reais, e a inata convicção de que vir a ser o rei de Benim, era questão de tempo. Havia sido treinado desde o berço para isto.

Idugbowa tinha como protetora e amiga uma das velhas da corte, mais precisamente Emotan, a sacerdotiza. Era de suas tarefas cuidar daquele menino que um dia seria o obá. E ser obá significa manter a responsabilidade histórica de proteger seu povo, inclusive ser para seus súditos, uma divindade, portanto, portador de poderes de cura de seu corpo e, eventualmente, do de seus súditos. Emotan, a *ogwega*, pessoa capaz de fazer a ligação entre os seres humanos e os poderosos espírito do universo, por complicados caminhos de sucessão baseada em herança religiosa fora apartada das demais meninas de sua idade, e preparada para cuidar da saúde dos membros da casa real, especialmente do obá e seus filhos e filhas, esposas e agregados. Era, além de *ogwega*, também *obodi*, ou seja uma herborista, e cuidava do real *altar* — a palavra altar, assim mesmo, do português, estava imiscuída na língua edo —, onde eram conservados fragmentos da tradição, como esculturas, pedras, corais e roupas. Supervisionava, com extremo cuidado, um empório de ervas medicinais, que eram guardadas

em diversas formas. Algumas eram consumidas frescas, fervidas na água e se transformavam em chás ou infusões; outras viravam pomadas e muitas em concentrados que eram manipulados por ajudantes de Emotan, ampliando o espectro de sua aplicação. Idugbowa convivia com evidente curiosidade e interesse do mundo fantástico da velha preceptora, e inúmeras vezes se valeu deles para situações de emergência. Como certa feita, quando brincavam, ele e seus amigos de sempre, no fundos das cavalariças reais, onde se depositavam madeiras velhas e podres. A brincadeira consistia em buscar alguma coisa que pudesse servir de apoio a outro esconderijo que construía. Tudo corria em tom de galhofa, com a preocupação de executar a tarefa ao mesmo tempo que pular e gritar, quando Kpandonu, deixou sua mão parada mais do que o necessário sobre uma madeira e, incomodado pelo intruso, um escorpião picou-lhe a mão. Kpandonu deu um grito de dor e espanto, chamando a atenção dos demais, que viram, todos, um robusto escorpião dar meia volta e esconder-se sobre a tábua podre. A peçonha irritou quase instantaneamente a carne do menino. Todos ficaram parados, assustados com o evento, até que sem experimentar qualquer receio ou surpresa, Idugbowa pegou seu companheiro e correu com ele até o empório das ervas e poções, escolhendo, qual o farmacêutico que sabe exatamente onde se encontra determinado remédio, a substância cremosa que aplicou por sobre a pisadura. Havia já um intumescimento e vermelhidão no local. Seu companheiro sentiu-se desanimado, e foi levado para sua casa, com a informação do acontecido e as medidas que Idugbowa havia tomado. À noite, quando a febre já havia ido embora e o inchume começava a desaparecer, Emotan compareceu, mas apenas para sentir prazer ao ver o trabalho desenvolvido por seu real aprendiz. Pouco falou ao entrar, e disse apenas ao sair: — Será um grande Obá!

No dia seguinte Kpandonu já se integrara a seu grupo em condições de sofrer outro acidente, mas seria de aí adiante mais cuidadoso.

Emotan retornou a seu recanto, antes passando pelo altar real, onde depositou oferendas, removeu certas coisas que envelhecera e ajustou, como se necessário fosse, a posição de algumas das esculturas e pedras que compõem o cenário sagrado.

Agora estavam em seu castelo, no fortim, e cada um tinha sua missão a cumprir. Obarô era o general-em-chefe do exército e necessitava, assim, discutir com seu imediato, Kpandonu, táticas de combate. Como a cavalaria deveria avançar, abrindo o campo para a atuação dos infantis. Kotoú, o armeiro, deixava-se ficar num canto, sem grandes preocupações, uma vez

que as armas que fabricara as havia distribuído para os guerreiros. Sucede, entretanto, que Kotoú tinha um dom especial: a capacidade de transmigrar. Pois naquele exato momento Kpandonu estava noutro lugar, nem ele mesmo sabia onde, apenas que ouvia conversas truncadas, para sua compreensão:

— Está muito melhor assim, o comércio com os ingleses. A assertiva vinha de Adolô, obá de Benim, sentado em seu trono, vestido e pousando majestaticamente

— Os holandeses, santo Obá, não vão gostar desse nosso novo movimento.

— Eles não vão notar. Vamos continuar a agir progressivamente. Aos poucos, sem que notem.

— Santo Obá... — reticente, sem encarar, a cabeça sempre baixa, via entretanto os olhos do rei, falava seu mais importante assessor, Obayemí, um *Iyase*, chefe da cidade de Benim, capital do reino — trata-se de comércio importante. São nossos parceiros há mais de trezentos anos. Eles vão notar em seguida.

— São muito arrogantes e muito estúpidos para sentir, pelo menos enquanto construímos uma sólida aliança com os ingleses.

— São aquilo que o santo Obá diz; mas se a arrogância é ilimitada, a estupidez acaba no limite de seus interesses... Aliás, santo Obá — agregou Obayemí — já ouvi veladas reclamações dos holandeses, quanto à presença, a olhos vistos, de cada vez mais ingleses pelas ruas de Benim, e conversando com nossos administradores.

— Mas temos um país livre. As pessoas podem vir aqui tratar de comércio, sejam holandesas, inglesas e até mesmo, com sua língua difícil, os portugueses e franceses que mantém um forte comércio com o Daomé.

Kotoú podia ouvir e entender em sua língua nativa, o edo, cada uma das palavras que proferiam o obá e o grande chefe. Todavia, o contexto lhe era completamente incompreensível.

Nesse momento, Obarô deu um safanão, e trouxe seu amigo à realidade, como costumava fazer com frequência. E Kotoú voltou, também em espírito, ao castelo juvenil de onde fugira sua alma, como se nada tivesse ocorrido.

Muitos metros adiante, na câmara real, entretanto, não apenas a conversa que Koutu ouviu em parte, mantinha-se em andamento, como outro elemento era introduzido na conversa. Abiolá, o enogie, chefe distrital de Ughoton, segunda cidade mais importante do reino, existente desde fins do século quinze, adentrava ao núcleo de poder. Era pouco mais

velho que Obayemí, e apesar do respeito ancestral, da força do hábito imemorial de subordinação ao chefe de Benim, Abiolá tinha um sentimento de que deveria ser ele o segundo do rei, mas superava a angústia antiga sem que, a não ser por distração muito rara, deixasse vaziar o teor de seu secreto desejo. Sua província, em muitos aspectos superava em importância a capital. Era dela que vinham, quase sempre, os essenciais recursos logísticos para as guerras do obá. E também de seu território que expressivo número de criminosos e supostamente tal eram agrupados para servirem como mercadoria de exportação, no rumo do Brasil e, muitas vezes, os mais altos, eram destinados a exigentes, mas melhor pagantes, comerciantes que levavam as cargas humanas em direção ao extremo norte da nova terra, a América. Dizia a lenda, plantada na cabeça dos imediatos de Abiolá, e a ele transmitidas, mas aceita como realidade, que somente homens de grande estatura e compleição forte, suportariam o frio inimaginável das terras a que se destinavam. Os baixotes e os franzinos morreriam em pouco tempo, constituindo-se por tal, mercadoria desprezada pelos mercadores mais sofisticados, que faziam à rota das Índias Ocidentais e Estados Unidos. Abiolá era muito bem informado nesse e em todos os assuntos relacionados com o tráfico. Sua sutileza no agir, transferia à subordinados tarefas que representavam clara e precisamente os objetivos que tinha em mente. Sabia, em acréscimo à suposta lenda dos mais altos, que sim, havia na Costa dos Escravos uma disputa de parte dos traficantes que faziam a grande rota do norte, que ao deixarem de se abastecer em terras mais próximas, como o oeste da África, do Senegal em direção ao sul, alcançando à Costa do Ouro, dos negros minas. Até aí encontravam com relativa facilidade homens altos, fortes e possivelmente mais resistente à longa jornada e ao frio terrível que os esperava no inverno dos Estados Unidos. E o preço subia posto que, em primeiro lugar, os navios tinham de viajar mais longe, na direção sul. Depois, envolviam-se num intrincado comércio de seus parceiros que faziam a captura e transporte do interior do continente até os rios e destes às suas embocaduras com o mar. Era um período em que, face à pressão de grupos humanitários na Inglaterra e razões comerciais — a incipiente Revolução Industrial — cada vez mais se tornava difícil o transporte de escravos: a temível força tarefa britânica policiava com eficácia tanto a costa da África, quanto o caminho para o norte e, mesmo, a costa do Brasil. Os mercadores da rota do norte, portanto, pagavam mais, mas queriam mercadoria melhor, mais adequada tanto à viagem, mais longa, quanto ao destino, imensamente mais inóspito do que o Brasil tropical e o Caribe. Essa sua cultura de mercador,

sem que com os traficantes travasse o mais leve contato, incluía, assim, saber como ocorriam as coisas em outras praças; como se comportavam comercialmente os europeus e, no tráfico, brasileiros e americanos, de forma especial.

Abiolá sabia que era uma impossibilidade quase absoluta a hipótese de um dia vir a ser o chefe da cidade de Benim, posto que as regras do sistemas não funcionavam assim. Obayemí ficaria até morrer e ser substituído por seu sucessor familiar. O mesmo ocorreria com ele em sua província natal. Mas os ouvidos abertos e a perspicácia de Abiolá, no contato com estrangeiros, viajantes, que, como ele, estavam vinculadas ao tráfico, mas não sujavam aos mãos tocando o tecido infectado, falavam de outros sistemas de governo. O próprio Abiolá mantinha na memória histórias antigas de lutas que envolviam a questão democrática. Povos, como os íbos, haviam resistido tenazmente à pressão dos obás para subjugá-los, ou incluí-los no reino como associados, porque já experimentavam em seus territórios práticas que consistiam no mando por governantes que eram de origem popular. Qualquer um, se tivesse capacidade, poderia pleitear substituir o governante morto. Era uma espécie de democracia, repelida pelos edos. Abiolá não se incluía entre os que assim pensavam. Jurou, praticamente a cada encontro que tinha com o obá, fidelidade ao monarca. Reiterara, nas conversas que entretinha com seu santo homem, que abominava o sistema de governo dos íbos.

Como se tivesse sido partícipe da conversa desde o início — não participara fisicamente, naquela reunião, mas tratava-se de um assunto tão repetitivo como o indagar, a cada manhã, no encontrar-se com um velho amigo, pela saúde e bem estar de uma relação de pessoas e coisas, como galinhas e porcos — Abiolá deu sua opinião, após um trejeito de assentimento sóbrio do monarca:

— Temos um excelente comércio com os holandeses há mais de trezentos anos. Eles têm levado nossa pimenta, peles de leopardo, corais e, sobretudo, escravos... — à medida em que foi dizendo “peles, leopardo” foi baixando a voz até que murmurava ao dizer “sobretudo escravos” e silenciou, na pausa de uma reticência. Levantou os olhos para o teto da câmara, sem passar pelos olhos do obá, num exercício de humildade, que iria culminar na modéstia de dizer o que desejava: — ... mas não poderíamos aspirar mais? — sua frase veio no sentido contrário à anterior. Era um crescendo. — Passados trezentos anos, não poderíamos obter mais no comércio com os holandeses. — Baixou de novos a voz e os olhos que se haviam

colado no teto, para arrematar, por enquanto: — E os ingleses, não os conhecemos tão intimamente como aos holandeses. Não seriam diferentes?

Passou pela cabeça do chefe da cidade de Benim, Obayemí, um pensamento vetusto que ouvira repetidamente de seus antigos; ou teria sido daqueles franceses que o haviam visitado diversas vezes, tentando abrir uma porta de comércio? Lembrou-se da história de animais insatisfeitos, em busca de um rei. Na sua memória de velho não sabia se os animais da história eram garças ou rãs. Pensou de novo e recordou que um inglês, tempos atrás, contara-lhe certa história, rindo muito e repetindo que aquela era um boa piada, mas dava sua origem nos gregos. — Esopo... — pensou, desconfiando ainda outra vez de sua memória.. A questão o intrigara sobremodo que ficou ainda por mais tempo a refletir, então veio algo lá de sua infância: Ouviu o som *Odwdwa*, que o recordou fragmento da história. A morte de um dos mais antigos obás, nos tempos da agregação dos povos edos, fez os chefes entrarem em furiosa disputa. Não havendo consenso quanto a quem seria, chegaram à unidade quanto a trazerem um regente de outras terras, do reino de Ifé. A história esvaeceu, era coisa muito antiga, mas voltou em seguida com a imagem de sete piolhos, que foram enviados pelo convidado a solver o problema, um poderoso rei dos iorubas de nome *Odwdwa*. Deixou o pensamento desvanecer e concentrou-se no local onde estava naquele momento.

Interveio, a seguir, após a fala teatral de seu colega interiorano:

— Como nos ensinou o santo Obá, e temos vivenciado ao longo de toda a nossa vida e, mesmo da vida dos que nos antecederam, os espíritos que hoje veneramos, é bom mantermos este relacionamento com os holandeses. Damos-lhes o que necessitam e recebemos o que precisamos para manter nosso Estado forte, dominando sem dificuldades nossas colônias.

— É verdade inquestionável — disse o Obayemí, antes pedindo reverencial licença ao obá para ponderar sobre o que dissera o chefe de Benim —, que mantemos um antigo e frutuoso comércio com os holandeses, mas ele se esgota em poucos itens...

— ... que são expressivos para nossa sobrevivência — atalhou Abiolá, o chefe interiorano. E ia se iniciar o diálogo antigo, quando o obá levantou a mão quase descuidadamente, mas com um gesto claramente imperioso para os seus dois súditos, que se calaram de pronto e se recolheram à seu lugar hierárquico.

Falou, enfim, após longa pausa, o obá:

— Temos convivido com os holandeses, é verdade, como nossos principais parceiros comerciais, desde tempos imemoriais. A própria história da fundação da cidade que você, Abiolá — Abiolá sentiu-se profundamente emocionado e satisfeito, pois raras eram as vezes em que o obá se importava em chamar qualquer de seus súditos, por mais importante que fosse na hierarquia local, pelo nome — chefia, se confunde com a vinda dos europeus holandeses. Conta nossa tradição que os primeiros europeus que aqui estiveram, ficando por longo tempo, foram os portugueses. Depois, e até hoje, todos os obás que me antecederam, consideraram os europeus como deuses do mar — deu uma ênfase para a palavra em edo, Olokum. Eu compreendo que os holandeses, ao contrário do que fazem os ingleses em outros cantos, tem estado aqui como parceiros, negociantes. Os ingleses tem-se tornado administradores, autoridades nos locais onde podem.

O Obayemí, vendo que o obá pausara, desusadamente ousou, olhos postos no chão, soltar uma palavra:

— Colonizam.

— E trazem mais coisas para o povo — aduziu Abiolá, sentindo, o instinto à flor da pele, que o todo-poderoso obá havia vacilado ante à intempestiva palavra de seu subordinado, sem admoestá-lo. E foi feliz no gesto, porque o obá também não o advertiu.

O obá fez o sinal de que saíssem; nada mais havia para ser dito naquele encontro.

Ambos os administradores fizeram as cortesias de praxe, e moveram-se porta à fora.

Fora da câmara real, Obayemí e Abiolá, qual duas paralelas que terminam, abrindo cada linha para um lado, sem um desnecessário adeus, seguindo cada qual atrás de suas crenças ou conveniências.

Obayemí preferiu seguir o caminho que levava ao santuário de Emotan.

Abiolá, antes de valer-se dos meios para empreender a viagem de volta a Ughoton, decidiu-se por aceitar um convite em aberto. — Faça um “*stop over*”, quando quiser, para um chá com *brandy* — convidara-o para uma visitinha o clérigo inglês, cabelos cor de palha de milho seca, levemente ondulado, de cara redonda e avermelhada, pela ingestão constante de conhaque e gim. Sabia que teria de passar algum tempo com um falastrão inconstante, com escasso relacionamento com Jesus e com os preceitos bíblicos, mas chegado a alguns ingleses que adoravam suas anedotas e trocavam confidências que Abiolá recolhia e sabia

transformá-las em pérolas de sua coleção informativa. Ali, então, como sempre, estar informado era manter-se um passo à frente dos demais.

Era um entardecer e Abiolá passou a caminhar por uma cidade muito avançada para os padrões da época. Havia uma longa e espaçosa avenida. Um holandês já comentara com Abiolá que mesmo a rua principal de Amsterdã era muitas vezes mais estreita do que àquela onde dava seus comedidos passos. E como a rua Warne, dos amsterdameses, era margeada por casas, com passeios enfeitados com árvores. O fim da rua por onde transitava Abiolá, ou seu início, tinha um portão de madeira, grande e muito sólido, guardado por uma sentinela, com uma passagem sobre um fosso seco, cheio de árvores muito altas. Adiante dos portões, como em muitas cidades, ficavam subúrbios ou zonas rurais, onde se alojavam os à margem da corte e da administração da cidade.

Após uma breve caminhada — o inglês tinha residência na parte interior da cidade — chegou à casa do britânico. Bateu com os nós dos dedos na porta da casa de Cranfield, sendo recebido, em seguida, por um escravo negro que se dobrou todo em reverências e mesuras ante à autoridade que batia à porta, sozinho, sem qualquer de seus vassalos. Não precisou dizer nem fazer nada, Cranfield apareceu em seguida abrindo-se em largo sorriso e desmedidas mesuras para dizer:

— Quanto honra... passe, por favor, sua eminência!

Abiolá, sem qualquer gesto, além de um sorriso leve, moveu-se para o interior da casa, dizendo enquanto passava pelo massudo britânico: — Alo, ministro!

Obayemí, mais ou menos neste instante, já estava sentado confortavelmente na casa de Emotan, o empório de ervas, poções e linimentos, que faziam tão bem ao corpo e à alma das pessoas que estavam a seu alcance.

Emotan havia servido ao poderoso Obayemí um de seus chás, uma espécie de calmante, que se adequava exatamente a homens de idade — o chefe já ingressara nos sessenta anos —, e que passavam a sentir reações inusitadas, nunca antes experimentadas, portanto incompreensíveis, como medo inexplicável, choro fácil, relutância em aceitar pensamentos contrários ou simplesmente diferentes dos seus, dificuldade para adormecer ou acordar no meio da noite e ver passar à sua frente, virando-se de um lado para o outro na cama, um mundo de problemas aparentemente insolúveis. O chá de Emotan, que Obayemí sorvia naquele

instante é o mesmo que já vinha tomando, havia algum tempo, e que se tornara um poderoso elemento de estabilidade emocional para o chefe de Benim.

A história da prescrição desse chá surgiu na confissão ingênua de uma das esposas do chefe. Buscando remédio para seu próprio problema, a relativamente jovem mulher, aliás a mais jovem dentre elas, aspirando, ainda, e faltava pouco, uns dois anos, entrar na casa dos quarenta anos, escorregou que seu marido se angustiava muito quando iam manter relações sexuais, e que tudo mudara quase que abruptamente. Confidenciou que o chefe se amargurava muito ao saber que tinha de se encontrar com Abiolá, e que o transformara, em sua imaginação, num inimigo terrível. Falou de sua angústia, mesmo, para despachar com o obá, coisa que sempre fizera com grande prazer e imensa honra. Afinal, era dos poucos homens no reino que podia ver o obá de perto, e praticamente todos os dias. Tinham a mesma idade e, naturalmente, cresceram juntos, cada um com destino certo: um seria o rei dos edos e o outro o prefeito da cidade capital do reino. As confissões da jovem esposa voltaram ao quadro sexual. O chefe não conseguia sustentar por mais que alguns instantes a ereção, coisa absolutamente anormal. Por ter mais de uma esposa, não raramente era capaz de satisfazer, na ociosidade que sua posição comumente ensejava, mais de uma delas, deslocando-se, pênis rijo, de um aposento para o outro, bastava atravessar um longo pátio, verdejante com suas plantas brotando em bem decorados jardins, e chegar às casas das mulheres e das crianças. Era um conjunto de bangalôs bem distinto da casa principal. Na casa principal, ou palácio do chefe, habitavam apenas homens: ele próprio, num quarto amplo, cheio de esculturas em marfim, madeira e bronze, peles curtidas de animais silvestres, imensos rolos de fazenda, cada um representando uma das vestes que usava em diferentes ocasiões, além de uma coleção muito esquisita de contas de coral — e outros, como filhos adolescentes, genros, enteados e empregados de atendimento permanente. Agora, continuou inconfidente a consulente de Emotan, ele não conseguia sustentar por mais de alguns instantes sua ereção, ejaculando-se de forma desastrada e prematura. Já não queria saber das outras esposas mais velhas. Sussurravam, a boca pequeníssima, pois o medo era o grande conselheiro, que era justo o chefe estar menos feroso, afinal, a idade chega para todos e, as mães de seus primeiros filhos, sessentonas como ele próprio, preferiam a quietude de novos tempos à dinâmica de outrora, quando ele movia-se pelo quintal como num carrossel. A consulta resultou na entrega à jovem de dois remédios: um para ela mesma resolver um quadro de eczema numa perna — era uma

espécie de pomada. O outro, fez gerar um conluio entre a velha sacerdotisa e a jovem esposa. Ela passaria a servir um chá verde, cujas folhas entregou naquele momento, e disse como deveria proceder, informando apenas ao marido que era um novo chá digestivo que lhe mandara Emotan. Obediente, o chefe passou a tomar o chá, e foi sentindo, sem se dar conta, suas ansiedades desaparecerem; o sono derrubá-lo no pós entardecer, acordando-se, apenas, para micções na madrugada; retomou o controle nos embates com Abiolá e, com grande satisfação, e sincero prazer para sua jovem esposa, viu suas ereções durarem muitos minutos.

Frente à frente, Obayemí e Emotan perscrutavam um ao outro. Parecia um exercício onde cada qual queria saber lá no fundo da alma o que se lhes passava pela cabeça. Ou, de outro modo, parecia que cada um tinha uma mesma preocupação, mas se sentiam incapazes de iniciar um diálogo a respeito desse aborrecimento comum.

Então as vozes vieram ao mesmo tempo e, como estavam cara à cara, o som parece que colidiu e fez cair numa palavra todo o seu drama:

— O príncipe!

— Hoje nós vamos atacar os oiós! — Exclamou imperativamente Obarô. — Eles são um povo atrasado e que não paga os impostos ao obá!

— E que armas nós vamos usar? — Indagou Idugbowa, futuro obá.

— As armas preparadas pelo mestre Kotoú. — Era uma referência ao valido de Idugbowa e predestinado artesão. Protegido, porque queria estar sempre perto do amigo, e por ele era aceito, apesar da distância nobiliárquica, não afastada de todo pelo fato de serem apenas meninos. Idugbowa tinha evidente inclinação para amar os cavalos e, da mesma forma, admirar as obras de arte que se empilhavam por todos os cantos do palácio, obras que Kotoú era capaz de reproduzi-las imitando-as em madeira, marfim e barro; e que seria capaz, se seu pai lhe ensinasse, de vir a fundir obras em metal usando a técnica da cera perdida. Seu pai o iria iniciar, naturalmente, nesse estágio; era, apenas, questão de tempo. Os mestres tinham linhagens hereditárias. Assim, o pai de Kotoú era o grande mestre das artes da capital do reino, vivia pois dentro do palácio real. Seu filho encontrava-se assim, em meio ao grupo, porque filho de uma das mais respeitadas figuras na corte, próximo ao nível do próprio prefeito e da

sacerdotisa. Idugbowa e Obarô valorizava seus trabalhos, especialmente as cópias que fazia de espadas, arcos, escudos e, mesmo, armas de fogo, que todos usavam em batalhas imaginárias, contra os inimigos de sempre, as vizinhas nações-Estado que viviam às turras com o obá, omitindo-se, sempre que possível, do atendimento das cobranças de pedágio, proteção e impostos que eram criados à medida que o erário de Benim demandava.

Obarô nunca vira o obá, ele mesmo, participar de uma guerra. Sabia que seu general, chefe dos guerreiros participava dos combates. Assim que, em seu sonho de ser obá, misturava essa condição com a de general e, somando as duas coisas, pretendia, como ouvira em conversas cruzadas, erradicar com os vizinhos. — Vamos exterminá-los todos! — dizia seu brado de guerra. Essa era uma impossibilidade tática que, se de fato, chegasse a se efetivar um obá haveria de constatar não lhe favoreceria. Havia que guerrear com os vizinhos, impor-lhes superioridade militar, mas jamais exterminá-los, porque eram, em muito, a razão da paz e prosperidade dentro dos muros do reino.

Idugbowa, futuro obá, a seguir-se naturalmente, sem incidentes a linha sucessória, tinha instintivamente esta compreensão, pois, mesmo menino, na guerra imaginária, contrariava seu irmão, ainda que movido por outros objetivos, estes mais humanitários do que comerciais ou de manutenção do *status quo*, mater as coisas como sempre foram.

— Não exterminá-los, ponderou Idugbowa, vamos fazê-los prisioneiros.

— E ter que alimentá-los! — Exclamou Obarô. — Não, temos que exterminá-los! Ou então vendê-los como escravos...

— Nunca vou vender ninguém como escravo. — Protestou Idugbowa

As duas jovens personalidades, com características demarcadas, passaram a se constituir no pano de guerra real, diversa da imaginária que iriam travar contra seus vizinhos oiós.

E mais ia se acirrar o debate quando, também imperiosa, veio a ordem de Iya Oba, a rainha, chamando seus dois filhos. O grupo se espalhou imediatamente e, Idugbowa e Obarô marcharam silenciosos em direção à casa da rainha. A casa da soberana, como na do chefe de Benim e de resto nas casas em geral no país, ficava fora do palácio de real. Era estilo atávico, seguido pelos plebeus, naturalmente, separar a residência dos homens das dependências para mulheres e crianças. Assim, constituía-se em unidade autônoma. Ali febrilmente as mulheres desempenhavam as mais diversas tarefas, principalmente de cozinhar, manter a limpeza,

confeccionar roupas e adereços, muitas produzindo de forma semi-industrial, vendidas para mulheres outras que as expunham nos mercados e caravanas.

Entraram na casa para se assearem, imposição permanente da rainha. Ela se encarregara de, pessoalmente, preparar seus filhos para substituir o obá. As questões domésticas, onde se incluía a instrução dos mesmos, estavam pois a seu cargo. Os dois se prepararam para o jantar, não sem antes ouvir, por entre as peças — poucas eram as portas — os sons de algumas mulheres que choramingavam, reclamando da rainha, as dificuldades que estavam experimentando em mandar seus produtos para antigos consumidores, afastados do reino. Havia cada vez mais a presença dos comerciantes britânicos, substituindo os tradicionais holandeses, e impondo novos hábitos. Compravam, os ingleses, como os holandeses, os mesmos produtos; os ingleses, todavia, começavam a se desinteressar, de forma assustadora, para tradicionais fornecedores, do comércio de escravos...

— As mulheres têm de seguir o que estabelecem nossos homens. Não há o que discutir quanto a isto — com grande ênfase falou de seu canto adornado Iya Oba, numa prédica endereçada ao mulherio presente. — Os homens de vocês vão e voltam das guerras. Cada vez mais temos problemas com nossas províncias. O santo Obá está gastando mais e mais com o exército para manter a ordem nas províncias. Por isto, e não por causa dos ingleses, fica mais difícil vender o que produzimos no reino. É mais penoso conseguir escravos para mandar para o Brasil.

Era um ambiente real, aquele, porém não diverso de um universo feminino, de forma que, mais imperiosa do que a fala da rainha foi o chorar, em quatro cantos do conjunto, de crianças com fome, com vontade de segurar mamas intumescidas de leite, de fazer cocô, xixi etc., e o assunto morreu por aí.

Abiolá, após ouvir um longo discurso do reverendo Cranfield, falou a respeito do trabalho dos missionários ingleses na Costa dos Escravos e no empenho de seu país em buscar novas alternativas de comércio para os povos da África.

— Não acreditamos que a África se esgote na costa, aliás, entre o Atlântico e o Índico há uma imensa massa geográfica a ser explorada — sustentou o religioso inglês. Apanhou de seu cálice bojudo, continha conhaque, que chamava de *brandy*, deu uma bebercada e prosseguiu, os olhos adiante da figura estática do africano à sua frente: — As sociedades humanitárias e científicas da Metrópole — referia-se, com um tom de supremo orgulho à

palavra — estão organizando mais e mais expedições para o interior da África. Uns querem levar a palavra de Jesus aos que a desconhecem e adoram divindades pagãs — sem surpresa nem reprovação audível, mas com profundo desdém, Abiolá contrapôs com um olhar a assertiva “pagã”; mas a arrogância do anfitrião foi incapaz de compreender a expressão de seu convidado. Assim que prosseguiu: — Com as sociedades humanitárias haverá escolas para os negros nos mais diversos recantos da África. Em Serra Leoa já tem algo exemplar. Dizem que lá para os lados do Índico, nas terras do Sudão é a mesma coisa. E, quanto à penetração no continente, nossa gente estará em busca de novas matérias primas para as indústrias que progridem aceleradamente tanto em Manchester quanto em Liverpool. Queremos mais algodão, e estamos dispostos a fazer investimentos na África, criar plantações em zonas adequadas, para abastecer as grandes indústrias de Manchester.

— E os escravos? — indagou singelamente o chefe interiorano.

— São novos tempos, estes — rebateu o inglês — os humanitários têm razão. Precisamos cristianizar os pagãos, encerrar com a chaga do tráfico negreiro e explorar economicamente o interior da África.

— E nós administraremos este novo mundo de que você fala?

— Sim... quer dizer, em termos. Administrar plantações modernas e ter máquinas para procurar por riquezas no fundo da terra precisa conhecimento especializado. Mas vocês têm suas tradições; podem mantê-las. Serão administradores de suas tradições junto a seu povo. — Arrematou o inglês, no contraponto à autoridade africana à sua frente.

Visto num cenário inédito para Abiolá a idéia não era de todo ruim. Afinal, era um novo mundo que se descortinava muito longe da África, um mundo de máquinas que eram impulsionadas por água fervendo e que ferviam pela queima de pedras retiradas do fundo da terra e, mais, que transformavam o algodão em fios finíssimos que trançados faziam surgir fazendas em grande quantidade. Não era a primeira vez que Cranfield e outros ingleses, haviam insinuado esse pensamento, que já chegara até Adolô, o obá. Este também oscilava entre a presença multissecular dos holandeses — o obá conseguia, mesmo, pronunciar muitas palavras na língua dos Países Baixos, tão longo era o ir e vir de holandeses em Benim — e tinha admiração pela impecável distância mantida quanto ao governo dos obás. Jamais insinuaram, sequer, algum desejo de administrar o país, de introduzir seus hábitos e costumes, de derrubar os ritos tradicionais do povo e erguer em seu lugar sua religião cristã. Portanto,

também, não traziam a escolaridade modelo européia. A tradição oral fazia a mesma referência aos portugueses — tendo sido os pioneiros em manter contato com os povos de Benim, no século quinze, os lusitanos jamais se interessaram em criar ali uma colônia. Negociavam com os obás e respeitavam-nos como chefes de um Estado soberano. Havia um distanciamento secular entre estrangeiros, mesmo os tradicionais holandeses, e os obás. Acercar-se do rei era uma tarefa muito difícil, somente atingida através dos canais de intermediários, chefes e integrantes de conselhos da corte. Falar holandês, conhecer a cultura, a história e o jeito de viver daqueles povos era mais comum entre os administradores, chefes das cidades e mesmo cortesãos de alta linhagem. Não poucos foram os Benimenses que viajaram à Holanda. Dentre estes, vários *uzamas*, integrantes de um conselho de Estado, através dos tempos, em disputa pelo controle dos obás. Abiolá, o chefe de Ughoton, anos atrás, mais jovem, já investido nos poderes de prefeito da cidade marítima, embarcou num dos grandes navios holandeses e foi conhecer a terra daqueles homens de cabelos cor de mel, de pele clara, que se tornava avermelhada, como sol em fim de tarde, bastava ficar um pouco mais exposto a ele. Abiolá, entretanto, não guarda em suas recordações da Holanda qualquer vestígio de sol; lembra-se, sem qualquer saudade, de um frio que fazia tremer seus ossos. Abiolá, portanto, tinha o dom de saber das coisas na língua em que falavam seus eventuais interlocutores: holandês e inglês.

Na casa de Emotan, em estado de completa descontração, já sob o efeito da dose extra do chá maravilhoso, Obayemí pedia à sua historicamente amiga que visse nas conchinhas, ainda outra vez, qual o melhor caminho para Benim. E explicava: — Nossa principal fonte de riqueza tem sido o tráfico. Temos, ao longo dos séculos, nos livrado de gente imprestável, que mandamos para trabalhar do outro lado do mar... — Obayemí fez uma pausa, quase que um momento de meditação, superando uma contrariedade íntima, e pensou: — Quanto abusos, homens como Abiolá têm cometido em nome desses julgamento dos destinados à venda para as Américas! — e prosseguiu com sua fala para Emotan: —... em troca temos recebido armas, cavalos, novidades das indústrias, nestes últimos tempos. Nossos produtos naturais que os interessavam tanto antes, já não importam mais, como peles de animais, pedras e corais e pimenta. As trocas se dão cada vez mais contra nós: mais pimenta, mais corais e menos armas, menos cavalos.

Cranfield, na sua argumentação, recebendo ainda em casa Abiolá, introduzia um novo elemento na conversa, que tinha peso negocial: — Nossos informantes dão conta de que dentro do Brasil há resistência ao tráfico. Assim, além de haver a barreira naval inglesa, que é furada aqui e ali, o maior importador atual de escravos começa a reagir dentro de suas fronteiras. — E arrematou, meio que triunfal, aquele representante clerical da política inglesa na África: — O Daomé, histórico inimigo de vocês, mas exportador de escravos, da mesma forma, começa a receber africanos que se tornaram libertos no Brasil. — E com exagero contrário aos fatos históricos, arrematou — São hordas de africanos voltando para sua terra natal, numa prova irrefutável de que a escravidão está mesmo morrendo. — E, como se tivesse esquecido algo de sua conversa, aduziu: — Houve uma revolta de escravos imensa no Brasil. Era a maior de uma série de outras pequenas. As autoridades temem que o Brasil venha a ser governado pelos negros, assim como ocorreu no Haiti. — Teatralmente, como se em verdade estivesse na boca do palco, não num púlpito, muito menos em sua casa, sorvendo pequenos goles, mas constantes, de *brandy*, falseou por completo dos fatos históricos e asseverou: — o Brasil vai pedir auxílio à Inglaterra para combater, dentro de suas fronteiras, os levantes dos negros. O governador do estado da Bahia já contactou o cônsul britânico nesse sentido.

Abiolá, apesar de não ser ingênuo, de saber com quem falava, viu em seus pensamentos que o seu interlocutor seguia uma linha lógica de pensamento e que se o Brasil, visto àquele tempo como uma potência econômica, tamanho o número de escravos que importava e a quantidade de açúcar que exportava, começava a ver na escravidão um problema sério, a ponto de pedir apoio à Inglaterra, o alinhar-se aos ingleses mais estreitamente fazia mais sentido do que ele e Adolô julgavam.

Como estava se encerrando talvez a primeira e única visita de Abiolá à residência de Cranfield, este calculou que não poderia deixar de plantar uma pequena semente, e assim fez: — Um tratado de cooperação entre a Inglaterra e Benim pode, perfeitamente, representar auxílio militar para conter as constantes revoltas nas províncias do reino, especialmente dentre os íbos e, sobretudo, num novo plano administrativo, as regras da chefia da capital podem, perfeitamente, ser alteradas.

Cranfield não deu tempo para qualquer coisa, pois sugeriu um brinde ao visitante e, executada a saudação, tomou a iniciativa de levantar-se, insinuando ao visitante que o encontro

havia terminado. Abiolá, mergulhado nas últimas palavras de Cranfield demorou um pouco para se erguer; levantou-se então e rumou para a porta, atravessando-a à caminho de um grupo de homens que o esperavam: eram os seus auxiliares, carregadores, áulicos enfim. E seguiu o rumo de Ughoton.

Obayemí também era um homem informado. Da mesma forma, tinha amigos, nacionais e estrangeiros. Aliás, sua posição de chefe da capital, fazia com que houvesse uma verdadeira fila de espera para quem quisesse ter uma audiência com ele. Nessa fila se incluíam nacionais, com pedidos de ajuda, de intermediação de justiça junto ao obá de concessão de terras e, os estrangeiros, alguns com pedidos semelhantes aos nacionais, mas muitos deles pombos-correio de mensagens que vinham da Europa e que tinham o objetivo comumente escondido em entrelinhas e insinuações vagas, visando a manutenção, pelos holandeses, de sua relação multissecular e, dos ingleses, de incluir Benim dentro da nova perspectiva do *Fioerign Office*, Ministério do Exterior inglês, como território a ser explorado em busca de mais matérias primas para as sedentas indústrias inglesas e de consumidores para o que essas mesmas indústrias produziam; e mais, para a busca de outras matérias primas, estas escondidas no fundo da terra. A África não era mais um ponto de interesse para comerciantes de Liverpool: eles como intermediários do negócio e àquela, como fornecedora do produto humano disputado pelas Américas.

Na composição das peças nesse tabuleiro de xadrez havia ainda um outro elemento que perturbava Obayemí, o prefeito de Benim: os holandeses estavam perdendo o apetite pelo comércio com seu país. A balança, considerava o experiente auxiliar do obá, se inclinava lenta, mas inexoravelmente para o lado dos ingleses.

As mesmas informações que Abiolá recebera de Cranfield, quanto ao Brasil, o prefeito tinha-as de outra forma: o Brasil resistia, com exceção de algumas autoridades, no estado da Bahia, efetivamente temerosas dos levantes de escravos, em manter o tráfico. Se era verdade que consentia que uns poucos africanos declarados libertos pudessem voltar para a África — não necessariamente para a nação-Estado de onde foram exportados —, permitia igualmente a inúmeros navios de bandeira brasileira, norte-americana e européias continuar usando dos mais diversos expedientes, e portos pouco conhecidos, para burlar as normas, que, timidamente, começavam a ser implementadas para controlar a importação de escravos. Passou-lhe pela

cabeça a lembrança da história de um certo brasileiro de nome Joaquim d'Almeida, rico negociante de escravos, possuidor de grande quantidade de terras no Brasil e em Lagos, que teve seu navio, *Minerva*, apresado pelos ingleses. Ele era um dos que se valia de portos clandestinos para desembarcar sua carga humana no nordeste do Brasil, e usar a farsa de declarar estar apenas transportando lastro, ao ingressar com navios vazios em portos controlados, como os da Bahia, Recife ou Rio de Janeiro. Recordou-se, da mesma forma, Obayemí, do horror que esse d'Almeida tinha dos africanos chamados malês, escravos muçulmanos, que haviam provocado uma grande revolta na Bahia. Nesse episódio, usou de todos os meios de que dispunha para que fossem domados e mantidos em cativeiro, enquanto que as autoridades públicas ordenavam o repatriamento dos malês e outros negros revoltosos, o que foi feito em grande escala.

Portanto, a partir dos informes de que dispunha o Obayemí, o tráfico negreiro iria ainda muito longe, apesar de no Brasil haver sido abolido em obediência a tratado assinado com os ingleses.

Essa rodada negocial, que envolvia o despacho com o obá entretido pelos prefeitos das duas maiores cidades, estava se encerrando, após o homem de Ughoton visitar o inglês Cranfield e o outro, de Benim, endereçar-se à casa de Emotan. Novos desdobramentos iriam ocorrer, em semanas, nos meses seguintes, conduzindo os caminhos de todos a um encontro futuro. Uns poucos anos adiante.

Adolô, apesar de ser o santo obá era, também, um pai, portanto, com claros interesses voltados para a questão de sua sucessão. Idugbowa era o filho mais velho, *edaiquem*, aquele que esperava viesse a sucedê-lo no trono de Benim.

Assim, as pessoas da corte viam de longe, com respeito, e com admiração reverente, o poderoso homem e seu filho examinando um cavalo:

— Veio da Síria, filho. É um exemplar raro. Um mercador holandês deixou aqui. É teu.

Os olhos de Idugbowa marearam, suas pernas fraquejaram, mas não a ponto de se dobrarem, afinal, tinha formação real e devia fazer por esconder fortes emoções.

— É o mais alto de sua espécie — pausou o obá — um metro e meio.

Idugbowa deteve seus olhos, nos grandes, imensos, olhos do animal, buscando já naquele momento um espaço em seu coração. Queria ser amigo do belo animal, e desde o primeiro dia. Ampliou o olhar e foi deslizando por sobre o pelo curto e, podia ver mesmo um pouco distante, sedoso, a emenda com uma cauda alta e, naquele momento, empinada. Era baio.

— Da cor do ouro! Exclamou Adolô. Cuida dele, filho, como se cuida do tesouro real.

As palavras do obá calavam fundo na mente do jovem, mas ele dividia seus pensamentos. As palavras do pai eram assimiladas, mas ele introjetava a imagem da crina sedosa do pescoço equino.

O pai fez um sinal para um ajudante e este fez a cavalaria mover-se em direção ao futuro rei.

— Posso montá-lo? — Indagou Idugbowa.

— Não, não pode. — Imperioso, falou o obá. — Eu queria que tu o visse. Aí o tens. É teu. Teu pai está te apresentando o presente por antecipação.

Reverente, Idugbowa não demonstrou o desapontamento interior, mas indagou, olhos baixos, quando poderia montar o animal.

— Bem o sabes... depois de tua iniciação.

Idugbowa deixou-se ficar, ainda em companhia do pai, próximo, quase tocando o animal, os demais detalhes: pescoço fino, crânio largo, garupa e dorso bem na horizontal. Ali estavam, flectindo a cada instante um dos quatro membros finos e longos. Neste instante, Idugbowa lembrou-se de Adnaloy, uma das mulheres de Obayemí, para ele uma velha, mas que tinha as canelas e ancas rijas como às do cavalo árabe à sua frente.

— Leopardo. Posso chamá-lo assim, pai? — Idugbowa indagou vividamente, com um misto de súplica e desejo intenso de conseguir o pedido.

— Sim, é um belo nome para um animal veloz. Em breve verás quanto é verdade.

Adolô fez outro sinal com a cabeça, e o cavaliariço ordenou ao animal para que se afastasse dos nobres senhores. Idugbowa viu o animal distanciando-se em direção ao estábulo. Grudou os olhos em Leopardo, despreendendo-os apenas quando este adentrou o abrigo dos animais reais, um local com aparência superior em cuidado e bom gosto do que muitas das casas, mesmo dentro dos muros da cidade.

As coisas do comércio em Benim eram complicadas. A informação que Adolô deu a seu filho, logo no início da visita às estrebarias, era uma meia-verdade. De fato, o cavalo era árabe e, por certo, deve ter vindo da Síria ou da Mesopotâmia, apenas que por caminhos tortuosos e havia já muitos anos. O holandês, homem de recursos, tinha interesse em manter-se em bom relacionamento com o obá. Portanto, de fato comprou um cavalo árabe e deixou-o nas dependências do palácio real. Mas o cavalo era o produto da troca de escravos que o holandês possuía, numa operação realizada em Lagos. Os pais de Leopardo, o nome que o cavalo acabara de receber, já estavam havia algumas gerações na África alta, em locais onde era propícia a criação de cavalos, longe da savana. Os prepostos do holandês haviam feito uma longa jornada, da origem nas terras muçulmanas da hoje Nigéria até o Reino de Benim.

A história da montaria árabe presenteado poderia ser contada por um certo Olosegum que enquanto o obá mostrava com intenso prazer o cavalo árabe a seu filho, conversava, em sua confortável casa, na rua principal da cidade de Benim, com Vincent Van der Nassau, o obsequioso holandês, sempre pronto para atender aos pedidos mais estranhos de Olosegum — para gratificar ao Obá — esclarecia. Verdade ou não, o fato é que na situação inversa, quando ele necessitava de algum favor especial de Adolô, quase sempre o conseguia, mesmo os muito difíceis, como costumava dramatizar Olosegum; coisas que podiam ser ou não difíceis de obter dentro da casa real.

— Fiquei sabendo que uma partida de negros altos, vindo de longe, dos lados dos montes nevados — uma referência imprecisa aos montes Kenya e Kilimanjaro, mas definitiva quanto aos possíveis seres: kikuyos e maasais — está por chegar a Benim.

— E você quer o quê? — Indagou Olosegum.

— Uma parcela boa...

— Esses escravos passam pelo administrador geral do Obayemí.

— Então!

— Então tem mais uma pessoa envolvida na negociação.

— Mas o Obá tem interesse direto nesse tipo de carga.

— O Obá sempre tem interesse direto nas cargas.

— Então? Parece que ele absorve toda a margem da negociação; nesse tipo não cabe mais ninguém.

— Sempre cabe mais alguém... e você sabe disto.

— Bom, no que me concerne, gostaria que você fizesse os contatos para me garantir um número expressivo de altos...

— Vinte, chega?

— Não brinque com isto — foi enfático o holandês — estou falando de duzentos, no mínimo.

— Você sabe que os ingleses se interessam...

— Como, os ingleses? — cortou o holandês — eles estão fora disto.

— Não estão, não. — Olosegum gerou uma expressão dura para acrescentar: — Muitos desses missionários estão envolvidos no negócio dos escravos. E eles têm condições de chegar, por eles mesmos, até os ouvidos do Obá.

— Conto com você, Olosegum; conto com duzentos negros altos para eu mandar para acima do equador. Só eles resistem essa viagem iniciada no outro lado da África e que termina no frio enregelante do Norte.

— Vou ver o que faço.

A última frase não encerrou a negociação; terminou a conversa sobre aquele negócio em especial, que atraía o interesse do holandês. Continuaram falando sobre cavalos e esportes que se praticavam usando aqueles belos animais, em meio a um cenário interno de duvidoso bom-gosto e indisfarçável ostentação, coisas que comumente andam juntas. Amontoavam-se, sem ordem, peças que um dia iriam ser alojadas em cristaleiras requintadas, no British Museum, em outros museus de grandes cidades européias e norte-americanas, mas também no Museu Nacional de Lagos, Nigéria. Eram cabeças forjadas em bronze e em latão, trabalho executados por artesãos reais, em sua produção secreta. Gravuras em madeira e magníficos entalhes em marfim. Num canto parecia que, naquele detalhe, Olosegum havia sido tocado por um sopro de bom gosto— resalta, pela incidência de um foco de luz, uma exgtraordinária coleção de contas coralinas. Havia, também, uma grande quantidade de coisas ocidentais, sem utilidade prática no conceito cultural de Benim: pinturas a óleo, livros em holandês, alemão e em inglês, como uma rica Bíblia, encadernada em couro e com debruados de ouro —, e, para encher os olhos de um grande número de pessoas amantes da guerra ou da caça, uma

portentosa coleção de armas de fogo. Olosegum tinha, para ele próprio, um museu e uma modesta, na quantidade de volumes, biblioteca, que não podia ler e, o museu, sem qualquer ordenamento. Van der Nassau, certa feita, desejou obter — você me presentearia? — e face à negativa, foi adiante: — Compro. Faça o preço! — Não está à venda, e muito menos vou dá-la. — Referiam-se, ambos, à uma cabeça de mulher em bronze, em verdade a peça de maior destaque no ambiente, tanto pela imponência da produção artística, exuberância de seus contornos, quanto pelo local onde estava depositada. Preta, a luz natural que se infiltrava no ambiente ensombrecido, fazia com que claros e escuros salientassem o talhe do artista. A luz se refletia, no centro da cara ovalada, dando a impressão, mesmo no bronze, de uma pele humana oleosa, pela devolução da luz incidente sobre si. Na lateral da face, além de olhos moldados com acuidade e percepção, orelhas pequenas, muito discretas. Nos adereços, o artesão havia posto uma malha, que se assentava como um capacete pontiagudo, deixando, num retângulo, meia testa de fora. Testa que terminava sobre sobrancelhas que aplicara, como quatro pequenos retângulos, simétricos em cada metade da frente, separados por duas marcas, maiores que os retângulos, iniciadas na parte superior do nariz, como que expondo, em relevo, as fossas nasais interiores. O nariz era chato, marcadamente tal, como característica daquele grupo étnico, assim como os lábios, cada um deles, mostravam debruns carnosos a emoldurá-los. A cabeça assentava-se sobre um pescoço em que anéis, colocados uns sobre os outros, reproduziam sim colares feitos de contas de coralina, que na criação do artista pareciam dar-lhe sustentação. Era, sem dúvida, um rosto de rainha, *doce e compassivo*. Esta imagem, que deveria estar num altar do palácio real, pelos desvios dos negócios escusos, retratava uma rainha, produzida há muitos séculos, pelo menos a história oral assim indicava.

Horas depois, Olosegum sentava-se à frente de outro personagem, Obasanjô e acertava em cento e cinquenta o número de escravos altos — homens que podiam medir dois metros e dez centímetros e mulheres com até um metro e noventa centímetros de altura. Tinham também o dom de percorrer grandes distâncias, em marcha batida ou correndo, com baixo índice de fadiga. Recuperavam-se em seguida, com o alimento e o sono. Este acerto significava a colocação de mais um elo na corrente que ligava o tráfico ao Estado, num negócio altamente rentável para a sociedade de Benim, que, nos altos escalões, podia usufruir mesmo da arte, a famosa Arte de Benim.

— E quantas peças de pano da Costa? — Indagou Obasanjô, uma espécie de mercador nato. Ele era iorubano, não um edo. Mas nascera em Benim e seus pais ali permaneceram até que, chamados de volta a Eko, como continuavam a chamar a atual Lagos — eram diplomatas —ele preferiu dar continuidade aos negócios que experimentava com grande sucesso.

— A situação está muito confusa no Brasil — ponderou Olosegum. E prosseguiu, numa explicação longa, cheirando a desculpa esfarrapada para tirar mais proveito comercial: — Um ajunto de Abiolá aproveitou a estada do chefe de Ughoton em Benim para me fazer uma visita. Chrou suas mágoas, lamentando que os navios que têm chegado do Brasil trazem os produtos muito mais caros que nunca. Fica difícil comerciar com eles. Choramingam que têm de até colocar fora no mar certo número de escravos, porque onde aportam não há condições de absorção de grandes números. Alguns deles têm racionado a compra de alimentos, e os abastecedores do porto estão indo à falência, fazendo com que em meio da viagem comece a faltar comida e têm de fazer escolha entre os que vão comer e os que vão morrer de fome ou jogados no oceano.

— Não acredito nessas histórias. Eles querem é desvalorizar nossas cargas e aumentar o preço das deles. — Fulminou Olosegum.

— Não! — reclamou o interlocutor — a coisa está ruim, mesmo.

Intransigente, Olosegum insitiu: — E quantas peças de pano da Costa?

O pano da Costa, um dos mais requisitados itens de exportação do Brasil colonial, partindo da Bahia, era vendido como pão quente. Em verdade, o pano da Costa teve sua origem na África ocidental, e ao longo dos séculos se constituiu em matéria para produção de vestimenta feminina, em especial. Foi, também, em muito exportado para o Brasil, a fim de abastecer um considerável mercado que foi se formando, da vestimenta rudimentar dos escravos, depois destes e dos libertos, mas que, com o passar do tempo, no século dezenove, face à produção brasileira em escala industrial, passou a abastecer os antigos fornecedores.

A posição geográfica da cidade de Benim, conhecida muito antes da chegada dos portugueses, no século quinze, favorecia sua condição de entreposto de negócios. Era uma cidade cosmopolita, visitada por comerciantes das mais remotas localidades africanas. Por ali passavam certos alimentos, peixe seco, animais domésticos vivos, óleos comestíveis, raízes, alguns cereais, feijões, fumo, metais e carvão para fundição, sal e ouro, têxteis, calçados, produtos da escalada industrial européia; enfim, transitavam tanto as coisas que vinham como

matérias primas do interior da África, e que seguiam para além-mar ou eram absorvidas por Benim ou reexportadas para seus vizinhos. Homens, assim, como Olosegum, Obansanjô e, mesmo, o chefe de Ughoton, porto marítimo, tiravam partido ao máximo das operações comerciais que, teoricamente, eram exclusividade do obá. Teoricamente, posto que o obá tinha de ficar no palácio deixando nas mãos de seus subordinados a gestão de uma rede de intermediários. Como parece ser também da natureza humana, ali havia exceções; nem todos eram corruptos ou se deixavam corromper.

A conversa comercial desandou para um ponto grave quando se encaminhou para um rumo que desagradava a ambos. Na defensiva, Olosegum sugeriu: — O chefe Obayemí está reclamando falta de pano para suas costureiras. Como é que vamos satisfazer ao chefe?

O ingresso desse elemento era destabilizador em qualquer negociação daquela natureza, porque aquele era o homem mais próximo do obá; e naquele submundo havia a certeza, entre seus habitantes, de que Obayemí era um homem correto, que ignorava muitas coisas, alguém poderia até classificá-lo de ingênuo, mas que se viesse a tomar conhecimento de algo que julgasse errado o obá ficaria sabendo, e a pena de morte vigia sendo o obá o único a determinar sua execução, o que fazia sem qualquer angústia.

— Não tenho pano da Costa, e isto é verdade, e temo que não vá consegui-lo tão pronto. — Contemporizou Obasanjô, a voz sugerindo um lamento. Mas, num crescendo propôs: — Está vindo um lote considerável de tabaco da Bahia. É para os holandeses, é verdade, mas pode-se conseguir em valor mais ou menos igual ao que você deseja em pano da Costa.

Sorriso aberto, afastada a questão Obayemí, o intermediário assentiu, empurrando com gestos corporais seu visitante na direção da porta:

— Trato feito, quando vem o fumo?

— Não demora muito, venho comunicá-lo.

Harry Charles Cranfield tinha uma bela casa em Benim e num anexo que a ela se integrava, mantinha uma espécie de casa de reza. Não era uma igreja propriamente dita, mas

um local de orações e convicção de nativos. Aqueles eram tempos, em Benim, quando os ingleses representavam sociedades humanitárias, sediadas nas principais cidades inglesas e que, os tempos ensinariam, não buscavam apenas o que apregoavam e tentavam coagir os outros a fazer: combater o tráfico de escravos. Assim, como Cranfield, um missionário, missionários espalhavam-se pelas África toda. Tinham grande aversão à costa — chamavam-na de *withe men's grave*, ou cemitério de brancos —, tamanha a mortandade de europeus que o impaludismo causava. Cranfield guardava em seu diário de vida uma estada em dois pontos da costa, Costa do Ouro e Lagos, tendo adquirido nesse porto a malária que não o matara, mas que ia e voltava, causando crises de ciclo imprevisto, quase todos prenunciando uma morte que, para sua felicidade, desusadamente não acontecia. Eram, tais ciclos, controlados por um chá, infusão com a casca de uma pequena árvore, amarga como fel, mas eficaz no baixar à febre e, por conseguinte, evitar convulsões e outros efeitos nocivos da malária. Mais companheiros de sua saga, e foram muitos, haviam sido inoculados com o plasmodium dos mosquitos contaminados e já estavam em baixo da terra, tendo na cabeceira a lápide que desejariam, se houvessem podido escolher, tê-la semi-enterrada num cemitério anglicano, em casa.

Neste momento apenas a casa estava cheia. Ontem seu recanto de reza da Bíblia, versão do rei James, primeiro, estivera ocupada por um pequeno punhado de nativos, atraídos menos pelo linguajar bíblico do que, por pobres, pelas comidas e poucos presentes que o ali religioso oferecia. E cheia estava a casa de brancos comerciantes. Bebiam gim, *brandy*, cerveja, vinho e empanturravam-se às mãos-cheias com comidas da terra, produzidas viscosamente com azeite de dendê.

A festa na casa de Cranfield, verdadeiramente, regurgitava — estava a transbordar de tanta gente. Deveria estar absolutamente normal para aquela gente européia, a festa onde soltar gases intestinais, tampouco sonoros e benfazejos arrotos, não causava espécie. A temperatura constante na cidade é elevada, portanto, as pessoas suam intensamente durante o dia e, sem se banhar, recamam o sal da secreção sudorífica num processo constante e fétido. As roupas, comumente inadequadas, muitas delas continham componentes de couro animal mal curtido, produzindo um odor muito característico. Podia-se ver, a um certo canto, alguém com uma bota calçada e a outra não, enquanto coçava, por entre um furo num simulacro de meia, o que

poderia ser a casinhola subcutânea de um bicho-de-pé. Falar alto e bravatar, era o tom, assim como narrar histórias de horror, classificando-as com uma boa piada — *a good joke*:

— ...então a negra, no convés, solta para ser lavada... vocês precisavam ver como fedia aquele animal... — risos generalizados, e tapas nas coxas de pernas flectidas ou nas costas de desbragados ouvintes — apanhou sua cria e colocou-a no colo. Tinha uns sete anos, o potrinho. Eu estava num canto do convés, e tinha certeza do que ela ia fazer. Mas estávamos curtos de alimentos, parte da carga iria mesmo ter que ser lançada ao mar. — Os risos pararam, apenas para dar ouvido ao narrador, não que o silêncio nascera de qualquer tipo de apreensão com o que iria ocorrer. — A negra foi indo caminhando de costas... bem devagarinho até a murada do navio. Ela dava um passo para trás e espreitava para ver se alguém cuidava o que ela estava fazendo. Não, ninguém estava preocupado com ela; havia uma azáfama em atirar água na carga. E ela marchava para trás. Sentou-se, num impulso, na amurada... e ninguém olhou. Ela olhava para o convés do navio, suas costas estavam para o mar, vários metros abaixo. A negrinha presa no peito da negra. Eu via tudo, lá longe, quieto, mascando um naco de uma ruma de fumo. Ela abraçou, ainda mais, como que esmagando contra si a negrinha, e emborcou, caiu, sem um grito sequer, no mar, lá embaixo. Cuspi o fumo, e dei às costas. Eram duas bocas a menos.

— E a negra morreu? — Indagou uma voz cujo tom tinha tudo de curiosidade, uma gota sequer de piedade. Pareceu até ao narrador que era galhofa a pergunta.

Fantasiando, para dar mais sabor à história, disse “não”. — O tubarão que apareceu gostava apenas de petiscos e comeu só a negrinha...

Muitas risadas e apupos, além de brindes com as canecas que continham suas bebidas.

Outra voz se intrometeu para contar o seu caso. Todos em volta pararam o riso, continuando a bebericar de suas canecas:

— Eu não sou sodomita, — disse e recebeu de volta uma onda de contestação que era mais uma confissão comum de que todos ali ou já haviam praticado sodomia ou, mesmo, gostavam daquilo. Prosseguiu.

— Sempre me chamou a atenção o traseiro das negras, especialmente àquelas lá do Congo e de Angola. — Referia-se, por certo, às que a hiperlordose congênita tornava-nas portadoras de volumosas nádegas.

O narrador continuou: — Pois estávamos transportando uma carga de negros de Angola, e eram apenas homens naquele grupo. Certa feita, depois de uma longa caminhada, paramos numa clareira, boa de sombra e com uma pequena cascata com água fresca. Era impossível para os negros fugirem, assim que os libertamos para tomar água e se molharem, se quisessem. Um deles, deveria ser um negrinho de uns dezesseis anos, ficou por mais tempo na água, e eu fiquei apreciando seu corpo nu. Ele estava de costas para mim. Era tão tentador, parecia uma daquelas mulheres bundudas lá de Angola. Fiquei a admirar aquela peça, e meu corpo começou a reagir. Quando me dei conta havia, só de ficar olhando o negrinho, me molhado todo. Dentro de minhas calças era uma gosma única! — Risos gerais e incontidos. Ovações e tapas nas costas e ingestão de goles de suas bebidas.

Prosseguiu: — À noite, quando dormia... — Fez uma pausa para dramatizar sua narrativa. Continuou: — ... vocês precisavam ver o corpo dele. Era uma perfeição. Afinal, tão jovenzinho! Fiz uma promessa para mim mesmo: ele passaria a ser minha fêmea e, por isto, eu ia amestrar ele, sem machucar. — O silêncio era sepulcral. Apenas alguns ruídos do engolir um pouco de bebida, por um que outro dos atentos ouvintes. Prosseguiu: — Ele estava cansado, dormia a sono solto. Amarrei suas mãos, os pés já estavam acorrentados. Ele dormia de bruços. Ele nem notou a prisão de suas mãos; afinal, amarar e desamarar era rotina que escravo não estranhava, após algumas semanas de deslocamento pelo mato. Como ele estava imobilizado, apanhei um pouco de azeite de dendê untei minha mão e comecei a passar, levemente, sobre aquelas grandes e bem formadas nádegas, até que esparramei o óleo sobre o ânus, escondido entre as nádegas. Lubrifiquei minha vara... — O silêncio rompeu-se para dar lugar a risos incontidos. A bondade do narrador, aliada à desgraça iminente do personagem, gerou uma onda de cumplicidade entre todos os que ouviam. A onda de prazer geral decresceu para o narrador informar o que fez a seguir.

— O grito de horror do negrinho foi tamanho que eu mesmo me assustei. Os outros negros também acordaram, se assustaram, constataram o que acontecia, mas temerosos viraram suas cabeças, como que lavando às mãos ante o ocorrido. — O narrador gerou um clima de surpresa, constatado na maneira como sua platéria ficou calada.

— A dor que ele sentiu — o narrador se referia, naturalmente, à dor física; ele era incapaz de compreender a dor moral, irreversível que causara ao jovem estuprado — foi abrandando, pois deixei passar dois dias e, quando ele dormia, voltei a me acasalar com ele. E

ele não gritava mais. — Júbilo no auditório. Alguém até chegou a interferir na narrativa: — É assim mesmo, depois eles até gostam.

A história que ele queria contar, quando iniciou a narrativa, deveria ser entendida como uma história triste. Seu despreparo, todavia, conduzira a narração para onde estava — o vangloriar-se de um ato considerado como viril. Tanto que, assim terminou:

— No fim daquela semana, minha fêmea pediu para ficar sem as amarras. Concedi, afinal, era minha fêmea; me respeitava. Gostava de mim. Deixa-me penetrá-lo à noite, é claro que estava amarrado. Pois então, sem as amarras, fez sinal que iria apanhar um coco, e foi subindo árvore acima. Era um coqueiro muito alto. Ele demorou um tanto para chegar lá em cima. Então, sem explicação, ficou com suas pernas abraçadas a haste de uma palma. Estava de cabeça para baixo. Aí, abriu as pernas, caiu no espaço e virou, sem seguida, uma massa de carne dilacerada, ossos quebrados e expostos e uma poça de sangue, bem aos meus pés.

A festa de Cranfield teve até um momento de glória para o anfitrião, quando alguém indagou se ele era, mesmo, descendente de um certo Cranfield que sofrera *impeachment*, quando ministro do rei James, o patrono de uma versão da Bíblia que Cranfield usava sempre. Respondendo em voz alta apregoou a ascendência nobre. Todos ficaram felizes, afinal não importava, já havia sido esquecido o motivo do impedimento: corrupção, algo, assim, hereditário.

A um canto, depois de se desvencilhar de alguns convivas, Cranfield achou tempo para conversas em voz mais baixa — afastara-se da algazarra — com um outro inglês, recém chegado de Ughoton. Atravessara o Atlântico no impressionante HMS Warrior, da Marinha Real Britânica, o último de uma série de grandes navios de guerra, construído nos estaleiros de Portsmouth Royal Dockyard. Sua passagem por Serra Leoa, Costa do Ouro, Lagos e agora Ughoton, em Benim, não deixava dúvidas quanto ao desejo inglês de mostrar seu poderio imperial. O navio, para os anos do século dezenove, era só comparável, em nossos dias, a um dos gigantescos porta-aviões norte-americanos.

Extremamente discreto, o capitão-de-fragata Harry Levingston Sauer fizera o máximo esforço para não ser notado. Tinha uma missão a cumprir e essa envolvia Cranfield. Foi direto ao assunto:

— A aproximação final com Adolô tem de ser executada com mais empenho, mesmo que não envolva muita rapidez, mas tem de ser decisiva. A questão de Lagos havia sido

resolvida de outra forma; Benim tem outra importância e desempenhará outro papel no relacionamento com a coroa. E esse papel é uma estreita cooperação entre a Inglaterra e obá. Ele está tendo muitos problemas em suas colônias e nós poderemos ajudá-lo a por cobro às insubordinações.

O oficial visitante e o sistema que ele representava, não confiava de todo em Cranfield; afinal, era um religioso usado como instrumento da inteligência britânica; não era formalmente um agente infiltrado e treinado para isto. Por tal, deixou como suposto caminho a ser seguido no futuro pelos ingleses, algo diferente do que haviam feito em Lagos, que passara a ser uma colônia britânica. Aos ouvidos de Adolô, pelos labirintos que representavam seus assessores e cortesãos, que se comunicavam com Cranfield, deveria chegar a versão de uma cooperação, jamais de anexação. O oficial inglês, que estivera à paisana no grande festim, passou a seu anfitrião uma série de informações, magnificadas, relativas aos prejuízos que chefes insubordinados e descontrolados, em importantes rotas comerciais, estavam causando a Adolô.

— Guarde isto, ministro Cranfield — concluiu seu trabalho o oficial — Adolô recuperará todo o fluxo comercial perdido, bastando apenas que venhamos a apoiá-lo, firmando um tratado de cooperação militar.

Antes de partir pediu a outro loiro jovem, ali seu companheiro, mas em verdade um ajudante-de-ordens também à paisana, que entregasse uma caixa de madeira para Cranfield. Sem abri-la, o que poderia chamar a atenção de algum curioso, esclareceu:

— Faça chegar às mãos de obá Adolô. Diga que é um presente do Ministro dos Negócios Exteriores da Coroa Britânica. É uma obra de arte da engenharia bélica britânica: uma arma de carregamento pela culatra. Junto há uma estoque razoável de cartuchos de disparo. E arrematou:

— Há outra caixa, dê de presente ao general Akpô.

Viajava em direção ao porto, no dia seguinte, o marinheiro inglês, quando recapitulando cada palavra e insinuação que plantara, teve um devaneio ao recordar certa aula de história, na Britannia Royal Navy, a Escola Real Naval, quando aprendeu a diferença entre dois ministros de James, primeiro, que haviam sofrido *impeachment*, por parte do Parlamento: um era o pensador Francis Bacon, o outro, seguramente parente daquele padre aldeão, um ladrão do Tesouro Real, que se chamava Lionel Cranfield, um comerciante que se tornara tesoureiro real.

Na cabeça do capitão-de-fragata Harry Levingston Sauer, filho de tradicional família inglesa, não passou, porque a história tinha de conservar a imagem do pensador íntegra, que o impedimento parlamentar de Bacon foi por haver sido condenado por corrupção passiva: aceitou suborno.

Neste mesmo dia do embarque do oficial britânico chegava um pedido de Cranfield para um encontro com Eyô Akpô, chefe do Exército de Benim, detentor do título de *Iyase*, como o prefeito da capital.

O sacerdote inglês conseguiu para daí há alguns dias a reunião que desejava. Tinha o objetivo claro de cumprir a ordem recebida pelo oficial, ou seja, encontrar meios de fazer a entrega a Adolô do presente deixado em nome do Ministro dos Negócios Exteriores da Coroa Britânica. No dia do encontro Cranfield apareceu com duas caixas exatamente iguais, carregadas por auxiliares nativos. Adentrou a casa do general, e Eyô Akpô o recebeu amigavelmente. Sentaram-se e, à frente do militar, foram depositadas as caixas.

— São presentes, para vossa excelência, uma caixa, e a outra para o Rei.

Eyô Akpô não simulou desinteresse, com os olhos deu a entender que uma das caixas deveria ser aberta imediatamente. E ratificou esse interesse com um gesto da mão que se seguiu. Um dos carregadores empurrou a caixa mais para perto do general, e Cranfield ergueu seu avantajado traseiro do banco revestido com pele de leopardo, curvando-se para abrir uma jeitosa fechadura dourada. Fez algumas medidas para simular dificuldade em encontrar a chave e outras para dar a volta na fechadura e, após o clique que rompeu o silêncio que se fazia, abriu-a. Apareceu ante aos olhos do soldado algo realmente impressionante, especialmente para um militar. A moderníssima arma, para uso individual, era uma obra prima em seus detalhes. Eyô Akpô não se fez de rogado e apanhou-a, empunhando-a de forma correta, encostando a culatra em seu ombro, apontando para um espaço perdido entre o local em que estava seu visitante e o nada.

Cranfield fez uma sumária exposição sobre a situação da indústria bélica na Inglaterra. Falou do uso experimental dessas armas, que dependiam de cartuchos recheados de pólvora, com uma ponta ogival descartável, que era o projétil, que chegava a atingir um objeto distante dois quilômetros. Contou que as armas haviam sido usadas experimentalmente na guerra da Crimeia, com grande sucesso, e que em breve poderiam armar o Exército de Benim. Mostrou, ainda, no estojo-presente, uma repartição onde se alojavam centenas de projéteis.

O general Eyo Akpto examinou com cuidado e olho acurado a arma, sacudindo a cabeça em tom de incontida surpresa e profunda indagação ante um detalhe que, em verdade, viria a mudar para sempre as armas de fogo: a alimentação pela parte de trás — culatra, Cranfield introduziu o neologismo — e abastecida com um novo elemento, uma peça única e recheada com a pólvora que antes era carregada em sacolas — projétil, o inglês colocou em circulação o segundo neologismo.

— Tão pronto estejam disponíveis organizarei para que uma carga experimental seja posta à disposição de seu exército. — Falou o religioso, querendo cativar ainda mais o general.

Demorou muito tempo o exame que Eyô Akpô fez da arma e da munição que acompanhava. Depois, passou a ouvir a história que o oficial inglês havia plantado. Ao fim da visita, pediu Cranfield para que a segunda caixa, que era exatamente igual à primeira, fosse entregue, no momento que o oficial julgasse conveniente, ao obá Adolô. Não mencionou seu interesse em que a história que passara adiante, vinda de Londres pelo oficial visitante, fosse levada ao obá. Isto ele sabia: com a arma, sua culatra e seus projéteis inquestionavelmente a história estaria junto.

A arma, todavia, seguiu por um outro caminho, jamais sonhado, nem por Cranfield, muito menos pelo nobre capitão-de-fragata, que subestimara os meandros do sistema social de Benim. Homem tranqüilo, frio e calculista, para as coisas da defesa de seu país e de seu senhor o rei, era, assim, um reverente e leal súdito do obá; reverencioso, da mesma forma, às crenças de seu povo e às instituições religiosas, a tal ponto de aceitar, como honrosa escolha de Osanobua, deus supremo, o fato de ter um filho homossexual, devotado integralmente às lideres religiosas, desempenhando o papel que lhe cabia junto a Emotan, e entregando sua carne, a juntar-se com a de um semelhante, fato que a sociedade local aceitava como normal, naquela circunstância cultural religiosa.

O general Eyô Akpô mandou um de seus ajudantes-de-ordens levar a bela caixa, artisticamente produzida em madeira nobre, à casa de Obayemí, o chefe da cidade de Benim. O objeto chegou ao prefeito após passar por um bom número de auxiliares, dizendo-lhe o derradeiro mensageiro, que aquele era um presente para o obá e que o general Eyô Akpô viria entregar a caixa, pessoalmente, no dia seguinte. Obayemí ouviu a mensagem e continuou executando o que fazia, sem dar importância ao estojo, que não obstante achou bonito.

O dia seguinte chegou e no entardecer, sem hora marcada ou qualquer aviso, o poderoso general Eyô Akpô adentrou o palácio do chefe de Benim e encontrou-se, deixando no caminho curvados e reverentes assistente, parentes e convivas, todos a afastarem-se à medida em que passava, até chegar a um pequeno bosque, no interior do que se poderia chamar de grande pátio, o mesmo pátio ao fundo do qual postavam-se as casas de suas mulheres, onde descansava, recostado numa cadeira especial, seu velho amigo Obayemí. Cumprimentaram-se, à moda local, como se não se vissem há um século. Perguntaram, respectivamente, citando nomes, por familiares, bens semoventes e algumas árvores. Reverenciaram mortos ilustres, mortos não tão ilustres, mas amigos comuns, cujos espíritos estavam agora sob as águas e começaram a rememorar coisas do passado.

A rememoração do passado, dos dois respeitáveis cidadãos de Benim, traziam uma mistura de aceitação do tradicional e repúdio ao que a vida, como homens públicos, lhes havia mostrado com relação aos europeus. A tradição, baseada no empirismo transferido de geração para geração, via oral, ligava os europeus — mais precisamente os portugueses, primeiros a tocar o chão de Benim — às águas. Eles chegaram das águas e sua estada se confundiu, com o passar do tempo, com os holandeses, também vindos pelas águas — trazidos, portanto, pelo mais importante símbolo de sua mitologia, Olokum, o deus das águas. Chegados pouco antes de se encerrar o século quinze, ficando a fazer comércio nas centúrias adiante, esses europeus fizeram os nativos conectar divindade e prosperidade. Com o comércio marítimo trazendo bens de consumo da Europa e levando matérias primas não só de Benim, mas de muitos pontos do interior africano, que transformaram Benim numa encruzilhada comercial, o reino dos obás projetou-se adiante de outras nações-Estado suas contemporâneas. É compreensível, portanto, a imagem constante hoje em dia no Museu Nacional da Nigéria, e que naquele momento jazia a um canto da casa do prefeito, de um bronze que retrata um soldado possivelmente português, com um capacete, malha de metal no uniforme, empunhando uma garrucha, significando, na tradição oral, que os portugueses portavam, potencialmente, o perigo e a riqueza.

Nem Obayemí, tampouco o general, repousavam muita confiança nos europeus. Esses dois tinham mais restrições, ainda, aos ingleses. Ambos achavam que os movimentos sub-reptícios dos britânicos eram suspeitos; deveriam ser cuidadosamente examinados. Os dois sabiam que o obá, mesmo influenciado por outras forças, era um genuíno nacionalista, um amante da tradição de seu povo, do que, aliás, era o guardião supremo, mas ouvia aqueles que

apoiavam os ingleses. O general, ao fim da longa conversa, tempo em que o dia foi tragado pela noite chegante — estavam os dois na penumbra conspurcada apenas por luminiscência vindas de lamparinas, queimando óleo de dendê, nas casas das mulheres em contínua azáfama — disse mansamente:

— O padre inglês me visitou. Levou duas caixas. Uma deu para mim. A outra, que ele diz ser semelhante — eu não a abri —, é para o Obá.

Seu companheiro continuou respirando mansamente, cabeça baixa e não falaria nada, como de fato não o fez. Prosseguiu, então, o general:

— Se são iguais, contêm uma arma muito moderna, alimentada não pela boca, como as que temos, mas por trás — culatra é o nome que deu —, e ao invés de comer bolinhas de chumbo, o que ela vomita vem numa embalagem de metal, dentro da qual está a pólvora e na ponta o elemento de sai e atinge o alvo — projétil, ele disse.

Tudo isto era uma concepção nova, absolutamente incompreensível para o prefeito. De forma que, sentindo que algo de importante ali estava, e que poderia ameaçar de alguma forma seu país, cometeu dois movimentos. O primeiro, sacudiu a aparente apatia com que ouvia esta parte da conversa com seu amigo e que tratava do presente ao obá. O segundo, e mais grave, mas pensado naquele instante e assumido, foi o de, em verdade, interceptar um presente para o obá.

— Como eu posso ver o presente?

— Eu tenho uma chave. A caixa está fechada. Aqui está.

O general seria solidário a vida toda ao seu amigo *uzama*, mas um temor interior, o respeito atávico ao obá o impediu de tomar a iniciativa, no fundo de seu ser, sacrílega. Eram hierarquicamente iguais. Obayemí além do comando administrativo da capital possuía o título de *Iyase*, como o general, ou seja, chefiava também o exército. Mas tinha fastio para tanto, assim que esse encargo era exclusivo de Akpô. Passou então a chave às mãos de Obayemí e, num gesto suave, reverente genericamente — sua humildade era para com o *uzama*, para com o obá, para com os deuses — se afastou, olhando como que de viés ao que fazia o amigo.

A caixa foi aberta e seu conteúdo exposto. O prefeito apanhou a arma e impressionou-se, no quase escuro total do local, com o que via. Fez um gesto, as mãos estavam ocupadas, com a cabeça, que o general entendeu como de mandar alguém aparecer. E do nada, imediatamente, apareceu alguém todo encurvado, pronto para receber uma ordem. Voltou em

seguida esse serviçal portando um lampião potente, daqueles vindos da Europa, que tornou dia aquele recanto onde estava a arma.

O general então passou a explicar como funcionava a nova máquina de guerra. E Obayemí compreendeu sua importância em um segundo. Viu, sem que nada lhe fosse dito, na intuição que a vida assegura a certos homens, que estava diante de algo imbatível. Sentiu a distância imensa que separava o exército de seu amigo, afinal, o exército de seu povo, diante de soldados que portassem armas como aquelas. Obayemí ficou mais chocado ainda, no tornar-se perfeito seu raciocínio e temor, quando o general falou:

— Atinge um alvo a dois mil metros de distância.

A arma ainda não havia chegado até o obá. O prefeito decidira que ela estaria em mãos dele, tão pronto fosse marcado o próximo encontro, que deveria ocorrer em no máximo dois dias. Ele, todavia, calculava e recontava se e como deveria contar ao obá a mensagem que veio junto com a arma, na versão militar que o general Eyô Akpô lhe passara, diferente da que o religioso inglês trouxera. Seu filtro expurgou o exterior da mensagem, concentrando-se em seu cerne, no que ela tinha realmente de significado logístico entremeado ao palavrório estéril. Assim, o chefe da cidade de Benim carregava uma batata quente, e tinha de administrar o problema segundo suas crenças e convicções.

A conversa dos velhos foi, entretanto, indiscretamente ouvida por um dos jovens da casa do chefe de Benim. Este repassou-a, à sua maneira, a Obarô, segundo filho na sucessão do obá, inocente quanto à importância do que falaram, nem entendeu bem o que diziam, mas ressaltou, para agradar seu importante amigo, o presente que o obá iria receber, uma vez que Obarô era fascinado por armas e guerra.

Sem saber, a amizade imemorial do obá com seu prefeito da capital e, mesmo, a posição de Obayemí, esteve a ponto de ruir, com a tomada de uma medida drástica do obá, houvesse ele atendido o pedido de seu filho para recebê-lo. O jovem queria contar que o chefe da capital havia visto um presente real antes do obá, o que se constituía em romper um tabu, e rompimento de tabu real podia representar, fosse quem fosse, a imposição da pena de morte. Daí a preocupação do general e a seriedade da decisão tomada por Obayemí. Ganhou o reino, com a negativa da audiência, porque o assunto do jovem herdeiro se esgotou no círculo dos meninos. O destino estava a balançar, mas pendeu novamente para o lado de Obayemí quando Owonrrawen, príncipe herdeiro, soube da nova arma destinada ao obá, mas não atinou para o

fato relevante de que o chefe da cidade havia interceptado o presente real. Ficou muito curioso em ver a arma, que, sim, já se encontrava em mãos de seu pai e que o tratando de forma diversa que a seu irmão, recebeu-o sem que qualquer audiência fosse marcada. O obá deliciou-se, junto com seu *edaiquem* manipulando a moderna e sofisticada máquina de guerra.

A batata quente continuou nas mãos de Obayemí, mesmo após a entrega da ama, pois contrariando a estratégia vinda de Londres, apenas o fuzil caiu nas mãos do rei, em seus ouvidos gotejou uma discreta menção ao governo da Inglaterra

Na audiência com o prefeito Obayemí, ao receber a arma, disse o obá:

— Vamos retribuir-lhes com uma obra de arte de nosso *iguneronmwan*. — Referia-se ao mestre dos metais, pai de Kotoú. Ficou assim encerrada a troca de gentilezas entre ingleses e edos.

Obayemí concordou sem restrições nem sugestões. Saiu da entrevista, que deixara o obá genuinamente feliz, tendo de jogar mais uma cartada, e esta envolvia pessoa que ele não incluía em seu círculo de amigos: o prefeito de Ughoton. Falaria antes com Emotan.

E o fez. Voltou, com o prazer de sempre, à casa da sacerdotisa, onde o olor das folhas verdes, misturado com o rasto de vegetais secos, tinham o condão de, já adentrado nos anos, voltar à sua meninice. Eram odores que lhe diziam da infância, filho do chefe de Benim, recebendo carinho da *ogwega* que antecederia à Emotan, Obayemí crescera naquele ambiente medicinal e espiritual.

Como sempre, a velha companheira serviu-lhe do chá. Conversaram sobre trivialidades até que Obayemí pôs na mesa suas preocupações. Emotan preferiu apanhar o conjunto de quatro fileiras de conchinhas, cada um com quatro búzios, lançando-os ao azar.

A leitura, interpretação da posição em que as pequenas unidades calcárias ficaram trouxeram Emotan a recordação um outro encontro que tiveram, pouco tempo atrás, e que na recorrência fazia com que a questão se tornasse efetivamente relevante; a manutenção da sociedade Benimense, na forma como eles a conheciam e como desejavam conserva-la. A posição dos búzios lembrara assim quando, de forma comum, ambos externaram sua preocupação com relação ao Príncipe. Ele representava a sucessão do obá, e a sucessão de Adolô poderia se encaminhar para um destino diverso do que eles, Obayemí e Emotan, desejavam, ouvindo, ambos, às vozes dos ancestrais.

— Obayemí, você tem uma missão que se inicia claramente agora.

— Não Emotan, não se inicia agora. Já a carrego como minha responsabilidade há anos.

— Mas você assume agora, perante os ancestrais, a responsabilidade de moldar o futuro. Você passa a ser responsável pela sucessão tradicional em nossa nação; mas fique certo de que, mesmo que as coisas não aconteçam, num primeiro momento, como estaremos esperando, a nação perderá, e renascerá, sofrendo adiante por muitas gerações, mas ressurgirá gloriosa dentro do ventre de algo maior ainda. A Terra dos Negros. — Encerrou Emotan, recolhendo as quatro fileiras de pequenas conchas, depositando-as no repositório que somente ela tocava. E, como se houvesse esquecido de dizer algo, no momento em que Obayemí se levantava para ir embora, disse mansamente, gerando em seu amigo o mesmo efeito produzido pelo chá que prescrevera, tirando um peso dos ombros do prefeito de Benim:

— Não vá a Ughoton. Esqueça Abiolá, por algum tempo.

Obayemí voltou, com seus assessores e vassalos para seu palácio, sentia-se, com a responsabilidade dos ancestrais, revelada por Emotan, mais leve. E descontraído foi a casa de uma de suas mulheres.

No mesmo dia em que o brilho dos olhos do *edaiquem*, o filho mais velho de Adolô, Idugbowa, enchiam de alegria o pai que indicava o cavalo que seria seu, o Leopardo — naquele mesmo dia, em instante diverso Kotoú era levado por seu pai ao interior de um sacrário: a casa onde produzia suas obras. Na tradição benimense, Ovaitiocum, pai de Kotoú, era uma espécie de deus, um *iguneronmwan*, mestre dos metais. No pensamento histórico, Osanobua, deus supremo, criara o mundo e os seres que nele estão. Os artistas, por consequência, eram como deuses quando em processo de criação, produzindo sob a inspiração desses.

Kotoú, de tempos em tempos, migrava, espiritualmente, do mundo material. Seu corpo ficava, como que cataléptico, o espírito se transportava para alhures. Não importava se em

casa, ou brincando com seus companheiros, de repente acontecia. Entrava numa espécie de transe que os meninos não entendiam. Deixavam-no ficar assim até que um deles o cutucava, trazendo-o de volta ao seu convívio. Não sabiam, todavia, que um dom muito especial levava-o a lugares exóticos, onde as pessoas vestiam-se de maneira inexplicável, as ruas das cidades eram diferentes das de Benim, e falavam de forma estranha, mas que ele conseguia entender. E que ao ser trazido de volta à realidade, jamais se lembrava do que havia ocorrido. Esses transe eram explicados pela cultura oral, que dizia ainda sobre os artífices, como era seu pai e ele seria um dia: o artista recebe o poder da criação — na língua edo, *ase*, em sonhos e visões, geralmente precedido de um processo de grande sofrimento. Muitas vezes, pensam assim os benimenses, a pessoa se revela como um artista através da divinação ou da possessão. Mas, num certo momento, o artista é comandado diretamente por Osanobua ao criar coisas e matérias encontradas no mundo visível. Ah!, existe na cultura Benim o mundo invisível.

Pois Kotoú finalmente adentrava no sacrário artesanal de seu pai. Para qualquer pessoa, tratava-se de uma oficina com muitas coisas mal ajeitadas; com pedaços de madeira ou, mesmo, toras e pranchas; havia barris que continham cera de abelha. Lá estavam cubos de cobre, zinco e estanho, usados sozinhos ou combinados na confecção de ligas, como bronze e latão. Mal cuidadas — ladrões não ousariam tanto — havia sobre bancadas pepitas de ouro, que ele usava fundindo-as na confecção de objetos diversos. Kotoú movia-se como um zumbi, maravilhado com aquele mundo fantástico de quinquilharias e obras de arte em princípio, meio e acabadas.

Tinham igual importância, para os dois meninos de mesma idade, a estrebaria real, com seus cavalos puro-sangue, vindos de lugares remotos e as barras de metal, os cadinhos onde, enfumaçados e velhos, ele constatou por si mesmo, fundiam-se os metais. O pai explicou-lhe sobre a execução de um processo alquímico que, junto à corte, apenas ele sabia e estava credenciado a fazer. Kotoú, em breve, seria como seu pai, um *iguneronmwam*, o artista dos metais, muito superior ao *igbesanmwam*, artesão que produzia peças em madeira e em marfim. Kotoú, num transe, adiante, iria ensinar a sua arte presente a um descendente materialmente inconcebido — desgarrado entretanto seria, no torvelinho do comércio de homens para a América.

Homem calado, não se incluía em suas rotinas, no seu jeito de agir, conversas com suas mulheres, mesmo a sênior dentre elas, que não era a mãe de Kotoú. Assim que a iniciativa tão

aguardada pelo jovem de um dia entrar na oficina o colheu de surpresa. Mas ficou muito mais estupefato à medida em que o *iguneronmwan* passou a descrever, didaticamente, cada uma das peças, seus objetivos e funcionamento. Deteve-se, com um resumo histórico, na missão de homens como ele, e na importância do trabalho na preservação da cultura da nação. Kotoú sentou-se, por determinação do pai, como um aluno na escola, e passou a ouvir a descrição do processo de fundição que usava como um dos componentes a cera de abelha. O *iguneronmwan* movimentava-se, pacatamente, apanhando alguma coisa aqui e acolá, tornando aquele encontro em, se podia dizer, uma aula teórica da técnica de fundição. Kotoú já havia demonstrado exaustivamente a seu pai e especialmente aos amigos sua capacidade de artesanato, dom com o qual nascera. Transformava pedaços de madeira, galhos de árvore, sobras de marfim e, moldava o barro, com uma habilidade notável. Tinha certeza que um dia faria o mesmo com as ligas metálicas.

Praticamente repetindo, com outras palavras, aquilo que o obá dissera ao seu príncipe herdeiro, ao mostrar-lhe o cavalo, o pai de Kotoú falou:

— Tu ainda não vais começar a trabalhar aqui. Só após haveres, como os demais jovens de tua idade, participado do festival de iniciação. E como está perto, faz parte da tradição que eu te traga aqui.

A atitude tradicional e formal do pai fora um verdadeiro abrir portas para o jovem futuro artesão dos metais. A oficina, modesta quem sabe, na visão material de uma pessoa comum, ganhara a dimensão de uma imensa caverna, com sombras e claros, exatamente como uma das formações que conhecera, juntamente com outros meninos, nas proximidades do grande rio, que, mal sabia, iria ser a ele conduzido, como parte do processo que seu pai iniciara naquele dia. O jovem não teve como conter a pergunta, assim que sentiu que poderia falar:

— Por que, meu pai, na sua maioria são cabeças as *criações dos iguneronmwan*?

O mestre achou procedente e adequada a pergunta, e deu uma pequena lição a seu pupilo:

— Nossos dois mundos — *erinmwin* e o *agbon* são partes de um conjunto de forças do bem e do mal, cada qual em busca do controle, assim, em luta permanente entre eles. Da mesma forma — prosseguiu o mestre, mais modesto do que professoral — os seres humanos: possuímos dentro de nós poderosas forças, da mesma forma buscando uma suplantar a outra. Igualmente, em permanente conflito. E elas, meu filho, estão em toda parte de nosso corpo...

qualquer parte dele, do importante dedo polegar do pé esquerdo ao mais extraviado dos fios de cabelo em uma cabeça.

O *iguneronmwan* coçou a cabeça, numa relação reflexa à referência ao cabelo, e prosseguiu:

— Existem, entretanto, pontos onde uma e outra têm maior concentração. É o que acontece com a cabeça, *uhunmwan*, que é onde reside o conhecimento; o outro é a mão, *obo*, a sede da ação. O primeiro dos *iguneronmwan*, criou a cabeça de uma rainha. Seus sucessores, como eu, também criamos a cabeça das rainhas que passaram enquanto estamos vivos. As cabeças retratam o que vai na sede do conhecimento e das sensações do ser, são assim um desafio para o artista. É extremamente complicado por no molde o que os olhos retratados trazem da alma; o que a pele, pelo estado de tensão está dizendo; as narinas e especialmente os lábios. As cabeças que estão aí, por toda a parte, são exercícios que tu estarás realizando, a vida toda, para ser capaz de produzir a cabeça da rainha de tua geração. E ela estará, em verdade, participando de uma competição que se repete desde que Iguegha veio de Ifé, a cidade sagrada dos iorubanos, e ensinou aos artesãos como se transformarem em *iguneronmwan*.

O mestre já havia falado mais do que fizera em muitas semanas. Assim, parecia cansado. Exaurido. Como ficava ao fim de uma obra. Mas buscou o que restava para ensinar metade do grande segredo: — Tu não vais jamais criar cabeças de obás, mesmo depois que partir ao encontro de uma das minhas quatorze encarnações.

A outra metade ele contaria depois da iniciação de Kotoú, quando ele adentraria, para cumprir uma rotina perene, na oficina real: seguindo a tradição — Adolô, o obá reinante, iria interrompê-la, mas o mestre não soubera, nem mesmo em suas premonições desse evento futuro —, quando da morte do obá sua cabeça é decepada e enviada para Ifé, local de onde viera o primeiro dos *iguneronmwan*, para que, em troca, retorne a cabeça em bronze do obá falecido.

O mestre estava realmente extenuado. Assim que, marcou um outro dia, o do encontro sagrado entre ele, seu filho e o rio.

À margem do rio Olokun, quilômetros do centro de Benim, na semana seguinte, vestido quase igual a seu pai, trajando roupas brancas, imaculadas, sentaram-se à sombra de um salseiro. Os galhos da velha árvore, porque encarquilhada e grossa, pendiam tocando às águas qual caniços de pescadores, embebidos, sugando do barrento rio a correr languidamente,

a seiva que os mantinham viçosos. O rio Olokun parecia uma lagoa. Pai e filho ficaram longamente em silêncio. Nenhum ruído no ar, além do piar de um ou outro pássaro distante. Ali, nem as lavadeiras, com seu cesto sem fim de roupas sujas, podiam ser vistas. Tampouco era tempo das oferendas e das cerimônias de iniciação, de homens, mulheres ou sacerdotisas. O velho *iguneronmwan* escolhera a dedo o local e o momento. Assim que, silentes, reverentes, tementes — ficaram por largo tempo vendo o rio passar. Instante adiante, admirado — parou o nada que fazia —, assombrado — buscou refúgio, numa expressão corporal, a quem o pudesse proteger, mas ninguém o fez —, espantado — Kotoú iniciou a ouvir um rumor — não havia ninguém por perto —, um bulício — de onde estaria se originando? —, um troar surdo: era como se o rio houvesse se transformado numa imensa caixa de ressonância. Os olhos do jovem Kotoú diferiam dos de seu pai: dele eram esbugalhados, na dimensão do pânico. Grandes bolas, centradas por pupilas de um preto profundo, com micrométricos capilares que, juntos, davam um tom avermelhado ao morredouro dos globos de ver. Eram, os olhos de Kotoú, o espelho de uma pequena alma em estado de total perplexidade. Os do pai, caídos, voltados para o rio, sem surpresa — eram os olhos de alguém que se encontra com o esperado, sem qualquer novidade, talvez com emoção interior, mas muito profunda, tão íntima que não chegava à porta exterior, das reações faciais, de algum tique corporal, de olhos que, pretos como os do filho, começavam a alterar o brilho, no caminho do baço.

E falou o *iguneronmwan*, mestre dos metais:

— Estou te apresentando, meu filho, ao mundo invisível. Poucos podem ouvir a vida que se contém sob as águas.

— É como aqui em cima, meu pai?

— É como aqui em cima, mas em convívio com Osanobua, nosso Deus supremo.

— Eles têm casas e lutam em guerras?

— Não lutam mais e não têm casas, do jeito que temos... Mas continuam sendo os chefes de nossas famílias.

— E por que o ruído vindo lá de baixo?

— Porque os outros deuses, os espíritos dos ancestrais, o espírito dos que partem cedo, todos estão junto a Osanobua..

— Olokum... vamos vê-lo?

— Haverá o tempo que tu estarás com ele, mesmo sem haver partido em uma das desencarnações porque passamos. Quando estiveres produzindo alguma obra especial, Olokum, o deus das águas, vai sair do grande rio e vai estar contigo.

Com quatorze anos, Kotoú já havia ouvido versões diversas das perguntas que fazia naquele momento a seu pai. Conversara sobre este assunto com os demais companheiros, especialmente Idugbowa, o futuro obá, predileto de Emotan, a sacerdotisa. Mas nunca ocorrera de estar à margem do rio, tampouco com seu pai e muito menos com a materialização das histórias mal contadas: no fundo do rio viviam os deuses, os ancestrais, que eram uma espécie de divindades, pelo menos para cada grupo de famílias e, assim, concebidos pelo sistema cultural, e que, como na terra, valiam-se dos tambores como veículo de suas manifestações divinas. Onde estivessem os espíritos, também se faziam ouvir os tambores.

— É Olokum maior que Osanobua, nosso Deus? Indagou o jovem, esperando resposta para uma das muitas questões teológicas que se constituíam em ponto de debate entre seu grupo. Afinal, seu universo espiritual era dividido em dois e havia uma quantidade imensa de divindades, onde se incluíam até mesmo os antepassados.

— Há um ditado antigo que diz é possível alguém gerar um filho mais poderoso do que o pai.

Explicava o mestre o ensinamento tradicional segundo o qual Deus gerou um primeiro filho, e deu-lhe o nome de Olokum. Aduziu: — Com o crescimento desse, passou-lhe todos os encargos do dia-a-dia, como questões da fertilidade, saúde e progresso material. Na visão, pois, de nossos povos, Olokum tornou-se mais importante do que seu criador. — Arrematou.

O mestre dos metais, então, pediu ao filho que ficasse em total silêncio e com os olhos fechados. Um instante após, Kotoú pode sentir que o ruído vindo do fundo do rio Olokum tornara-se o som de um gigantesco festival. E antes que abrissem os olhos deu uma última explicação:

— Algumas pessoas quando vêm ao rio, num momento de paz como este, podem ouvir o som dos tambores das almas dançando no reino das águas. Então, Olokum põe para secar, na margem do rio, peças de latão, conchas de calcário e contas de coral. Com todo o seu poder, não se importará com quem as levar. Conta a história que assim se iniciou o tesouro dos obás, no princípio dos tempos.

Kotoú abriu os olhos antes que o pai o fizesse e, maravilhado, viu a seu lado algumas das peças de Olokum, secando ao sol.

Juntaram as oferendas, e, a passos comedidos, sem palavras para trocarem, os dois se afastaram dos chorões, marcharam pela clareira imediata à margem do rio, embrenhando-se primeiro numa densa mata. Empreenderam uma jornada de meio dia antes de chegarem aos portões principais da cidade de Benim.

Os meninos moradores da casa real e das casas de hierarcas, liderados naquela geração pelo futuro obá e seu irmão mais velho, além de outros meio-irmãos dos herdeiros, estavam prontos para o ritual de iniciação, quando passariam de um para outro estágio da vida — iniciariam a vida adulta.

À véspera do primeiro dia de um ciclo completo de iniciação, a durar por mais de uma semana, com conseqüências que poderiam chegar à morte por gangrena ou infecções incontroláveis e que, em alguns casos, se estendiam para o resto da vida, Emotan, a sacerdotisa real, juntou-se a Idugbowa. Ela, como o futuro obá, também vestia-se de imaculado branco — a cor predileta de Olokum, representativa da pureza — e com ele, apenas com ele, caminhou até um determinado canto do terreno do palácio real onde começou a obrar um montículo de barro. Ao mesmo tempo em que atuava como uma industriada oleira, executava uma seqüência de rituais até que, pronto o pequeno outeiro, nele inseriu uma baliza de madeira com uma pedaço de pano, parecendo uma flâmula. E disse:

— Este é o teu *bará*. Talvez o caminho na seja o mais suave, aquele que terás de trilhar como obá, mas vais abrir sendas para novos tempos. É o que determina Osanobua.

Obasanjô estava agora em Ughoton, a fim de participar do desembarço do carregamento de fumo que havia chegado do Brasil, como principal intermediário e retalhista. O importador era um ex-escravo brasileiro, velho comerciante que enriquecera já no Brasil, comprando sua liberdade e passando a integrar o comércio forte que se estabelecera entre a Bahia e à Costa dos Escravos. Assim, além de fumo vinha, sim, uma grande lote de panos da Costa, que iria desaparecer numa operação de camuflagem tão pronto o navio, de nome *Destemido*, atracasse no porto.

Obasanjô era um tipo de personagem absolutamente característico que se tornaria muito popular na costa africana; parecia vestir uma máscara a esconder, atrás da face, uma personalidade sinuosa, capaz de fazer coisas pouco recomendáveis, para atingir seu objetivo de viver bem. A palavra antiga, de origem desconhecida — os de Gana dizem que surgiu na Nigéria, ocorrendo o contrário nesse país, face à rivalidades que se perdem no tempo —, retrataria este personagem: *kalabule*.

Assim Obasanjô, neste momento, no exercício de sua perfeita condição de *kalabule*, na casa de um rico comerciante inglês, Skidmore, fazia a seguinte ponderação, tendo em seu colo uma jovem prostituta, estúpida, mas esplendidamente constituída; uma imagem que não escondia, nua como se encontrava, qualquer curva, arredondamento, saliência e até reentrância anatômica.

— Você vai ter o pano que precisa, mas tem que ceder o fumo.

— Não vou ceder qualquer coisa. — Endureceu o inglês.

— Vai sim, o fumo eu destinei ao representante do chefe de Benim, que como você está cansado de saber, é o negociante do obá.

Mentia com a impunidade nascida da falta de alternativa para o inglês de confirmar as assertivas do homem à sua frente, com o monumento feminino a seu colo, que apesar da incotestável beleza plástica do corpo e, também da preciosidade do rosto, tinha-o suado, naquela tarde excepcionalmente quente de um dia da estação das chuvas, quando a umidade do ar, somando-se ao calor, fazia as pessoas literalmente verter água pelos poros. Obasanjô não se importava com o detalhe sudorífico, entretinha-se passando sua mão por qualquer das partes expostas da mulher, misturando o prazer de mentir, enganar, com o da carne.

— E tem mais uma coisa, *prezado senhor* — acrescentou com fingida afetação, para o título que empregou — posso conseguir aquilo que você realmente quer e vai representar um grande negócio não aqui, nessa pegajosa e fedorenta Ughatom, mas lá na sua terra fria.

— E o que é? — Indagou o inglês, mudando a posição na cadeira em que se encontrava e apanhando, num tique nervoso, o cachimbo de forninho apagado.

— A licença para vocês instalarem uma escola religiosa pertinho daqui, não exatamente onde vocês escolherem, mas fora de Ughoton.

— E quem vai dar a licença?

— Ora, o obá!

— Ele já negou antes.

— Mas vai conceder.

— Por que você tem tanta certeza?

— Porque uma de minhas mulheres, você sabia?, é filha do prefeito de Benim.

O inglês não era um tolo, afinal já estava ali há décadas, tanto que naquele momento falavam utilizando a língua nativa, o edo. Assim que duvidou enfaticamente, primeiro do relacionamento alegado. — Você é um iorubano. — Revidou, num embargo, o inglês. — Portanto, não está casado com filha nenhuma Obayemí.

— Que ousadia, oh, *meu lord*, desacreditar de minha palavra! — Exclamou com zomba na voz o comerciante, livrando-se do fardo que começava a cansá-lo: a mulher pelada. Ela literalmente tombou no chão, recuperando-se em seguida e ficando com uma expressão vazia, os olhos perdidos mirando adiante, os seios empinados, ofegante e pronta para que ele fizesse dela o que desejasse. — Tenho uma das mulheres na minha casa, em Benim, que é filha do Obayemí. E posso arranjar o que seu governo tanto deseja.

Sagaz, o inglês, superou a primeira dúvida, que não engolira de todo. Permanecia a segunda: a importância zero que a maioria das mulheres tinham no universo dos edo. Fora a rainha, que não raramente era mais poderosa do que o obá, e de algumas mulheres da religião, sobrava em importância e que, portanto, eram ouvidas pelos homens, umas grandes comerciantes; mulheres que com habilidade comandavam os mercados, chefiando hordas de vendedoras, ajustando compras com comerciantes, importadores e exportadores, mantendo conexões, mesmo, na intrincada trama do comércio de escravos. Fora estas, sabia bem o negociante inglês, que agora espichava seu braço, fazendo sua mão bolinar a bunda semi-encoberta com uma espécie de tanga, de outra mulher, que se aproximara do local onde estava, e ficara de costas para si, apanhando algo numa prateleira — as demais eram como aquilo ali, ou então, como submissas mães de família, despreparadas quanto a qualquer tipo de conhecimento, que não as tradições, rezas, remédios e festivais. Portanto, concluiu pensando, mesmo que fosse verdade que ele, iorubano, estivesse casado com uma das filhas de Obayemí, ela jamais teria trânsito junto ao pai para pedir algo, sem levantar suspeitas de que um homem qualquer, quem sabe seu marido, estaria por detrás.

— Façamos o seguinte — tentou fechar o assunto, o inglês — você consegue o que diz que eu desejo. Ótimo, como você sabe que é importante... e eu respeito a sua capacidade de

saber as coisas que as pessoas realmente necessitam... assim, consiga o que diz que pode conseguir e nós pagaremos o preço que você solicitar. E será mais do que pano da Costa — *be sure indeed* — mudou para o inglês a expressão “pode crer”.

— Outra coisa — falou Obasanjô, dando a impressão de que iria contra-argumentar, porém mudou de assunto — o *Destemido* é um navio moderno, é capaz de carregar até seiscentos escravos, num movimento financeiro da ordem de 15 a 20 mil libras esterlinas.

— E quem é o armador?

— Um mulato brasileiro, André Pinto da Silveira. Ele tem casa aqui, mas vive mais na Bahia. Esse é um finíssimo *kalabule* elogiou Obasanjô ao brasileiro. Vê só, *meu caro lord*, o *Destemido* pode usar a bandeira do Brasil, mas também a da Argentina. Ele tem documentação legal nos dois países. E mais outra coisa, *meu lord*, o brasileiro comprou recentemente a canhoneira argentina *General Rondeau*, com uma maravilhosa capacidade de combate.

O inglês encolerizou-se com a informação derradeira, pois a Marinha Real de seu país se empenhava, naqueles anos, no combate ao tráfico, apreendendo navios, não importando de que bandeira, que carregassem escravos. O brasileiro, assim, além de comerciante tinha sua própria marinha de guerra, ainda que composta de apenas um navio. Mas resumiu sua raiva, aparente na vermelhidão extra de seu rosto, naquele instante, a uma outra expressão em inglês que significa “que vergonha!”.

Obananjô gostou da cólera do inglês e resolveu magoá-lo mais um pouco:

— As histórias correm o mundo, sabe *meu lord*, e os brasileiros têm uma capacidade grande de fazer vocês ficarem de cara vermelha...

— *Oh, yes!* Assentiu contrariado o inglês.

— Vou contar ao *meu lord* a história seguinte, mas antes, cadê Azaiguen? — Era uma referência à prostituta que há pouco caíra de seu colo e que, em meio à conversa alheia a seu universo, escafedera-se, buscando fresco próximo à uma porta traseira da ampla sala onde se encontravam. — Azaiguen! — Gritou bem alto. Em segundos, novamente a mulher estava a seu lado, mas não sentiu-se no colo, ficou sentadinha a seu lado, qual um objeto de estimação. Desabusado, fixou o olhar em seu companheiro de conversa, enquanto as mãos escorregavam para deslizar sobre a pele oleosa, brilhante, mas sensual de um dos seios da prostituta. Falou, entremeado de exclamações que correspondiam ao agrado que lhe causava a história em si e ao desagrado do inglês:

— Uma tal de barca *Maria da Graça* foi apresada, com a bandeira de Portugal, pelo navio *H.M. S. Snake* — então, depois de citar o nome do navio, fez ressoar o significado das iniciais: “navio de sua majestade”... — e rindo para a rameira, acrescentou: — “cobra”, “*sanke*” veja. Já que a ordem, contida na expressão do parceiro, era para rir, ela riu. E ressaltou: “cobra, hein?” Pois bem, no *Maria da Graça*, — nome pronunciado com dificuldade, porque português e com afetação, pois inserido no deboche — estava com carregamento completo de escravos, uns quinhentos ou seiscentos. O navio e a carga foram parar perto do porto da Bahia, pois houve uma disputa de jurisdição entre as comissões que existiam no Rio de Janeiro e em Serra Leoa, quando aos direitos de apreensão de navios. — Fez uma pausa Obasanjô e indagou ao inglês: — O *meu lord* sabe o que aconteceu com a carga?

— Não.

— O navio foi considerado como estrangeiro e a carga toda liberada no porto da Bahia, pois mesmo que os proprietários fossem brasileiros mais do que conhecidos, a empresa tinha como sócios um inglês e um judeu de Liverpool.

— De Liverpool, não, impossível — disse o inglês aparentando uma sinceridade, àquela sinceridade que é fruto de um nacionalismo construído pelo Estado, que impede as pessoas comuns de entenderem os interesses que se ocultam sob a bandeira pátria.

— De Liverpool. — Voltou a sublinhar Obasanjô. Concluindo a história, arrematou o africano: — E estavam se preparando, o brasileiro o inglês e o judeu para processar a Coroa Britânica por uma apreensão anterior, nas mesmas bases, alegando que então haviam perdido toda a carga...

Era um encontro desses sem tempo nem razão, além do ajuste comercial que foi feito logo em seguida. Portanto, Obasanjô continuou contando histórias que ouvia aqui e ali sobre aqueles tempos de comércio humano e deixou verdadeiramente perplexo aquele, em alguns pontos, ingênuo inglês ao explicar o que era testa-de-ferro. Deu um exemplo: o navio *Esperança*, construído recentemente em Baltimore, nos Estados Unidos e que passou por aqui faz algum tempo, tem como proprietário um homem chamado João Gomes de Souza. Ele é um marinheiro raso, não tem qualquer recurso. Os proprietários, para não se envolverem no tráfico usam o nome desse marinheiro, mas são belgas, franceses e comerciantes brasileiros.

O inglês, suando às bicas, bebericando de seu gim, ficou ouvindo as histórias de Obasanjô até a noite cair e seu parceiro de comércio resolver ir embora. Atirou um pano da Costa por sobre Azaiguen e arrastou-a porta afora.

Ainda outra vez falhou o sentimento inglês, na leitura do comportamento das pessoas e da sociedade benimense. Tempos depois, Obasanjô apareceu em sua casa. Era um outro homem. Não que houvesse mudado de vida ou de estilo de agir, senão que encenava mais outro personagem na sua galeria de um *kalabule* bem sucedido. Vestia-se com um europeu do século dezenove e movia-se sem a graça do andar descontraído do africano. Ele queria parecer um metropolitano.

O comerciante inglês, Skidmore, recebeu com surpresa o visitante, acolhendo-o com alguma forma de mesura, como se estivesse recebendo um britânico como ele próprio. O fato de as saudações à porta serem em inglês não serviram de moldura extra para aquele encontro, afinal, jocosamente, Obasanjô ao adentrar noutras visitas àquele ambiente, dizia “*How do you do?*” ou coisas do gênero. Surpresa foi quando, após sentarem-se, em impecável inglês, com certo sotaque impulsionado pela língua nativa subjacente, informou:

— Diga a seu rei — ele estava impecavelmente serio, mesmo que no íntimo gozasse com sua assertiva, pois sabia que aquele peão, mesmo rico, jamais chegaria perto do rei ou da rainha da Inglaterra — que ele pode mandar seus religiosos para as proximidades de Ughoton, haverá uma terra disponível para eles, cem quilômetros a sudeste daqui.

Perplexo, sem dúvida, o inglês balbuciou formal como nunca:

— Como o senhor conseguiu isto, *meu lord!*

Não foi também desta feita que a pose de Obasanjô ruiu.

— Bom, senhor, não posso naturalmente acrescentar mais do que disse, quando garanti que conseguiria. Portanto, vamos ao outro lado da moeda.

— Por certo! — balbuciou o perplexo britânico. — E vermelho qual um certo tipo de pimenta muito usado na região, se desculpou:

— Não tenho o que oferecer...

— Mas eu tenho o que pedir. Aliás, foi este o trato, ou não?

— Sim, foi este o trato.

— Pois bem... o negócio não está concluído — surpreendeu Obasanjô outra vez a seu interlocutor — e só estará quando o senhor trazer uma resposta de seu soberano, lá em Londres. Aí, neste momento, eu faço a conexão final em Benim e tudo ficará ajustado. Mas não perca tempo... estas coisas às vezes mudam, basta que mude algum peão no tabuleiro, ou melhor — então, apenas sorriu, pela primeira vez — peão não, um rei!

Os freios e contra-pesos de um sistema que envolvia um delicado relacionamento, com movimentos lentos e muito bem calculados, tornavam-se aparentes no momento em que o inglês ouviu o pedido:

— Um carregamento de mil armas, iguais às que o obá foi presenteado pelo Ministro das Relações Exteriores da Inglaterra, mais munição.

A fala de Obasanjô, apesar do que aparentava naquele momento era nada mais do que a pessoa de Eyô Akpô, soando através da máscara Obasanjô, repercutindo o pensamento de Obayemí, na defesa de sua sociedade. Era o *uzama* agindo, o obá nada sabia.

Obasoyen, o chefe da cidade de Benim, apanhou da caneca de barro, sua predileta por muitos e muitos anos, e sorveu, como sempre com o prazer repetido, do chá que um dia Emotan lhe receitou. Olhou para o lado — ele estava na casa da mais jovem de suas mulheres —, e depositou a caneca sobre um aparador. Fixou bem o olhar em Adnaloy, e sem intenção de assim agir, fixou-se no corpo desnudo da mulher. Ela se havia posto na ponta dos pés para poder alcançar uma espécie de bule. Na posição em que Obayemí se encontrava, podia ver com precisão de detalhes a esposa e seu perfil, de alto a baixo. Podia constatar seu corpo, para ele, sempre jovem. Agora, Adnaloy era gorducha, mas com o mesmo rosto arredondado, feição juvenil, descontraída, a fôrma que conheceu; roliço era seu corpo, mas rijo, sem carnes flácidas nem caídas, ideais, no gosto de Obayemí, para tocá-las levemente, tão levemente que fazia milhões de pequenas bolinhas aparecerem, em arrepios de prazer indescritível. Os seios, fartos e empinados alinhavam-se, na perspectiva do olhar de Obayemí, como dois outeiros enfileirados, com os mamilos a indicar o acme. O ventre não escondia a cintura de vespa que nunca tivera, era quase o mesmo de outrora. As nádegas — ah!, as nádegas que o enfeitiçaram tempos atrás, com seu gingar sensual, tanto na dança ritual das mulheres, quanto no simples ir e vir de um para outro canto da cidade, elas geraram o impulso que o fez levá-la para seu harém — ali estavam, qual dois montículos de argila, alisados pelas mãos de um exímio oleiro. Desceu o olhar, o velho prefeito, para admirar coxas bem torneadas, sem saliências e reentrâncias das celulites. As pernas, entre os joelhos e os pés, mostravam canelas curtas e descarnadas, com potentes músculos nas panturrilhas, destoando do aspecto arredondado de todo o corpo, e eram curtas; não fora esse detalhe, ela seria uma mulher alta. Obayemí levantou os olhos para admirar a pele esticada do rosto, que via em apenas uma metade, a dar-lhe um aspecto saudável. Naquele momento, espontânea, olhada pelo marido de certa distância, mostrava-se Adnaloy na exuberância de uma mulher ficando madura. Como o pêssego no momento de ser comido, sem reclamações pelo mais exigente admirador dessa fruta. A cor da pele de Adnaloy diferia em muito das demais mulheres: por algum acidente genético, ou de outra ordem, sua pele tinha o tom do pêssego. Quando Adnaloy nasceu houve rumores de um relacionamento inter-racial de sua mãe com um holandês. Nada ficou comprovado, e Adnaloy cresceu diferente das outras meninas, até mesmo no pentear, face à textura de seu cabelo, mas não virou jamais objeto de chacota, como sói acontecer nalgumas

nações africanas, ou de respeito religioso noutras, como ocorre com crianças que nascem albinos. O velho teve vontade de levantar-se e passar sua mão pelo corpo de Adnaloy, do rosto até às nádegas, alisando em especial a extensa cadeia de pequenas montanhas dos ossinhos da coluna vertebral — e sentir se, em verdade, aquele corpo mantinha, naquele instante, a suave maciez da pele de pêssago. Continuou a espreitar a mulher que se demorava na mesma posição, quando se deu conta: aos setenta e dois anos de idade, estava, na contemplação de Adnaloy, em plena ereção e, também, que ela era já uma mulher de quarenta e oito anos.

Nos dez nos que se passaram, muitas e importantes transformações haviam ocorrido no mundo de Benim, no seu relacionamento com as províncias, nas suas fontes de arrecadação — o tráfico de escravos definhava e os bens e produtos gerados perdiam cada vez mais sua importância, pois produzidos em outras regiões do mundo, com condições climáticas idênticas e mais capazes de formar o processo exportar-importar — e no relacionamento do país com seus vizinhos amigos e inimigos. Um fato, entretanto, em meio à década que fluía, era o mais relevante: Adolô havia morrido, e em seu lugar estava o jovem Ovonramwen — este o nome real que Idugbowa assumira, ao ser entronado como o Obá de Benim. Como *edaiquem*, logo após a cerimônia de iniciação, assumindo a condição de *uzama*, mudou-se para um palácio afóra de Benim, o local chamado Uselu. Levou consigo o irmão Obarô.

A morte de um obá, como a coroação de seu sucessor são eventos organizados para serem recordados por gerações, tanto na tristeza ostensiva e dramática, na morte, quanto no fausto e, da mesma forma, teatralidade da ascensão ao trono.

Ovonramwen era o obá, cercado de tabus — ninguém podia tocá-lo em público; sua saliva era sagrada, portanto, disputada por cortesãos para untá-la quando beneficiados pela secreção real; dentro do palácio, rezava a tradição, não tocava o chão, flutuava; no deslocamento pelas ruas, permanecia sentado em seu palanquim, precedido por tambaqueiros e protegido por imenso e colorido guarda-sol — e senhor de um poder extremado que o deixava pairando sobre os seres humanos da corte. Podia tudo, inclusive condenar à morte criminosos ou desafetos, mesmo apenas antagonistas de arbitrários *uzamas*, quer por lapidação, quer ritualisticamente ou, ainda, pela expatriação nos navios negreiros, a mais dolorosa talvez pelo significado espiritual que encerrava: não havia a morte física, ocorria a morte social, que *despe o escravo de seus ancestrais, de sua família e de sua descendência, retira-o de sua*

*comunidade e de sua cultura, desonra-o simbólica e ritualmente, sendo reduzido a um exílio perpétuo, perdendo a sua dimensão de eternidade, ao deixar de sacrificar aos antepassados e ao morrer sem progênie, pois seus filhos a ele não pertencem nem lhe erguem o mais simples dos altares*¹. As pessoas, mesmo sua mãe, mantinham uma reverência permanente, fazendo com que o fosso hierárquico e sacro existente o transformasse num homem permanentemente solitário. Não havia nada que necessitasse que não fosse atendido. Na casa dos vinte anos, com todo o frêmito da juventude, seus amigos haviam se tornado súditos e, na tradição secular a ser seguida, muito poucos deles tinham sequer acesso à câmara real. Mulheres, tinha-as quantas quisesse e quando. Porém, o exercício da atividade sexual, demanda orgânica irrefreável, não poucas vezes tornava-se algo vazio, sem sentido.

O velho prefeito de Benim, Obayemí, continuava a visitar o obá, mas Ovonramwen sofria, sem saber bem porque, pequenos desconfortos na presença daquele velho auxiliar. Era a diferença de gerações a interferir num relacionamento que fora outrora de respeito à sabedoria do verdadeiro condestável do reino. Desde sempre, para Ovonramwen, Obayemí fora um ancião. Ele teria dez anos e o *uzama* estaria com mais de cinqüenta anos, o que fazia haver uma distância abismal entre os dois, não importando o fato de um ser possível herdeiro do trono e o outro um *uzama*. Fora criado de forma a ter em Obayemí um repositório da sabedoria de sua gente. Mais que isto, uma fonte disponível e imprescindível — Adolô reiterara a seu filho em processo de crescimento — de aconselhamento, quando ele viesse a partir para o encontro com Osanobua. Assim, continuava a ouvi-lo e respeitá-lo, numa forma especial de respeito, posto que como obá não devia respeito a ninguém, era o soberano ungido pelos deuses, ele próprio uma divindade — mas muitas vezes era penosa para o jovem mortal a repetição de conceitos e riscos que ele moço e obá não compreendia. E este conflito de gerações não se estendia apenas sobre o campo político-administrativo do reino, no relacionamento do jovem obá com o prefeito de sua cidade-capital. O jovem obá, fruto de uma insidiosa penetração de alguns costumes alienígenas no universo fechado de seu falecido pai, se comportava de forma ligeiramente diversa da conduta ancestral dos obás. Mesmo quando menino e depois adolescente sua presença num círculo maior de meninos do que estivera Adolô, deixou marcas para o futuro, indicando um jeito de proceder vário de seu pai,

¹ - Alberto da Costa e Silva, in “A enxada e a lança”.

especialmente pelo somatório dessas duas coisas: influência externa e ampliação da faixa de amigos.

E mais do que se preocupar com a visita marcada de Obayemí, neste momento, repousando semi-nu, no pátio real fechado, Ovonramwen, remoía, fruto do conflito que seguidamente lhe assomava o espírito, a recordação da morte horrível de Kpandonú.

Outrora, por certo o pai de Adolô ou ele mesmo, jamais iriam se ater em rememorar, com sincera angústia, a morte de um menino filho de castelão, mesmo que concedido estar próximo ao herdeiro real. E Ovonramwen pensava, sim, e indagava:

— Por que foste morrer, tu meu amigo, Kpandonu? Eu sei que estás vivendo outra encarnação, noutra lugar... mas não te tenho aqui, para estarmos juntos. E será que estaríamos? Aqui estou, solitário; não serias um dos excluídos de meu convívio? Estarias sim, te faria um importante *uzama*, ou um ministro.

Os conflitos íntimos do poderoso obá nasciam de valores tão antigos como seu povo. Lastimava a morte de um amigo de infância e adolescência; tinha entretanto a convicção profunda de que ele estaria em um outro plano cosmológico. Mas desejava a presença física. Todavia, Kpandonu era o filho de um cortesão, um hierarca, personagem de importância no universo da grande sacerdotisa Emotan. As circunstâncias da morte do amigo se inseriam num contexto de tragédias anuais, pelo menos no ângulo de alguns estrangeiros que moravam ou visitavam Benim, mas que tinha uma lógica perfeita, racional, histórica.

— Eu não agüento mais a dor, grande irmão. — Falava Kpandonu em sua casa, sendo visitado pelo grande irmão, forma deferente que usava para se referir ao futuro obá. Forte, bonito na constituição física e no rosto com um sorriso de dentes impecavelmente alinhados e graúdos, Kpandonu era naquele momento uma máscara, tomando o tom da cera dos moldes dos artistas. Perdia a olhos vistos a tonalidade da vida — um preto escuro como a noite sem lua nem estrelas, constituindo-se os dentes e os olhos espelhos que refletiam o cintilar da existência. Mesmo com o afeto que o aproximava do companheiro ferido, Idugboa não deixava de sentir náusea pelo cheiro de carne em decomposição que se tornava opressiva naquela peça.

A resposta, já sombreada pela distância, sob a forma de total incapacidade de dizer algo, foi um modesto estímulo para que agüentasse a dor, que iria ficar bom, o deus das águas Olokum iria curá-lo. Recordou, o grande obá, de quando salvou Kpandonu do veneno da

picada de um escorpião, untando os remédios de Emotan. Dessa feita, os mesmos remédios de Emotan, e outros, algumas pomadas que os holandeses dispunham e eram estocados no empório do palácio real, nada resolvia a doença do bom e leal amigo.

— A dor é o problema, grande irmão; se eu ficar aqui com vocês ou se partir para uma das minhas quatorze encarnações significa o mesmo. Estarei bem aqui ou lá. — O jovem Kpandonu falava com sinceridade e convicção. Esta convicção que martelava no remoer do obá, perscrutando o passado. Procedia, Kpandonu, de uma linhagem de religiosos e, portanto, se não nascera com a fé — nasce-se com ela? — adquiriu-a desde os primeiros momentos de sua vida, e aquela provação por que passava era parte do sistema. Assim, sua crença era forte o bastante para fazê-lo sentir-se, embora a dor inclemente, lancinante; embora a abnormalidade da ferida em seu pênis, embora a imagem desfigurada que se transformara seu símbolo de masculinidade, exibido com orgulho, antes da cerimônia inicial, em disputas com seus companheiros, inclusive Ovonramwen — apesar disto tudo, mantinha grande desconforto apenas pela dor física. Em momento algum lastimara a cerimônia de iniciação, uma performance executada numa dezena de jovens como ele, por seu próprio pai.

Ovonramwen, pensando ainda no companheiro perdido, tinha na influência externa — os livros que lera, tanto em holandês como em inglês, as negociações que mesmo adolescente, próximo de tornar-se um obá, participara ao lado de Obayemí — um vislumbre de injustiça, mas isto era apenas um tênue reflexo, pois estava depositado em seu real proceder camadas seculares de indiferença para com os peões. Na cerimônia de iniciação dos meninos, para ele já ficando um fato distante, ele e seu irmão Obarô, haviam sofrido o corte da circuncisão, na navalha criada especialmente para aquela cerimônia por Ovaiticum, o *iguneronmwan*, mestre dos metais. Saíra da forja real, metal, fogo e água, diretamente para um receptáculo intocável, pois serviria para remover o prepúcio dos filhos do obá. Nenhum conceito de assepsia se escondia por detrás desse ritual, era uma questão de pura discriminação entre nobres e plebeus. Idugbowa seria o primeiro a ter contato com aquele metal estéril. Houve, no dia da masculinidade, toda uma ritualística, sem dúvidas casual, conduzindo os filhos do rei ao corte, verdadeiramente, sem risco de infecções: o artesão após esfriada a faca, não a tocava, por sagrada, com suas mãos. Panos novos, higienizados por Emotan, serviam como que luvas a isolar seu contato com o metal. A operação metalúrgica era feita poucos dias antes do evento. Na remoção da lâmina, do interior do receptáculo, esta iria ser empunhada pelo religioso

superior, que, teatralmente, após vários ritos, apanhava-a no extremo sem fio. Fazia alguns gestos rápidos que demonstravam sua destreza e cortava seqüencialmente o príncipe real e seus irmãos, inclusive os meio-irmãos.

A faca ritual dos demais, era a mesma que por gerações inmemoriais, todos os anos, vinha decepando a pele do pênis dos meninos, deixada, entre uma solenidade e outra, num canto da casa ritual, portanto, fértil. Assim, cada ano, repetiam-se as infecções, as gangrenas, como a de Kpandonu. Tudo aceito, com naturalidade, em nome do desejo dos deuses. A vida é uma loteria, assim que, ali, na iniciação dos jovens beninenses, também jogava-se, e muitos eram os perdedores. Perdiam a vida uns; raros perdiam apenas o falo, escapando vivos, mutilados para o resto de suas vidas, dedicando-as, alguns, ao serviço dos sacerdotes. Havia, a mais, os que enveredavam por caminhos tortuosos de devassidão e anormalidades.

Esta visão não se dava por inteiro, pelo menos desta forma, no pensamento de Ovonramwen, mas uma fraca luminescência de um conceito de justo e injusto, fazia com que se inquietasse, tantos anos passados, com a morte de Kpandonu.

Assim, se tornava recorrente a lembrança dos preparativos para o grande evento, o dia em que passariam de meninos, competidores em provas de masturbação, a homens com direito ao acasalamento com as meninas disponíveis, não com as especiais, que seriam um dia as esposas. Ovonramwen — no ócio que se constituía grande parte de sua vida; no calor que conduzia naturalmente à indolência os desocupados; na letargia do descanso que se seguia à pesadas refeições, ricas em carboidratos, prenes de carnes que se misturavam, às de peixe com as de aves e às de mamíferos — era prisioneiro comumente de seus pensamentos e também de sua lascívia de jovem. Naquele instante, por exemplo, digerira um portentoso almoço, como fora o de ontem, e haviam sido os dos dias anteriores: uma sopa de carnes, músculos, cartilagens, estômago e tripas intestinais, fervidos por horas sem fim — o somatório das graxas animais que se desmanchavam no cozimento, fundindo-se ao indispensável azeite-de-dendê, que pairava, sobranceiro, no caldeirão, como uma cobertura escarlate — tornando saborosa a presença do inhame, do quiabo e, manjar dos deuses, da pimenta. Era um cozido, mas Ovonramwen, da mesma forma que fazia qualquer um de seus súditos, comia-o com a mão esquerda, pois extremamente viscoso.

No processo jiboiático, meio entorpecido, que se encontrava, ouviu vozes que vinham de muito longe:

— Tua mãe já aprontou a roupa da festa?

— Minha mãe trançou um pedaço de cânhamo e vou usá-lo na testa.

— Minha mãe conseguiu um unguento, que vou passar um dia antes da cerimônia, não vou pegar doença da morte e do mau cheiro..

— Minha mãe passou a noite toda atirada no chão, fora da manta de dormir, pedindo para minha cerimônia ser perfeita, sem feridas depois...

As vozes que oscilavam pela cabeça de Ovonramwen tinham algo em comum: referiam-se todas às mães. Nenhuma palavra atribuída aos pais. Nada de incomum, afinal, até exatamente aquela festa, o ritual de iniciação do menino, estes eram assunto das mães. A festa era exatamente a despedida desses do universo materno. As mães externavam, à véspera do ritual, a preocupação que sempre carregaram, desde o dia em que souberam, pela interrupção do ciclo menstrual, que estavam gerando dentro de si um filho, até aquela véspera fatídica, de antecedentes muitas vezes dolorosos. Os pais haveriam de receber, de certa forma, companheiros de trabalho, de pescaria e caçada, até mesmo protetores, pois nos perigos naturais a que se expõem, especialmente no ingresso na floresta, um jovem, ainda que inexperiente, mas adquirindo o viço da adolescência, se constituía sem dúvida num novo elemento de apoio. O sentimento de uma possível perda, materna, diferia da expectativa masculina de aquisição.

A autoconfiança do jovem Idugbowa, instigada pelo irmão Obarô, mais moço e mais atrevido, fazia com que seu pensamento se dirigisse para o Leopardo, seu primeiro presente como homem, o belo cavalo árabe que o aguardava na estrebaria real. A cerimônia de iniciação era mero trampolim para conquistar o cavalo. Não lhe turvava o horizonte, onde Leopardo estava, elegante, impoluto, qualquer sensação de risco eminente, na navalha do mestre de cerimônia. Ocorria o mesmo com seu irmão, cujo objetivo era outro e agora bem definido. O correr dos anos ensinou-lhe que não seria o obá; inquestionavelmente, seu irmão, mais cedo ou mais tarde, iria ser coroado. Não lhe passava pela cabeça sequer a possibilidade de um impedimento por morte. Formou um curso mental de admiração do irmão, e aos poucos aceitou num processo de lenta maturação que Idugbowa nascera para suceder a Adolô. Mas introjetou: vou protegê-lo, mesmo sendo mais novo. E foi se aproximando cada vez mais do velho Eyô Akpô, general comandante do Exército de Benim.

Assimilando seu almoço, Ovonramwen continuava na modorra provocada pela grande concentração de sangue na região digestiva. Isto fazia-o prosseguir nos devaneios e sonhos, às vezes de olhos abertos, mas perdidos no vazio da inconsciência, a se lembrar de eventos como a iniciação, que causara a morte de Kpandonu.

— Somos homens agora, meu irmão Idugbowa! — A exclamação de Kotoú ecoava em seu cérebro. Kotoú, filho do homem dos metais, do artesão do rei, havia como ele, seu irmão e muitos outros, trespassado a barreira da hombridade, sem qualquer seqüela. Foram cortados, estavam treinados mentalmente para a situação e carregavam o ônus de herança famosa, assim não gritaram, como fizeram alguns meninos, ante a dor lancinante provocada pelo dilaceração da carne, em área grandemente sensível e dolorosa.

— E já tenho uma mulher — confidenciou o mesmo Kotoú para seu amigo, futuro obá.

A pergunta que o artista, futuro artesão real, esperava, não aconteceu. O futuro obá, treinado para um conjunto de situações que seu cargo haveria de exigir adiante, mesmo ainda um rapazote, não indagou, quem era a mulher. Kotoú, que gostava de exhibir sua criação, não com estardalhaço, como um palhaço, mas com a expectativa do reconhecimento do que fazia, tinha nessa sua primeira mulher um objeto próprio, uma criação, não dele, mas bela e animada, ao contrário de sua produção que podia ser bela, mas sem vida. Um dia, ele não sabia, viria a criar coisas tão lindas que, mesmo inanimadas, pareciam ter vida e poderiam viver muito além de suas quatorze reencarnações.

Obarô, irmão mais moço de Idugbowa, passou a ter não uma mulher, mas quantas quis, nas filhas, netas das mulheres do obá e de seus cortesãos, além de suas primas e tias, algumas mais jovens do que ele mesmo, todas vivendo, e na maioria disponíveis, no grande palácio de sua real família. Assim que não teve de fazer confidências a ninguém, todos sabiam que ele podia exercer sua masculinidade à vontade, e isto era tão natural que as pessoas não se ocupava em pensar a respeito.

Ainda no remoer o passado, recordou-se sua primeira experiência. Em verdade, fora bem antes da cerimônia de iniciação. Descobriu certa feita que o sonho que estava tendo era realidade e deixou que ele se repetisse todas as noites. Idugbowa viu passar por seus pensamentos aquela noite muito especial. Estava quente como todas as outras, sem a menor brisa, fazendo com que todos, indistintamente, destilassem suor, mesmo imóveis, a dormir. Devia ser madrugada, pois não havia ruídos exteriores e todos dormiam profundamente. Ele

próprio estava mergulhado num sono profundo, em sua manta de dormir, uma pequena obra prima, feita por hábeis rendeiras, numa peça importada pelos compradores do rei, de mercadores portugueses. A manta apresentava uma coloração branca que já se encardira, pelo contato com o chão cerâmico do quarto onde dormia Idugbowa e a poeira envermelhada levantada pelo movimento exterior de animais, veículos de transporte e o vento, que se imiscuia pelas janelas. Naquele momento, poderia estar entrando em processo de poluição noturna. O fato é que, dormindo de barriga para cima, as pernas estiradas, seu membro mantinha-se, no volume avantajado que já apresentava para a sua idade, qual uma baliza de *bará*, apenas sem a bandeirinha. Foi quando o suposto sonho aconteceu. Ele recordaria, mesmo naquele instante, já obá, digerindo seu almoço, como o fizera inúmeras vezes ao longo dos anos, a realidade que mascarou como sono: não ouviu passos furtivos, nem o vulto que delicadamente, postou-se, acocorada, sobre seu corpo inerte; sentiu então, meio surpreso, mas com o torpor que confunde sonho e realidade, que seu pênis começou a penetrar nalgo que era ao mesmo tempo úmido, lubrificado, quente e aconchegante e que exalava um cheiro de ervas maceradas. Então, aquele algo permitiu que parte de seu corpo adentrasse mais e mais. Um peso fez suave pressão sobre sua barriga e região pélvica. Mas havia uma grande habilidade no que estava sendo executado, pois não era um mero movimento de sobe e desce, com apoio sobre o corpo estático de Idugbowa. Não, ela fazia um movimento sincopado contrastando com a absoluta passividade do niviço. Inexistia a pressão do corpo que engolia e quase, apenas quase, libertava o falo, retendo-o, no expelir, apenas sua glândula ainda encoberta. Idugbowa e sua primeira parceira se mantiveram, por um período muito longo, cada um na mesma condição: ela, sincopadamente, subia e descia. Ele jazia imóvel. Até que, como nas masturbações que bem conhecia, sentiu que o jato de seu sêmen havia se libertado de seu interior, atingindo, como o esguicho do úbere de vaca, as profundezas daquele corpo de mulher. Notou que o iminente jorro, pressentido pela habilidosa fêmea, tivera o condão de, milagrosamente, fazer a mulher parar. Estacionou como que para receber uma dádiva. Então, num frêmito, ela estremeceu num conjunto de movimentos corporais e gemidos — que ela conteve pondo a mão na boca — que ele desconhecia de todo. Houve uma pausa. A mulher, liberou vagarosamente aquilo de que se apossara, esse ainda em estado de semi-rigidez, e foi-se, em passos que pareciam mal tocar o solo.

O futuro obá não sabia quem era a visitante, nem exatamente porque tinha acontecido assim. Aquela mulher, uma de suas primas, portanto residente no palácio real, com acesso à área íntima dos filhos do obá, vencera um concurso, tivera a glória de ser a primeira a servir um dos deuses do reino. Ela voltou por mais alguns dias, sendo que já na segunda noite Idugbowa soube de quem se tratava. O passar dos dias e dos meses fez com que outras conseguissem o troféu, mas nada seria igual, nem para as seguintes, tampouco para ele mesmo. Idugbowa guardou por muitos anos a impressão de que tudo fora ao acaso e, na versão de alguns meninos, fruto realmente de uma disputa entre cortesãs. Mas pensavam assim porque nunca ouviram uma das conversas de Iya Oba, a rainha, com Emotan.

— Está na hora de começarmos a preparar meu *edaiquem*. — A rainha referia-se na forma como ela e o obá tratavam seu filho mais velho.

— Ele está chegando à idade de conhecer uma mulher. — Arrematou a sacerdotisa, numa conversa cujo tom não mostrava intimidade, mas não tinha o formalismo que revestia os encontros entre o obá e seus *uzamas*, mesmo o mais antigo deles, Obayemí.

— As mulheres que cuidam da manta de dormir de *edaiquem* sussurram seguidamente, quando encontram, pela manhã, as manchas de sua masculinidade...

— De seus encontros noturnos com as deusas do prazer. — Retificou, respeitosamente, a sacerdotisa, cortando a fala da rainha, como que a afirmar que não havia mal nas poluções noturnas do jovem. Ele não exauria seu sêmen acordado, pensando em mulheres e agindo com a mão a se acariciar. Assim pensava com convicção a sacerdotisa.

— Precisamos dar uma oportunidade às meninas da corte, mas devemos fazer com o cuidado que sempre envolve relações de sexo com os futuros obás.

A sacerdotisa sacudiu a cabeça, concordando com a rainha. Movimentou-se do ponto onde se encontrava, de pé, em frente a outra mulher, que estava sentada, e foi buscar um de seus muitos potes. Indagou, então, à rainha:

— Já está escolhida a primeira?

— Sim, já está.

— Ela é divorciada?

— Não, não tem homem no momento, e nunca casou.

— Mas é quente? Sabe fazer um homem feliz?

Sem qualquer emoção na voz, como que a desincumbir-se de uma tarefa irrecusável, parte da tradição, a rainha aduziu:

— É por isto que foi a escolhida; é uma ferosa, mas obediente e discreta.. Tu sabes, Emotan, essas duas últimas — ressaltou a rainha — obediência e discricão são condições essenciais. Ela é minha sobrinha; minha irmã conhece bem sua filha, e pediu-me que ela fosse honrada com a escolha.

— É bom, então, para Idugbowa. Se é quente, vai lhe dar prazer e fazer despertar o gosto pelas mulheres.— Arrematou a sacerdotisa que, numa prateleira alta, escarafunchava em busca do preservativo natural.

Emotan apanhou o vasilhame de barro e passou-o às mãos da rainha. Acrescentou:

— Ela tem que untar bem a vagina com esta mistura de ervas e dendê lubrificante. Tem de fazer por três dias, à noite, antes de deitar.

Uns dias após, a conversa entre a rainha e a jovem escolhida foi muito dura e sem qualquer tom de simpatia ou piedade, quando Iya Oba, voz baixa, porém firme, olhando para a jovem figura à sua frente comandou: — Olha bem nos meus olhos; eu te permito agora. — A jovem, olhando de baixo para cima, a cabeça flectida para trás, encarou com temor sua tia, e ouviu:

— Tu fostes a escolhida pelos deuses para tornar o obá homem. O sêmen sagrado de Idugbowa tem de morrer dentro de ti. Portanto, ouve bem: se vingar no teu ventre a semente real, morrerás de uma forma terrível, de grande padecimento. Aqui tens, é um remédio de Emotan. Vais usá-lo exatamente como ela mandou. Deves aplicar em tua vagina por três dias, à noite, antes de deitar. Se agires irresponsavelmente, estou repetindo, ouve bem, pagarás com a tua vida. E por nada, pois a semente morrerá contigo. Tens de agradecer, para sempre, a honra suprema que te está sendo dada; vencestes um concurso, vais ganhar um prêmio. Que tenhas juízo, portanto.

Em genuflexão, a cabeça quase tocando os pés, a jovem balbuciou um “sim, rainha”, e saiu, como viria a fazer na noite escolhida: praticamente sem tocar com os pés no chão. Sumiu, aguardando ordens superiores. Em seguida, esqueceu a ameaça. Faria exatamente como a rainha mandara, e passou, sim, a ansiar pelo troféu a ser conquistado: era jovem, inexperiente, bonito e uma divindade, o que mais uma mulher poderia desejar.

— Agahowa é seu nome. — Disse Obarô, respondendo a uma pergunta de seu irmão, o obá. E aduziu: Por que queres saber, Overami? — Esta era a forma como Ovonramwen ficou conhecido durante seu reinado, e era a maneira como o interlocutor do momento, seu irmão mais moço, o tratava, na intimidade, sem deferência especial.

— É a mulher mais linda que eu já vi. — Proclamou o obá. — Ela é como a noite, a noite dos sonhos mais profundos, sem luz, senão o brilho de seus dentes e a luminiscência de seus olhos, quebram, mas em harmonia, de escuro e claro; de noite e alvorecer, ou véspera e .obscuridade.

— Ei, Overami, estás com a inspiração dos contadores de histórias, pareces um *trovador*.

— Brincou o irmão, empregando a palavra que os portugueses frequentadores de Benim costumavam usar.

— É verdade, Obarô, tu notaste a pele dela, que escura? Não há ninguém em Benim, nem mesmo em Ughoton, tão preta quanto ela.

— Estás exagerando, meu irmão, existem muitas mulheres tão pretas e tão bonitas quanto Agahowa. Tua rainha, ela mesma, é imensamente escura...

— Mas não tão escura quanto essa mulher da ibolândia...

— Bom, se assim achas, irmão, que posso fazer senão concordar contigo. Nada mais posso fazer; não devo contrariar o obá!

O rei riu com alma pura. Seu irmão podia contrariá-lo o quanto quisesse. Ele o amava do fundo de seu coração. Já estava vacinado contra o ranço antigo que encerrava o obá, mantendo-o distante de todos. Ele já abria exceções como esta, obrigava e obrigava-se a um tratamento igualitário com seu irmão Obarô. Disse, então:

— Ela é filha de quem?

— De um rico comerciante de armas dos íbos.

— E o que faz aqui, em Benim?

— Veio conversar com Eyô Akpô, e comigo...

— Não, não, Obarô... o que ela faz aqui?

Ainda outra vez o irmão deu uma longa gargalhada, e, resmungou:

— Entendo... entendo! Ela veio para acompanhar o pai e comprar coisas em Benim. Coisas de mulher, como tecido da Costa e troços dos europeus.

— Vai ficar quanto tempo, tu sabes?

— Algum tempo, sabe lá quanto...

— O bastante para conhecê-la?

Obarô deu outra sonora gargalhada, que contagiou o irmão. Riram os dois descontraidamente.

— Vou amenizar tuas tardes de calor e, quem sabe, algumas noites insones...

—...quem te disse que tenho insônia? — Indagou rindo o obá, sem esperar, verdadeiramente, uma resposta de seu irmão. Mas ela veio:

— Bom, Overami, é o que dizem algumas de tuas cortesãs...

— Deixa este assunto para depois, irmão, vamos voltar ao que está me interessando...

— ... quando a queres ver, Overami?

— Amanhã, quem sabe...

— ... amanhã, por certo, Obá!

Era dia claro, um meio de tarde, o obá já havia assimilado seu lauto almoço; se encontrava com toda a energia do jovem e atlético corpo; pleno de disposição, apesar disto não demonstrar, por seu jeito de ser, um tanto retraído; estava a plena capacidade quando anunciaram a visita organizada por seu irmão Obarô.

Ovonramwen estava no jardim, recanto seu predileto no palácio, onde se encontrava grande variedade de plantas sempre verdes, a se esparramar ordenadamente por todos os cantos. Era uma porção da floresta tropical, com árvores altas e troncos de grande circunferência, que davam cobertura à árvores menores, como cacaeiros, arbustos e flores, estas em canteiros. Luxuosos, pendiam cipós barbados com chumaços brancos ou lisos como imensas sucuris, caídos aqui e ali, destoando da serpente pela quantidade de orquídeas que formavam parasitas de imensa beleza, plenas de cores indescritíveis. Ainda, fiador da vida de verdor exuberante e, mesmo, garante do frescor ao ambiente, um braço do rio Benim passava pelo local, aproveitando um desnível do terreno, em torno do quê se fez a concepção original, para se projetar, criando uma suave e perene cascata, rumorejando o tempo todo. Do conjunto, a natureza se encarregava de gerar e conservar. Seus modestos auxiliares, jardineiros, cuidavam para que nos canteiros houvesse uma disposição requintada, fazendo

com que na clareira onde o obá repousava ou recebia visitas, desse a aparência de um imenso salão de recepção, porém natural. Adolô, seu pai, ouvira histórias de palácios europeus feitos em pedra e calcário, com salões onde os cortesãos e embaixadores se reuniam, e jardins que não podiam usar no tempo de inverno, assim resolvera construir um seu, a partir do quintal do palácio, em direção à densa floresta tropical que envolvia grandes setores fronteiriços da cidade. Havia espécies transplantadas de outros locais e elegantemente dispostas em jardins debruados com pequenos arbustos, que confinavam áreas qual ilhas verdes. Bem no centro desse verdadeiro jardim botânico, num círculo, estava uma mesa grande onde o obá podia comer sozinho ou com seus convidados. Mais a um canto estava um outro espaço, este qual pequena câmara natural, onde podia receber individualmente alguém e ter qualquer tipo de relação que desejasse, ninguém haveria de se intrometer, bisbilhotar e aparecer, a menos que chamado. E bastava um bater de palmas de mãos, não muito forte, para que irrompesse o seu atendente.

Era meio da tarde, os raios de sol ainda não tinham dificuldade em penetrar no ambiente natural. Assim, tudo estava claro, resplandecente, com forte, porém agradável, cheiro de mata viva e um certo frescor no ar, quando Agahowa adentrou no paraíso.

Alta, um metro e oitenta, tinha a mesma altura que Ovonramwen. Deslocava-se em passos lentos, calculadamente solenes, seguida por um homem e uma mulher dos íbos, seus pajens. Entrando no ambiente, à inclinação do sol por trás de si, em ângulo de quinze graus e relação ao zênite, fazia um recorte em sua silhueta, deixando cada uma das curvas laterais de seu corpo aparecer ressaltadas, como que por uma auréola. A massa de seu corpo, entretanto, servia de anteparo à mesma luz, mostrando-a como lua, qual num eclipse do sol. Ela vestia uma túnica que ficou translúcida com a incidência do sol, o que tocou de certa forma à libido do rei; mas o que verdadeiramente arrasou com o obá foi o belo pretume, ressaltado pelo contra-luz. Se preto é a ausência cor, Agahowa ficara no olhar e no sentimento de Ovonramwen, no contraste, apenas bela; bela como o poderoso obá não ousara pensar antes houvesse alguém assim. Era, inquestionavelmente, a mulher mais linda que jamais havia visto, a jovem Agahowa.

O obá como que saiu de um estado de choque, ante a beleza profunda de sua visita, para ingressar noutro torvelinho de encantamento: ela sorriu com um conjunto de dentes brancos, marfim da melhor qualidade, a mostrar gengivas amarronzadas e lábios de suave

carmin. Então, numa virada de ângulo da cabeça — foi uma fração de segundo — um lampejo incidiu sobre seus olhos, mostrando as amêndoas que cativaram Ovonramwen para sempre. Enquanto o obá, estático, maravilhava-se com a visitante, ela foi avançando, passo ante passo, suavemente, em sua direção. Estava agora frente à frente com o obá. Uma pequena distância os separava.

O grande obá, deus vivo, senhor da vida e da morte, proprietário de quantas mulheres quisesse, casado com a rainha que já lhe dera um príncipe herdeiro — ali estava, qual um homem comum, maravilhado ante uma simples mulher, e de outra nação. Uma estrangeira.

Atropelou, então, costumes seculares, preconceitos e tabus, como iria fazer em seqüência, a partir daquele momento, convidando Agahowa para sentar-se a seu lado. O convite fez com que a mulher se sentisse embaraçada; por certo mais do que ele próprio estava. Chegou a ensaiar recusa, o que seria uma ofensa ao poderoso senhor de Benim. A visitante estava genuinamente atrapalhada. Havia condicionamentos que ela teria de vencer para, naquele instante, sentar-se junto ao obá, ou negar-se a atender a um pedido do obá do poderoso Benim. Uma torrente de pensamentos vagueou por sua cabeça, até que, atendendo a um reflexo, tomou uma primeira decisão, o que mostrou sapiência, ante aos olhos do monarca. Determinou que seus vassalos, a mulher e o homem que a acompanhavam, fossem embora. Fez um sinal, movendo apenas quatro dedos da mão, e foi obedecida de imediato, por submissos que se curvavam e caminhavam para trás, afastando-se sem dar as costas ao casal.

Desaparecidos os dois, Agahowa, de uma forma que o obá não esperava, sentou-se no banco e esperou que o rei de Benim fizesse o mesmo.

Ovonramwen fez isto. Sentou-se e viu que uma imensa barreira; uma muralha, separava-o daquela mulher impressionantemente bela à sua frente. Em toda sua vida, jamais recebera qualquer instrução, enquanto formavam-no para ser o obá, que envolvesse o relacionamento com uma mulher que não fosse de sua corte. Nesses casos, estava sempre tudo adredemente arranjado e as coisas ocorriam dentro dos rígidos protocolos. Ele era o obá e uma mulher, aquela escolhida, chegaria para servi-lo, não importa se essa viesse um dia a ser a rainha. Era tudo muito singelo, sem complicações, quase sempre, sem qualquer tipo de sentimento — ao menos, não daquele jeito que irrompia selvagememente entre seus amigos de infância e as mulheres com quem se casavam e recasavam, quando aquelas iam ficando mais velhas, com muitos filhos para criar, com problemas para resolver. Por isso mesmo, havia

nesses relacionamentos algo que era diferente do seu na corte. E esse sentimento plebeu era resultante de informalismo, alegria, sofrimento, esperança, desengano, paixão, ódio e acomodação, coisas comumente dissimuladas dentre os nobres. Depois da cerimônia da iniciação, os seus amigos começaram a ter um comportamento muito interessante, e demonstravam isto no relacionamento com as jovens. Buscavam, em processo de escolha individual, uma mulher para compartilhar suas dificuldades e suas necessidades da carne, e comumente assumiam um sentimento de posse, irrepártível com outros. Com ele fora diferente, conjecturava, havia tido mulher antes da circuncisão e elas apareciam sempre, como que enviadas pelos deuses, para abafar suas ânsias sexuais. A maioria de seus companheiros de infância tiveram de esperar pela festa de iniciação.

Agahowa aparecia, agora, ante Ovonramwen como uma mulher igual àquelas que seus amigos conquistaram. Ou seja, ele via na jovem, pela primeira vez, alguém que lhe transmitia um sentimento indescritível. Pela vez primeira, não via numa mulher, naquela mulher maravilhosamente preta, alguém com quem precisasse ir para a manta de dormir, ou mesmo, fornicar em meio às árvores de seu jardim botânico. Ali estava alguém que ele, por certo, necessitaria conquistar. Faria aquilo que Obarô, seu irmão guerreiro, era mestre e exercitara, de várias maneiras, a vida toda. Ovonramwen desejava, ardentemente, conquistar algo. E esse algo se materializava a seu lado na figura rutilantemente preta, olhos amendoados, dentes ebúrneos, esguia como a palma, elegante e esquiva como a gazela, ferina, talvez, como a leopardo — *ekpen* — símbolo real de Benim. Eis a emergente paixão do poderoso obá: Agahowa.

No momento em que o obá, com a mente toldada por aquele sentimento novo e avassalador se preparava para dizer algo à visitante, houve um instante de inquietude, um pouco além do recinto onde se encontravam. A rainha-mãe, angustiada, conversava com Emotan, a sacerdotisa. Fala mansa, imperiosa, cobrava da mentora de seu filho o incidente que estava a caminho de ocorrer.

— Ela é uma estrangeira... não pode tocar o Obá! — Ponderava a rainha-mãe, enquanto ouvia, também atônita, a velha tutora religiosa de Ovonramwen e mestra de muitas outras coisas, no processo de formação do jovem obá.

— Mas não podemos proibir em nada o obá. — Mostrou sua impotência, a religiosa.

— Os olhos do meu *edaiquem* refletem um brilho como eu nunca antes havia notado. Eu sinto, Emotan, perigo no ar.

Emotan já não era mais a mesma, os anos pesavam sobre seu agir, assim que uma jovem aprendiz, uma possível substituta, participava de todos os deslocamentos e, não de forma incomum, introduzia algumas opiniões, que ela sabia, de alguma forma, não contrariavam princípios arraigados da sacerdotisa, mas que insinuavam dois elementos: um a idade, portanto, portadora de novos pensamentos, uma impulsão interior que tinha como objetivo encontrar seu próprio espaço; o segundo, era a natureza maléfica dessa sacerdotisa, capaz de esconder, desde os primeiros tempos de sua preparação para atingir a condição de *ogwega*, sentimentos inatos de ódio, rancor, ciúmes e uma completa incapacidade para aceitar o fato de haver nascido com uma perna um pouco mais curta do que a outra, o que a fazia mancar; deficiência que lhe havia assegurado, todavia, por uma complexa conjunção de credices históricas — ter o defeito físico; ter nascido exatamente no dia central do *Ugie Erha Oba* — o grande festival religioso —, ser sobrinha de Emotan; filha de um irmão importante na hierarquia do palácio, um *uzama* — ficou estatuído que ela era predestinada; uma escolhida dos deuses. Azonyê, por essa configuração, tornara-se uma aplicada aluna de Emotan. As crianças jamais zombaram de seu jeito de andar, ao contrário, ecoando sussurros de seus pais, tinham uma espécie de temor manifesto em respeitosa relação. Azonyê aprendera as coisas do espírito e da cura do corpo, mas, à medida que foi crescendo, especialmente em sua adolescência, após o ritual de iniciação, espalhava terror, à medida em que se tornavam mais e mais poderosa, com o natural envelhecimento da sacerdotisa.

Cheia de deferências, mas intrometendo-se no diálogo da rainha-mãe e sua protetora, Azonyê resolveu falar de história:

— Nunca, em toda a história de Benim uma mulher sentou ao lado do Obá. — Afirmou e quebrou a dureza da intromissão com uma indagação de fingida humildade: — Não é verdade, rainha-mãe?

Emotan teve a intenção de repreender sua pupila, mas qual uma avó comum, simplesmente deixou passar a intromissão, e ficou ainda quieta. A rainha-mãe também não se manifestou, deixando a cabeça baixa, numa posição que sugeria impotência.

— Essa estrangeira merece ser punida severamente...

— E como fazê-lo? — Indagou, suavemente, Emotan.

— Usando nossas entidades espirituais. Ela deve ser amaldiçoada.

— E quando o Obá souber... e ele vai saber, o que acontecerá com você, Azonyê?

A noviça mostrou-se pela primeira vez menos arrogante e, de certa forma, temerosa. A fúria de um obá era incontrolável. Ousou pensar. Apenas pensar: um poderoso obá — em mais de quinhentos anos aquele havia sido o único exemplo — por se mostrar despótico além da medida, acabou sendo morto pelo povo, lapidado em praça pública. Aquele obá havia enganado seus súditos, manipulando um tabu, mentindo que continuava a flutuar, em seus movimentos dentro do palácio, quando em verdade havia se tornado um paralítico e se movimentava, apenas, carregado por seus asseclas. Descoberto por um dos *uzamas*, determinou que esse fosse morto. A história se espalhou e, num desfile pelas ruas de Benim, já na boca do povo as atrocidades desse monarca, matando todos os que descobrissem seu segredo, acabou o passeio morto, esmigalhado pelas pedras atiradas por seus conterrâneos embravecidos. Azonyê não chegou a pensar pudesse vir ocorrer isto com seu obá — eles tinham a mesma idade e cresceram na mesma área, separados por que menino e menina. No fundo ela era uma das muitas mulheres que gostariam de ser propriedade do obá. Angustizada por sua deficiência física, mentalizava uma impossibilidade total de servir na manta de dormir ao belo e poderoso Ovonramwen, o Idugbowa de outrora.

— O que fazer? Retomou o dilema à rainha-mãe.

— Posso chamá-lo para as orações, agora; ganharemos algum tempo, a rainha-mãe ou eu mesma tentaremos alertar o obá para o risco que está assumindo ante o povo de Benim.

Assim que Emotan, carregando no andar lento, o peso que os anos depositaram sobre seu corpo cada vez mais frágil, simplesmente apareceu à considerável distância do casal, que ainda não havia trocado qualquer palavra. Experimentavam o prazer recíproco da proximidade de seus corpos, e isto parecia ser o bastante para eles, pelo menos por enquanto.

— Que desejas, Emotan? — Imperioso, sem gritar, falou o obá.

— É hora dos deuses, e o divino Obá tem um dever religioso a cumprir para com eles. Vim buscar o poderoso Obá para o cumprimento de suas obrigações religiosas.

— Está bem, Emotan. Irei em seguida.

Emotan ficou parada, como que a espera que o obá se movimentasse e tomasse sua dianteira. Mas não, Ovonramwen, usando, como fizera sua companheira, o movimento de quatro dedos da mão, e Emotan obedeceu imediatamente: saiu do recinto, juntando-se à

rainha-mãe e à sua aprendiz. Empurrou-as, também com um gesto das mãos, para fora daquela peça contígua.

— Voltas quando para a tua terra? — Indagou o obá.

— Assim que meu pai faça seus negócios; uns doze dias, quem sabe. — Doze dias, no calendário de Benim, equivalia a três semanas.

Falavam com frases curtas, pausadamente, porque o obá não sabia falar a língua dos íbos, mas a filha do comerciante Odumegwu Ojukwu, freqüentador do porto de Ughton e Benim, aprendeu com o pai e os comerciantes beninenses a língua do obá. O diálogo, portanto, curto mas decidido, terminou com o convite para que Agahowa voltasse no dia seguinte:

— Vou te mostrar todos os recantos de minha floresta.

Olhos nos olhos, uma heresia que, felizmente, nem a rainha-mãe, nem Emotan presenciaram, selava aquela atração irrecusável dos jovens, reações químicas em seus organismos, glândulas lançando hormônios descontroladamente em suas correntes sanguíneas, esmagavam os preconceitos acumulados e ignoravam eventuais reações adversas. Estavam em processo acelerado de encantamento que tinha tudo para terminar num profundo amor primaveril, como o poderoso obá nunca antes experimentara; tampouco Agahowa, que lhe reservava uma surpresa feminina que a tornaria ímpar.

Agahowa baixou os olhos e, condescendeu femininamente, um pouco, afastando-se uns passos sem dar às costas para o obá. Logo após, num gesto que parecia ser estudado, mas era genuíno, deu meia volta e saiu do ambiente, sendo escoltada em seguida por seus pajens.

Ovonramwen sentou-se novamente no banco e deixou-se ficar imerso em seus pensamentos, onde cabia apenas Agahowa, até que Emotan reapareceu à distância, recordando sua presença que ele deveria cumprir seus deveres religiosos daquela tarde.

Nenhuma das mulheres encontrou solução para a abordagem ao obá. Azonyê, sacerdotisa jovem, com uma mágoa íntima não resolvida com relação ao obá, indignada, na aparência, pela presença de uma estrangeira na corte, tão próxima ao rei, mas no fundo com ciúme genérico, optou por fazer rezas e preparar trabalhos contra a sedução que estaria envolvendo Ovonramwen. Emotan e a rainha-mãe passaram a remoer o incidente, sem tomar qualquer iniciativa.

No dia seguinte, quando Emotan recebeu outra das visitas do velho Obayemí, é que tomou a decisão de dividir com o prefeito de Benim o encaminhamento do novo problema, que

era maior do que sua capacidade, parecia questão de Estado. Contou-lhe a história que ele, genuinamente, não sabia. Assim, da mesma maneira como as outras pessoas que haviam tomado conhecimento da visita ao obá, à exceção de seu irmão alcoviteiro, Obayemí teve um choque. Seu sistema hormonal funcionou exatamente ao contrário dos jovens enamorados: magnificou o fato a ponto de pressentir uma ruptura estrutural no reino. A preocupação do hierarca foi tamanha, estampando-se em sua face que moveu Emotan a preparar seu chá antidepressivo.

Trêmulo, o chá em seu exclusivo caneco de barro, Obayemí quase balbuciava para Emotan:

— É um sacrilégio. Ela não pode chegar perto do Obá. E se se tocarem?

A reação da sacerdotisa só não chocou o prefeito porque, em verdade, ele não ouviu e se tivesse ouvido não teria compreendido. Disse, em sonoro português:

— Cruz em credo! — Afinal, os portugueses andavam plantando seus hábitos, costumes e frações de seu idioma, religião, sem muito sucesso é verdade, desde o século quatorze, quando aportaram com suas primeiras naves, provocando uma ruptura cultural e econômica de pacatos, nem sempre, moradores da costa africana. E a expressão de Emotan era uma daquelas que se constituíam mais em cacoete, sendo empregada sem uma compreensão dos sons emitidos. E aquele cruz em credo cabia direitinho para a enrascada que, parecia, o obá estava ajeitando para sua comunidade real.

— Eu era menino quando Osemwende, pai de Adolô morreu. Eu participei de todo o reinado do Obá Adolô, e jamais poderia imaginar que uma estrangeira entraria no jardim...

— ... e sentada ao lado do Obá!

— Sentada? Ao lado!

— Sentada!

O velho homem estava ao lado da amiga confidente imemorial, portanto, não deveria ter barreiras ao falar, mas seu treino de respeito à instituição real também era imemorial. Assim que, deixou esgotar a estupefação na exclamação de sua amiga. Mais moço fosse, talvez viesse a se tornar em manifestação pública de reprimenda ao obá. Não seria a primeira vez na história que um ou mais *uzamas*, cujo significado do título era, os fiadores dos obás, interferiria em ação do rei, considerada como contrária aos costumes. Mas, não mais era jovem; assim que

coisa alguma acrescentou por um bom tempo. Deixou que seus pensamentos seguissem o rumo que desejassem, enquanto ia sorvendo, pequenos goles, o chá do estar bem.

E o que começou a desfilir por sua cabeça foram os últimos meses da vida de Adolô, pai de Ovonramwen. O obá era um homem forte, rijo e fazia coisas que seu pai nunca fizera, como a prática do que viria mais tarde a ser considerado como o hipismo. Então, inesperadamente, ingressou num acelerado processo de deterioração da saúde. Emotan e vários outros médicos passaram a dar assistência constante ao obá, que perdia rapidamente sua força, seu peso, sua postura de líder e seu interesse pelas coisas do reino. A preocupação dos seus súditos de maior hierarquia, como os *uzamas*, fazia com que buscassem conselhos, mesmo de médicos brancos, portugueses, holandeses e ingleses, que residiam ou transitavam por Benim e Ughoton, que não eram entretanto admitidos como clínicos dentro dos aposentos reais. Obayemí recordou pequenas quebras de sua fidelidade, comprometida entretanto com a causa maior que era a saúde do obá e, conseqüentemente, a estabilidade do Estado, ao mandar Emotan colocar na boca do soberano poções que lhe haviam chegado às mãos vindas desses médicos brancos. Eram, as mesmas ervas que vinham sendo usadas geração após geração, só que com a mistura de componentes químicos dos remédios dos brancos. Humanamente impossibilitado de entender que o mal que se apossara do obá, dois séculos adiante ainda não seria uma doença de todo compreendida, à medida que nenhum medicamento fazia efeito, martirizava-se a pensar que não deveria ter permitido fosse conspurcado o corpo do obá, com tais remédios que, enfim, não salvaram sua vida.

Esta divagação perpassou, como que a alertá-lo das conseqüências da passividade ante certas circunstâncias. Em seu universo interior, considerava haver deixado que os brancos o seduzissem e o induzissem a fazer o obá provar do remédio inócuo; era um ato de omissão, de passividade.

Retrocedeu mais um pouco e passou a conjecturar sobre o comportamento de Adolô, que ingressara num processo crescente de entrelaçamento comercial com os ingleses. Apesar de ser o favorito do obá, muito mais próximo do que o prefeito da segunda cidade, Ughoton, Abiolá, Obayemí foi vendo suas posições ante Adolô perdendo força. Cada vez mais os ingleses se faziam presentes, abocanhando porções consideráveis do comércio com Benim, forçando a compra de seus produtos industrializados e comprando, com preços aviltados, mas

estimulando a produção em quantidade, as matérias primas de interesse das máquinas de Manchester e Liverpool.

Estava silente, Obayemí, apenas ocupando o espaço físico da casa de Emotan. Seus pensamentos é que preenchiam o lapso imaterial, abarcando distâncias, no tempo e no espaço, na fração do momento em que eles desfilavam, qual um painel vivo de um passado imediatamente anterior, apenas distante ou humanamente remoto. E remoto para um ser humano era, ele velho, perpassar eventos de sua infância, como os atos fúnebres pela morte de Osemwende e a entronização de Adolô, seu companheiro de iniciação. Ao mesmo tempo reviu cenas de outro falecimento e um novo entronar — o fim de Adolô e a sagração de Ovonramwen. Em seu pensamento, como nos livros de história ou, mesmo, no repetir dos bardos contando a história de obás, funerais e sagrações, fica a impressão de que uma coisa é vizinha a outra. E na memória do velho também assim se passava a morte e coroação respectivamente de Osemwende e Adolô. Não era o mesmo com relação a atos similares, quando morto era Adolô e o consagrado Ovonramwen.

Fora mais de um ano o tempo que se passara entre o dia em que Idugbowa trocou seu nome para Ovonramwen, tornando-se mais um obá na multissecular dinastia Edo e àquela noite triste, quando padecendo dores horríveis, um esqueleto agonizante sobre o leito real, Adolô não conseguia resistir a uma força interior que o fazia apelar para que o matassem. Era uma ordem, sussurrada e entrecortada por gemidos e gritos, que ninguém a poderia executar, muito menos ele Obayemí. Sofria, o prefeito e amigo de infância, mentalmente tanto quanto fisicamente padecia aquele homem tomado pelo câncer, que se espalhava inexoravelmente pelo corpo todo. Para um santo obá não se podia sequer pensar em maldição, porque sendo divino não era merecedor de punição. Aquela doença terrível, muito rara e da forma que o atingira, constituía-se num desafio médico e teológico para os herbanários e os espiritualistas do reino. Fora também um desafio secreto para alguns médicos brancos e Obayemí. O imaginário do prefeito de Benim mostrava-lhe, em contraste, a alegria que fora ao longo de um ano assumir, junto com Emotan, a responsabilidade de formar o jovem obá, transmitindo-lhe — Emotan, fazia-o apenas de maneira formal — aquilo que durante praticamente toda a infância e mocidade Idugbowa aprendera. Da mesma forma, os anciões do reino apenas passaram ensinamentos que a mãe rainha zelosamente incutira em seu filho, criado para ser o obá de Benim. Então, recordou-se Obayemí das cerimônias fúnebres finais, um ano após a morte de

Adolô, quando, num festival impressionante, do qual quase toda a cidade participou, e atraiu visitantes de vilas distantes, como Ughoton, Sapele, Udu, além de representações diplomáticas de Ifé e de locais muito distantes das terras dos iorubanos. Vieram diplomatas de Portugal, Inglaterra, Holanda, Espanha e França. Armadores brasileiros também tiveram sua presença assinalada, com destaque, no evento. Obayemí, na recordação do momento de glória — ao lado direito do obá, era reconfirmado como o condestável — não externava em nenhum movimento facial para Emotan à sua frente, o júbilo interior, ou a comoção íntima, coisas que haviam ocorrido na sua mente naquele encontro em que ficara sabendo da aventura do seu jovem senhor. Nem mesmo a lembrança da grande jornada que empreendeu, real e simbolicamente, no ano da formação do novo obá, que se iniciara junto ao portão de acesso à terra dos antepassados e que estava terminando com a declaração formal, ante milhares de testemunhas, de que Idugbowa, o herdeiro, reclamava ante seus ancestrais o direito de ser empossado como Ovonramwen, o novo soberano dos povos de Benim e as nações-Estado seus vassallos. Estava impassível, até que se ergueu, ofereceu uma despedida à amiga e saiu de porta afora.

Azonyê, porém, não desistiu de um projeto para desagrar o Trono de Benim, conspurcado pela presença de uma mulher e, pior, estrangeira. Imiscuiu-se nos desvãos do Palácio real, em busca de solidariedade. Encontrou-a num velho companheiro, o filho do general Eyô Akpô. Adú, também parte do universo onde pontificava Emotan, recebeu com trejeitos femininos à visitante, fazendo-a sentar-se e exigindo, com estudada delicadeza, as razões de sua inesperada vinda à “modesta casa dalguns deuses”, como disse em falsete.

— Já sabes da estrangeira?

— Que estrangeira? Indagou de volta Adú.

— A que visitou e sentou-se ao lado do obá.

— O que tu estás dizendo... uma mulher sentou ao lado do obá? E é estrangeira? De onde, oh meu protetor, supremo Osanobua?

A resposta não veio, é claro, do deus invocado, mas de Azonyê: — Ela é íbo! Respondeu duramente Azonyê.

Verdadeiramente incrédulo, não agia dissimuladamente, como era de seu feitio, retrucou:

— Uma íbo? E como é que ela fala com o Obá?

Houve um mal entendido no diálogo, de forma que Adú queria saber como ela tinha tido acesso ao obá. A sacerdotisa compreendeu que a dúvida de seu amigo era quanto ao meio linguístico de comunicação, posto que falam idiomas incompreensíveis, uma para o outro. Assim que a resposta natural de Azonyê foi: — Não sei. — E ela não sabia nem uma coisa nem outra: como a mulher havia chegado até o obá e, em estando lá, como se comunicavam.

A indignação agora era comum, solidária, portanto, uma das dúvidas tornara-se na prática irrelevante, ou seja, como se comunicavam. Podia ser, apenas, corporalmente, sem se falar. Isto faria com que a estrangeira estivesse maculando a pessoa do obá, e isto teria um fim. O mais grave era a questão inicial: quem abrisse a porta para que ela entrasse no palácio real.

Adú e Azonyê ficaram por largo tempo a fazer conjecturas. Perpassou, num dos argumentos que esgrimiam, o nome de Obarô, mas deixaram de lado. Adú tinha uma paixão recolhida pelo pupilo número um de seu pai, o irmão do obá. Obarô estivera a vida toda às voltas com o exército de Benim e, sendo o pai de Adú o general comandante, a presença constante do jovem, bem apessoado, másculo e segundo herdeiro do trono, se constituía em fonte de perturbação para Adú. Obarô, por seu turno, sempre vira em Adú um dos elementos do processo religioso de sua gente, e o aceitava como tal. Jamais passou-lhe pela cabeça a possibilidade de somar-se aos homens que haviam dividido a manta de dormir com o religioso Adú.

— Temos que fazer algo. — Disse, enfim, Azonyê.

— E vamos fazer — Arrematou Adú.

O caso que envolvia o obá e a estrangeira, a partir daquele encontro furtivo, ganharia mais um lance importante, posto que nenhum dos dois, Adu e Azonyê, fizeram qualquer jura de segredo; portanto, Adú viu-se desobrigado de qualquer discrição.

Azonyê saiu rumo à sua casa, e Adú, que já se encontrava recolhido, aprumou-se e saiu em seguida. Botou o pé na porta com a ponta da sandalha indicando no rumo da casa de seu pai, o general Eyô Akpô. No destino indicado, marchou por algum tempo até que adentrou a casa paterna. Se alguém estivesse observando, num plano invisível, o comportamento geral de Adú notaria algo muito interessante. Seu pai entendia sua homossexualidade como parte do sistema religioso de seu povo. Não havia nada que o incomodasse no fato em si, tampouco nas conseqüências daí decorrentes, como a proximidade do filho em relação, antes, aos meninos adolescentes e, depois, aos homens como ele mesmo. Por seu turno, Adú também não tinha

qualquer sentimento de errado no seu modo de ser e agir, os deuses o haviam escolhido para servi-los e ele os servia sendo do jeito que era. Mas aí acontecia o estranho, que alguém invisível, por certo notaria: o Adú que adentrou a casa paterna não agia da mesma forma que agira conversando com Azonyê. Na frente do pai era quase um homem másculo como outro qualquer. Havia algum trejeito afeminado, mas praticamente imperceptível. Mesmo sua voz normalmente de soprano, não ia ao baixo, é certo, mas era de certa forma até abaritonada. Em sua casa, recebendo a sacerdotisa, ou as pessoas que lá freqüentavam, desde o momento em que abriu a porta até quando ela saiu, comportava-se, seminu como estava, como uma mulher, até mesmo no tom da voz.

—Sabes meu pai — foi dizendo Adu após uma breve troca de saudações religiosas — o obá está envolvido com uma mulher estrangeira.

O general entrou na cadeia dos perplexos.

— Estrangeira, quem?

— É dos íbos.

O general era bem informado e fechou, ao contrário dos demais, o círculo da compreensão imediatamente. Lembrou-se da presença na cidade do comerciante íbo Odumegwu Ojukwu, que poderia estar acompanhado de uma esposa jovem ou de uma filha. Feita a constatação, em seu plano mental decidiu, no ato, que a matéria não era para ser discutida naquele nível. Intimamente agradecia o favor que seu filho lhe prestara, ao dar a informação, mas seguiria rumos adequados. Portanto, encerrou o assunto sem ser ríspido, mas indubitavelmente, sem chance de qualquer evolução:

— Está bem, meu filho. Te agradeço a notícia. Te peço, agora, para que voltes para tua casa, tenho de descansar.

Adú recebeu a decisão do pai, intimamente decepcionado, mas proferiu algumas palavras religiosas e saiu para a noite.

A noite caíra sobre a cidade de Benim e tornava as ruas escuras e vazias. Adu diminuía o ímpeto e os passos. Estava desapontado com a reação de seu pai. Foi para casa onde antes de dormir executou alguns ritos de arranjo no altar que guardava, e dirigiu preces aos deuses. Tinha neste momento uma harmonia corporal, que explicaria ao observador invisível ser ele, realmente, uma pessoa diferente: agia com graça executando os deveres religiosos daquele momento, fazendo-o com inquestionável simetria, mas sem afetação — não tinha o

amaneiramento do seu encontro com Azonyê; muito menos ostentava uma caricatura qual sua postura à casa do pai, instantes atrás. Adú estava envolto numa áurea de pungente sinceridade e despojado de masculinidade e feminilidade. Era um ente assexuado. Rezou, assim, para que fosse encontrado um caminho de luz para que o obá se livrasse da estrangeira. Esgotou-se aí sua preocupação pelo destino no plano terreno da relação sacrílega de seu chefe espiritual no reino. Adú, até o fim de sua reza e das performances, parecia portar a faculdade que diziam ter o obá, ao se deslocar no palácio: flutuar.

Instantes após, no chão, sozinho, era um ser humano enfrentando uma das amarguras de sua vida, os hiatos que tinha de suportar sem uma companhia qualquer, Adú foi dormir sem os deuses que ficaram no altar e sem compartilhar sua manta de dormir com nenhum mortal.

O rebuliço no Reino de Benim não alterou em nada a vida de três pessoas, pelo menos: Obarô, Agahowa e o obá — bom, a vida desses dois alterou-se em muito. Era, o Divino Obá, ao contrário do que por gerações diziam e ensinaram, um ser humano capaz de se apaixonar por uma mulher.

Quando acompanhou, na véspera anterior, Emotan para as cerimônias religiosas, em verdade portou-se como um zumbi. Materialmente acompanhava cada passo do que tinha de executar, mas em sua cabeça havia espaço apenas para a esguia e profundamente negra mulher que falava edo com um sotaque fortíssimo, tornando sua fala, como ela própria, diferente de tudo o que até então conhecera, o que a tornava um grande desafio. Uma obsessão. Foram poucas as palavras que trocaram, mas o rascar que se somou ao som das palavras em edo constituía-se numa música a seus ouvidos.

À noite teve grande dificuldade em conciliar o sono e, perdido no tempo, se viu acordado muito antes dos ruídos primeiros da madrugada haverem acontecido e ficou a pensar em Agahowa. Quando o dia finalmente despontou, claro e radiante, encontrou-o a dormir recobrando as horas insones da noite. Acordou-se muito tarde e a primeira pessoa que mandou buscar foi seu irmão Obarô:

— Traz Agahowa hoje, quero que ela compartilhe do almoço comigo.

— Overami — ponderou o irmão — já marcaste o encontro para a tarde, convidaste-a para passearem no teu bosque.

— Não, irmão, preciso vê-la com urgência. Quero antes; quero que ela almoce comigo.

— Vou te dizer uma coisa, irmão, a corte já começa a falar da estrangeira.

— Que importa, irmão... eu sou o obá!

Irmão, confidente, mas estrategista, Obarô preferiu concordar: — Para o almoço?

— Para o almoço, irmão... hoje.

O sol já havia descido alguns graus de seu apogeu, marchando inexoravelmente para o poente. Mas faltava muito para tanto. Então, apareceu Agahowa. O obá teve um novo choque. A mulher era qual uma das mais perfeitas máscaras obradas pelo melhor dos artesãos. Despontava, não uma mulher feita de carne e ossos, mas em bronze negro — uma deusa em rútilo metal, irradiante da mesma auréola de calor que experimentara já no primeiro encontro — que fez mexer cada uma das fibras do corpo do rei. Vestia-se com um longo cafetã, fazendo-a parecer mais alta e esguia do que seu porte natural. Branca, a túnica descia dos ombros até quase tocar os tornozelos. Uma pequena capa do mesmo tecido se sobrepunha do pescoço até alcançar um pouco abaixo da linha dos seios, rasgando-se para acompanhar em vê a gola, debruada com fio de ouro. Ficavam os seus ombros recobertos, e à mostra sobressaía um vistoso colar coralino. A mesma linha dourada que ia cerzindo às duas peças do tecido, à esquerda e direita, iniciando-se sob as axilas, se abriam em uma curva suave e graciosa na parte inferior da canela, deixando à mostra, na perna esquerda, uma tornozeleira em ouro, bem delgada, representando duas cobras de bocas abertas, uma prestes para devorar a outra.

O que deveria fazer um obá, treinado para não ter pelas mulheres qualquer sentimento, que não aquele de sua superioridade, primeiro por ser o soberano, segundo pelo enraizado machismo, de sua sociedade, onde a posição de um homem era medido por sua capacidade de ter esposas. A monogamia nada mais era do que o atestado que passava um determinado homem de sua pobreza. A opulenta poligamia, com o macho a desfrutar de muitas fêmeas, portanto, era o retrato de sua condição econômica. Ostentava progresso material o beninense capaz de, com o passar dos anos, aumentar sua propriedade material, de forma a abrigar mais mulheres e mais filhos. Nesse universo, naturalmente, na prática, não havia espaço para enlevos amorosos. A mulher, na acumulação, era o meio de reprodução, gerando mais mão de obra para a economia familiar, e usada enquanto para isto servisse.

Poderia ter-se sentido mal, o poderoso obá, ao incômodo de descontroladas batidas de seu coração, ante a visão de apenas uma mulher. Mas, era a força de um vulcão em processo de erupção o que fazia pulsar e latejar, o peito e as têmporas; foi uma descarga de adrenalina, o que se passou em seu interior que o fez sentir-se levemente desestabilizado no altar dos

deuses que são homens. Todavia, o descontrolado não foi capaz de eclipsar sua resplandecente felicidade.

O jovem obá — o qualificativo tudo explica —, o obá praticamente correu em direção à amada e, rompendo ainda outro dos tabus, apanhou-a pelas mãos e colocou-a sentada, ao mesmo tempo em que iniciava um processo de conversa que nada tinha a ver com tudo o que conversara antes. Não falou dos assuntos de Estado, tampouco das futricas da corte, muito menos de si mesmo. Quis saber coisas triviais, aquelas que os namorados se indagam na pureza de seu relacionamento de êxtase:

— Quantos irmãos tu tens? — Foi uma das perguntas iniciais.

— Somos muitos, especialmente meio-irmãos. Mais de trinta.

Como um adolescente encantado, perguntou o grande obá:

— E o que eles fazem? Quantos irmãos tens da mesma mãe?

— São de tudo. Especialmente os homens, trabalham na caravana com o meu pai. Há os que ficam em Calabar e cuidam dos negócios lá. Há os que tratam da terra e das colheitas. Há mulheres nos mercados, dirigindo entrepostos de comércio. Tenho irmãs cuidando de investimentos de aplicadores dos reinos vizinhos e uns nem tão próximos. De minha mãe somos duas apenas. E gêmeas.

Introduziu-se nos pensamentos do obá a questão dos gêmeos. Elas estavam vivas, pelo menos uma estava, e à sua frente. Os íbos seriam diferentes no tratamento dos gêmeos. Não haveria tabus quanto a esses seres diferentes? Ovonramwen preferiu agir como político, valendo-se de seu treino, e não fez o assunto prosperar. Quis saber, em interesse próprio, e sem barreiras, se ela se envolvia no comércio de seu pai.

— Não no comércio de compra e venda. Fui treinada para cuidar dos negócios financeiros de papai. Esta viagem — faz já cinco anos desde que partimos — está me deixando preocupada quanto às finanças.

. Mas acho que tudo vai estar bem quando voltar.

— Espero que sim! — Brincou o obá, dum jeito que não fazia havia muitos anos.

A mulher íbo não reagiu da mesma forma, entendeu a brincadeira do obá como algo sério e respondeu adequadamente:

— Os negócios internacionais são muito bem cuidados. Temos uma sociedade — insinuava aí Agahowa a sociedade secreta em que europeus, judeus ou não, e africanos se

associavam financeiramente — e um pacto de honra a ser cumprido. Meu pai ensinou isso a seus irmãos mais jovens a alguns filhos e filhas, como eu.

O obá não estava interessado em assuntos sérios. E este era sério, pelo menos assim terminou sua brincadeira.

Quis saber mais sobre os irmãos. Então, em meio à narrativa de Agahowa, inconfiante, passou a falar a respeito de seu irmão Obarô, suas aventuras, suas amizades seus hábitos de guerreiro. E falou sobre si mesmo, mas restringiu-se memória. Coisas que ele fazia antes de ser o obá. De agora, que era também de outrora, falou muito sobre Leopardo, seu cavalo.

Enquanto se conheciam, e o faziam com uma rapidez quase em prenúncio de que deveriam aproveitar ao máximo a dádiva de haverem se conhecido, porque poderia durar pouco, o poderoso homem sentiu ainda outra vez algo que nunca experimentara. O toque na pele da mulher deixou-o arrepiado, um milhão de microbolinhas se elevaram na pele e então, numa seqüência repetitiva de vezes primeiras, se preocupou.

— O que está ocorrendo comigo? — Pensou racionalmente, numa fração de tempo, Ovonramwen.

Socorreu-se, para aliviar a preocupação, de um bater palmas, fazendo despontar aparentemente do nada um de seus camareiros. Ordenou que fosse servido o almoço.

Em instantes, um verdadeiro banquete para dois foi posto sobre a mesa. Era comida suficiente para deixar fartos mais de dez pessoas. Num gesto de cortesia, Ovonramwen indicou para que Agahowa se servisse de uns bolinhos delicadamente cozidos, dourados, saudáveis. Eram bolinhos de “*acará*”, informou o obá.. A mulher apanhou um deles e partiu-o ao meio, como que para ver o conteúdo. Então, apanhou do contido em uma outra terrina, e era camarão sem casca, depositando-o no interior do bolinho. De outra, apanhou uma pasta bem vermelha, e era pimenta. Fechou, novamente, como um pão recheado, e começou comer o bolinho de acarajé. Enquanto comia, ouvia e falava com o obá, e o assunto inicial derivou da palavra “*acará*”. A visitante quis saber sobre um prato que iria ser ingerido adiante e que, por sua aparência, enchia-lhe os olhos. Ovonramwen não soube, naturalmente, explicar do que se tratava. Comia aquilo desde que nascera, era algo tão corriqueiro como tudo o demais que lhe caía na boca, todos os dias, na alimentação. Bateu palmas e apareceu alguém, que se ajoelhou

ao seu lado, cabeça baixa, esperando um comando. A ordem foi para que uma das cozinheiras viesse ante o obá.

Foi um frenesi na cozinha, as inúmeras mulheres, da mais sênior, a mais nova, ninguém queria ir até o obá; foi um jogo de empurra, até que uma se impôs na confusão e se disse disposta a chegar perto do obá — Afinal vou ter algo que contar para meus netos! — arrematou a serviçal que deixou a cozinha, precedida pelo pajem.

Apesar de mais voluntariosa do que as demais, também era mulher, temente e simples cozinheira, portanto, como qualquer outro mortal, não ousou encarar o obá, tampouco dar guarida à sua curiosidade quanto à mulher que comia com o rei.

Ovonramwen falou com o pajem e este com a cozinheira, sussurrando o comando do soberano. Na ordem vinha uma instrução muito especial, que tornaria a simples mulher numa espécie de cantadora, a repetir por gerações a fora um grande acontecimento. Na ordem vinha a licença para que a cozinheira falasse diretamente para Aghahowa, informando-a de que se tratava o tal prato que ela achara tão bonito e lhe havia enchido os olhos.

A cozinheira deslocou-se da proximidade do pajem e, movendo-se ainda de joelhos, chegou próximo à outra mulher, e meio tartamudeando improvisou:

É o vatapá. Assim, procure fazer: Coloque primeiro o fubá, depois o dendê. Bota castanha do cajú e pimenta malagueta, um bocadinho só. Aí, amendoim, camarão, ralado coco, quando tiver que socar. Depois, sal com gengibre e cebola, quanto de temperar. Não parar de mexer, senão vai embolar, com a panela no fogo, não deixa queimar. E irresistivelmente quebrando a barreira que as separavam, sorriu para a estrangeira e concluiu: — com umas poucas conchinhas, — num alusão à uma das moedas locais de troca — se faz um vatapá!

A receita foi apresentada no tartarear da cozinheira — bem preta, roliça, com camadas interiores do azeite de dendê e gorduras animais transformados em tecido adiposo, e metida numa indumentária composta de saias que se sobrepunham, apesar do calor no país e na cozinha — e despontou com música... uma música bem conhecida, não?

O obá era naquele momento flagrado como um homem feliz e descontraído. A mulher e o pajem real, que desapareceram nos desvãos do palácio, haviam deixado o casal sorrindo ainda sob o impacto agradável da menestrel e gastrônoma de que se travestira a cozinheira.

Além dos bolinhos de acarajé que comeram a se fartar, empapando-os de caldo de pimenta e recheando-os com o camarão, naturalmente Agahowa comeu do vatapá e o achou maravilhoso. Estiveram na mesa por um tempão, ela experimentando alguns pratos esquisitos da mesa real, e ele dando curso ao estado de graça, fazendo coisas que um obá não deveria se permitir. Então se levantaram e começaram a caminhar, o passo vagaroso, meio incerto, adentrando a mata que perdia o caráter de jardim para assumir sua feição nativa. Era a floresta tropical, com sua densidade, humidade e sombreado, apenas tocada pela imposição de clareiras que se fizeram ao natural, ou que foram traçadas para dar acesso a certos locais, como uma margem de rio; a uma outra cascata, maior do que a decorativa do interior do jardim, e para uma grande clareira distante, que, formando um prado, num planalto, dava acesso ao haras do obá. Por esse caminho, que exigia subir no nível do terreno e encontrar, mesmo, outra temperatura do ar levemente mais fria, o bastante para bloquear a proliferação das moscas, e com elas a tsé-tsé, ele a levaria, quem sabe, no dia seguinte — desejava mostrar-lhe Leopardo. Mas por hora endereçou-se no rumo da margem do rio, com uma formação arenosa e com uma grande extensão de chorões que davam uma sombra agradável.

E foi ali, sozinhos — bom, um obá nunca está verdadeiramente sozinho, tem de ser protegido por olhos e corpos que parecem de fantasmas, mas sempre prontos para qualquer emergência, como poderia ocorrer ali com o aparecimento de um gato-do-mato, um leopardo, enfim, algo inesperado e perigoso — que ficaram a conversar e iniciaram, tempos depois, o processo natural de acariciamento. O obá tinha uma natural fixação por duas partes do corpo feminino. Uma eram os seios. Assim, começou um jogo de apalpação, cujos alvos foram os empinados montículos de Agahowa. Em princípio, a parceira portou-se como uma mulher recatada, mas não púdica — deixou que a mão do obá fosse explorando e acariciando seus seios e, num dado momento, especialmente seus dois mamilos. Agiu, no vaguear pelo do colo profundamente preto, com o pretume de sua fixação maior, então o poderoso obá portou-se como um lactente, nada inocente. A gola em vô do belo cafetã de Agahowa ajudara a fazer com que, desajeitadamente, o obá alternasse sua volúpia, entre um e outro peito. Agahowa já não resistia mais às carícias, e viu que estava sendo assediada não por um deus, mas por um homem e, então, começou a devolver carinho, tocando ela nas partes do corpo do macho que mais lhe atraíam. Essa troca de carinhos evoluiu para o desvario e numa ação quase sincronizada o cafetã sumiu, o mesmo ocorrendo com o que ainda restava da roupa do

poderoso rei de Benim. E no desvario frenético que se tornou o momento, Ovonramwen buscou pelo segundo ponto de sua fixação e, teve um susto. Ao contrário das mulheres que conhecia, pacientes do ritual de clitoridectomia, esta, viajante íbo, não havia sofrido excisão do clitóris. Ele ali estava e era um tanto proeminente, especialmente para ele, habituado ao nada. Quando Ovonramwen se retraiu ante a descoberta, Agahowa entendeu o que estava ocorrendo e segurou sua mão, fazendo com que se mantivesse onde estava e, mais, estimulou-o a que acariciasse seu detalhe anatômico exclusivo. Ovonramwen já era um homem feliz — iluminou-se mais com a novidade, e fizeram sexo prolongadamente, sob os chorões, nas areias, à margem do rio Benim, sem ouvir o troar dos tambores que alguns eleitos são capazes de perceber vindo dos tocadores de tambor dos deuses subaquáticos. À sombra dos salseiros não estavam um deus e uma deusa de ébano, apenas um casal de jovens apaixonados.

O haras era imponente. Havia uma grande quantidade de animais, a maioria, em verdade, pertencente ao exército de Eyô Akpô, que dividiam picadeiros com as montarias árabes do rei e dele próprio, general comandante. E no torvelinho que se tornara a vida na corte de Benim, mais cidadãos tinham a oportunidade de contemplar o insólito, seu obá junto com uma mulher estrangeira, ignorando a rainha e suas outras mulheres nativas.

Ovonramwen a tudo ignorava, na sua cega paixão. A intensidade, mesmo dos encontros era tão dinâmica, que nem o prefeito de Benim, tampouco o general, haviam encontrado oportunidade para conversar o que sabiam inconversável. Eram velhos os dois o bastante para saber que o ímpeto de um jovem, especialmente detentor do poder que o obá possui, seria algo realmente impossível de ser contido. A alternativa racional, pensavam sem que houvessem conversado entre si, os dois hierarcas, era deixar o fogo da paixão se consumir. Mas quando tempo duraria e qual a extensão do estrago causado?

Mostrou Leopardo com o orgulho de um feroso jovem e exibiu-se gineteadando o animal. O cavalo era, agora, com o passar dos anos, uma estátua viva; quanto ao obá, o animal era como um filho, merecendo um carinho especialíssimo. Agahowa pode notar a afinidade entre cavaleiro e animal, no cavalgar do obá, dando voltas na longa faixa que parecia perder-se na mata além. Nesse dia, mesmo porque chegaram ao sítio no começo da tarde e perderam um bom tempo se entretendo com a visão dos animais e do local, o obá decidiu por pernoitar numa das casas do haras.

Comeram moderadamente, tão pronto o sol se pôs, e iniciaram um jogo de corpos, que pareciam estar dançando sem música. Ficaram por longo tempo no toca e corre um do outro, formando um processo de excitação que os levou à uma nova experiência de relacionamento de seus corpos, do tocar-se mutuamente em suas peles tão pretas como o interior da sala onde se encontravam. Fiapos de luz piscavam nos olhos de cada um e nos dentes de ambos, à medida em que riam do que estavam fazendo, divertindo-se no prazer de encontrar partes em cada corpo que faziam reagir órgãos internos desconhecidos, mas presentes. Ficaram numa espécie de correr-corre até que aparentemente cansados recomeçaram o que haviam, cada um, descoberto à margem do rio, sob os chorões; e, tempos após, reencontraram a glória, que feneceu devagarinho no sono que os apanhou amontoados, exaustos, o obá e sua amante estrangeira. Acordaram-se na madrugada reconfortados, e repetiram tudo de novo; e de novo.

Assim decorreu a semana em que o obá de Benim, Ovonramwen, desapareceu para os efeitos da administração do Estado. Estava todo o comando do país apreensivo e a notícia tornar-se um fato público. Nacionais e estrangeiros, todos comentavam o caso do obá com a mulher, filha do comerciante íbo. Até que Agahowa apareceu no palácio para informar ao obá que estava voltando para seu país.

A cena foi semelhante ao primeiro encontro, quando ela, num cafetã branco, contra a luz, mostrava a glória de sua presença e a glória dos olhos do obá, deslumbrado por aquela mulher, a mais preta, a mais perfeita que jamais conhecera. A semelhança foi que Agahowa apareceu surgindo do mesmo destino, porém o sol estava noutra posição do céu e iluminou bem e definitivamente seu rosto e seu corpo. Não houve um contra-luz. O sol incidindo direto sobre a face fez com que Ovonramwen visse cada detalhe daquela máscara, que para surpresa sua não era preta, brônzea e rutilante. Parecia cera, igual às dos moldes de seu amigo de infância, Kotoú, hoje o seu *iguneromwan*, o mestre dos metais. Cera clara e em processo de desvanecimento. Era muito jovem, não tinha rugas aparentes, mas pareceu, naquele instante, que o apartar próximo trouxe para o exterior, marcas de anos sofridos, que em verdade eram ainda futuro. Então, mudou o ângulo em relação ao olhar de Ovonramwen e ele a viu como realmente era: de carne, verdadeiramente humana, com as evidentes marcas da dor pela separação iminente; úmidos eram seus olhos, assim como uma secreção salivar na comissura dos lábios denunciava choro recente. Ovonramwen baixou os olhos e encontrou-a vestida de vermelho — era a cor do sofrimento. Vestia-se branco nos ritos de iniciação; nas celebrações

de nascimento, do casamento, até mesmo da morte dos anciões que haviam contribuído com sua longa vida e experiência para a comunidade. Trajava-se vermelho pela morte dos bem-amados, dos jovens, nas vésperas de guerra. Despojavam-se dos bens materiais, para que o sofrimento fosse completo e ostensivo, inelutável. Assim, nem as contas e coral, tampouco a tornozeleira de ouro compunham à imagem, ainda assim altiva, esguia, de Agahowa

À sombra das árvores do jardim, após longo processo de conversação, no qual o ímpeto juvenil resistia à partida da amada, se insinuava um insidioso rasto de razão, consolidado na cultura arraigada no fundo de seu ser. O obá resistiu o que pode, mas acabou concedendo, ante a promessa de Agahowa dum retorno a Benim.

Não houve manifestações espetaculares; a despedida ocorreu da forma como um homem comum se despediria de sua mulher; da forma com que o grande obá, Ovonramwen, costumava se despedir de uns poucos de seus súditos. Altivo, só não sentou no trono, ficou de pé enquanto a mulher, no seu traje vermelho, caminhava para, quem sabe, o nunca mais. Diferentemente, entretanto, dos demais fins de despacho do obá, desta feita quanto a silhueta esguia e vermelha atingiu o umbral da porta, o jovem obá desconcertado, viu-lhe rolar uma lágrima.

Agahowa dirigiu-se com seus pajens, imersa em seus pensamentos, para o empório comercial de onde partiria caravana. Ela estava atrasada e retardava os demais. Falou com seu pai, e recolheu-se ao grupo onde estavam sua irmã gêmea e as outras mulheres. O zunzum e o falatório não alcançaram Agahowa, aconchegada ainda em sua vida interior. Deixou-se ficar num canto, às vezes olhando para certos pontos do ambiente, mas sem ver o que se passava. Numa brecha de seu absentismo ficou olhando para sua irmã, contemplando à semelhança consigo mesma, ainda mais que vestida em branco — ela estava feliz pela partida da caravana, em direção à casa — e com aquela peça gêmea como as duas, em metal: as cobras autofágicas.

A comitiva que compunha a delegação dos comerciantes íbos, sócios de negócios que eram, sempre que se deslocava, fazia em grupos, chegando a ter uma espécie de pequeno exército protetor. Levavam os viajantes algumas de suas mulheres. Desta feita, Odumegwu

Ojukwu, principal comerciante da caravana, sagrado líder na partida, de forma ritualística, com poderes de condestável, se fazia acompanhar entre suas mulheres pelas filhas Agahowa e Agahowan. Cada viagem desses mercadores podia compreender lapsos temporais que chegavam a uma década, no enfeixar do ciclo completo da partida e seu país até a volta, comprando, vendendo e trocando coisas. Viajavam em regiões onde o meio de transporte era o camelo; noutras, carroças e juntas de bois; ainda havia regiões onde os burricos e cavalos puxavam vagões com as cargas. E, como estava acontecendo naquele instante, mais um meio de transporte era usado e emendaria com ainda outro diverso: àquele, era uma legião de escravos e semi-escravos, carregando nos ombros uma infinidade de baús e caixas. Iriam até uma distância de trinta quilômetros, onde encontrariam o rio Benim. Sujeitavam-se, portanto, à senha de bandoleiro, mercenários, assaltantes, enfim. No trajeto fariam várias paradas, tanto para simples descanso dos carregadores, à prática de suas necessidades fisiológicas e por incidentes com a carga. No trecho entre a cidade de Benim e à margem do rio onde estariam as pirogas, um pernoite havia que ser cumprido. Chegados à margem do rio, os carregadores receberiam alguma paga; os escravos levariam a recompensa para seus amos, e a caravana embarcaria nos botes que singrariam até a foz desse rio. Haveria um transbordo e, por mar, navegariam até Ughoton. Para a chegada em casa, e desta feita estavam retornando, abordariam um navio maior, na cidade portuária do Reino de Benim, e rumariam com destino a Calabar, um grande entreposto comercial, famoso especialmente pelo tráfico de escravos e por uma sociedade secreta, *Ekpe* que reunia homens do comércio, como Ojukwu.

Na trajetória para o porto aconteceu um fato que haveria de se constituir na demonstração de que, não importa a vontade dos homens, ainda que esta seja para agradar aos deuses, estes podem não aceitar a oferenda e virar de cabeça para baixo o planejado à sua revelia.

A história do que aconteceu durante a viagem regride à noite da véspera da despedida da estrangeira. Antes do obá, já a comunidade cortesã sabia que Agahowa partiria de volta para a terra dos íbos, lá na longínqua Calabar. Era uma grande caravana, assim que seus movimentos eram do conhecimento de muitas pessoas.

No contexto geral destes fatos, quando se renunciava a partida da estrangeira, houve longas confabulações que envolveram a rainha-mãe, Emotan e o espreitar da imediata da sacerdotisa. Essa conseguiu, mesmo sendo a menos importante no trio, mas

inquestionavelmente a mais artilosa, maléfica e radical, convencê-las de que o mesmo risco que fora evitado, quando Emotan propiciou ao jovem Idugbowa, futuro obá, conhecer sexualmente uma mulher, estava presente agora e numa estrangeira. Ou seja, Agahowa poderia estar levando consigo, no ventre, a semente de um filho do obá de Benim, e isto era absolutamente inaceitável.

As duas mulheres, com a convivência — em verdade com a concepção intelectual — desta, Azonyê, fizeram um pacto de morte contra Agahowa. Ela deveria ser morta antes de deixar Benim.

Mais gente foi envolvida na conspiração e, dentre os envolvidos estava o general Eyô Akpô, que, submisso aos interesses do reino, ouviu cabeça baixa a história que lhe contou a rainha-mãe, à qual ele próprio sabia; afinal, o reino em geral igualmente conhecia. Recebeu, o general, ao fim da narrativa, a ordem para que tomasse as providências necessárias para que, sem o conhecimento do obá, e especialmente de seu filho auxiliar de Emotan, fosse executada a ordem. Agahowa deveria ser morta antes de embarcar em Ughoton, com destino a Calabar.

O comando foi aceito sem restrições. Era uma ordem real, mandaria pois um pequeno grupo de militares emboscar a comitiva do comerciante e, para evitar maiores repercussões e indagações impertinentes, deveriam matar apenas uma mulher e dar a impressão de que eram bandidos contrabandistas, ou bandoleiros, especialistas em assaltar nas estradas. Para tanto, deveriam além de matar a mulher, roubar alguns pertences dos viajantes.

Quatro foram os soldados escolhidos, todos da mais estrita confiança do general e cada um deles com experiência em guerras anteriores, tendo sempre retornado sem ferimentos e com elevado saldo de baixas nas hostes inimigas. Tiveram tempo, dois deles, de estar no palácio quando Agahowa, toda de branco, apareceu para um dos encontros com o obá. Memorizaram, profissionalmente, o rosto, o corpo e o jeito de se movimentar, a indumentária de seu alvo. Um deles chegou a cruzar com Agahowa, e ela olhou-o, num fração de segundo dentro dos olhos daquele homem, baixando em seguida, recatada, o olhar. Ele despistou e deu a impressão de sequer tê-la contemplado. Mas o olhar dele foi intencional: queria que num segundo olhar, se houvesse, ela soubesse porque estava sendo morta.

O grupo de viajantes avançava num início de noite, em busca de lugar adequado para fazer uma parada estratégica, e passar a noite, até a madrugada quando reiniciariam a viagem para outro pernoite antes de chegar a Ughoton. De fato acamparam, prepararam uma refeição

leve e ficaram em grupos conversando não por muito tempo, pois estavam todos cansados. Arrumaram as mantas de dormir, uns, outros, a maioria dos carregadores dormiam no chão puro, e mantiveram duas fogueiras acesas, em proteção contra animais noturnos e acomodaram-se.

Foi extremamente fácil a operação militar. Em silêncio, movendo-se como panteras, identificaram onde estavam as mulheres. Aquele soldado que vira e olhara Agahowa nos olhos adentrou o recanto e dentre duas mulheres dormindo uma ao lado da outra, não teve dúvidas, viu a roupa, exatamente a mesma, que Agahowa estava usando no dia em que se cruzaram. Ele com precisão incrível imobilizou sua boca e, não deixando que algum movimento frenético fosse empreendido, arrastou-a levemente para certa distância, onde poderia ser encontrada e, na avaliação posterior dos membros da caravana, ela poderia ter ido urinar no meio da noite e ter surpreendido os ladrões que a mataram, roubando seu vestido debruado em dourado e, também, a tornozeleira de ouro.

O soldado cortou a jugular da mulher, fazendo com que ela se debatesse por poucos segundos, amolecendo-se toda e sendo depositada, gentilmente, no chão para evitar ruídos. E de fato, ele ensejou que aqueles olhos com o terror da morte, olhassem perplexos para a visão fria daquele homem forte e resoluto. Os outros soldados não tiveram dificuldade alguma em apanhar alguns rolos de pano da Costa, uma caixa de armamento e, propositadamente de forma estabonada, deixaram escapar pelo chão, simulando erro, rolos de fumo. Sumiram na noite, sem acordar ninguém.

Voltaram para Benim e, na madrugada mesmo, apresentaram-se para o general comandante, entregando-lhe o vestido branco e a tornozeleira de ouro, com as duas cobras de boca aberta, prestes a comer uma a outra. O general não demonstrou emoção alguma. Recebeu a prova da execução e friamente dispensou seus soldados. Um general não deve agradecimentos a quem apenas cumpriu uma missão. Os homens também saíram da peça, satisfeitos pelo dever cumprido, sem reprimendas e sem elogios.

O general aguardou o dia nascer para visitar a rainha-mãe. Informou-a de que a missão havia ocorrido com sucesso e que era muito cedo para ter-se qualquer informação.

— Os mercantes seguirão adiante, não é de sua índole, num caso como este, retornar apenas para fazer perguntas. Irão considerar como obra do azar, culparão seus guardas, talvez

até matem alguns, e tudo ficará assim. A caravana é muito importante, e seguirá seu caminho. — Explicou, com fastio, o general. E acrescentou, ainda, didaticamente:

— Passarão muitos anos até que comece a surgir histórias na cidade de que uma caravana foi atacada e que uma mulher foi morta.

E em sua lógica de militar e beninense arrematou: — Era apenas uma mulher. Não haverá anais do que ela fez em Benim, tampouco comiseração entre os íbos pelo seu destino. É tudo uma história que nem aconteceu.

A rainha-mãe, ao contrário da posição do general em relação a seus subordinados, elogiou circunspectamente o militar por haver mais uma vez prestado relevante serviço ao reino. Eyô Akpô recebeu o cumprimento como formal, e como tal mostrou-se formalmente agradecido. Para o general a missão estava cumprida e não falaria mais disto com ninguém, nem mesmo com seu amigo prefeito de Benim.

O assunto evoluiu, ainda, em mais um nível, e foi o derradeiro: a rainha-mãe mandou chamar Emotan e mostrou as peças que provavam que a sucessão real havia sido abortada e a dinastia haveria de se manter no sangue dos edo. E, para não ferir os sentimentos de seu filho, exigiu à Emotan :

— Fale energicamente com Azonyê, dizendo que o assunto está encerrado e deve ser enterrado para sempre. Ficarà como um segredo da família real. Tudo deve ser negado, se alguma pergunta for feita, especialmente por Ovonramwen. Diga a Azonyê que ela pagará com sua vida em caso de indiscrição.

Em meio à caravana íbo, efetivamente, a culpa recaiu sobre mercenários ou bandoleiros, que teriam atacado os viajantes com o objetivo de roubar. Exatamente como intencionalmente fizeram parecer os militares, os íbos lastimaram que Agahowan tivesse ido urinar no momento em que os bandoleiros atacaram a caravana, e foi morta. Como mais ninguém teria se acordado, conjecturaram Odumegwu Ojukwu e outros seus companheiros, apenas aquela sua filha havia sido atacada e morta. Fizeram um ritual de morte presidido por Ojukwu, deram sepultura à Agahowan e seguiram seu destino, preocupados de forma redobrada com os assaltantes.

As semanas se passaram após a viagem de sua experiência estrangeira, com Ovonramwen mergulhado em sua tediosa rotina de obá. Mesmo a tarefa mais maçante, que era o de distribuir justiça entre seus cidadãos — ele julgava, pessoalmente, casos que não eram resolvidos pelos conselhos de anciões — era algo que o aborrecia. Gostava, mesmo, era de estar perto de seu cavalo Leopardo, de ficar horas a fio num empório que mandou construir nas dependências do palácio, onde cuidava de plantas medicinais, ele próprio fazia misturas com ervas, infusões e criava pomadas. Tinha de despachar com o velho *uzama* Obayemí, bem como com o chefe de seu exército, general Akpô. Vez que outra ainda vinha a lembrança de Agahowa e, num dos devaneios, num pós almoço, repousando em seu jardim, sentiu o odor de um determinado vegetal. O cheiro, era muito forte e característico de algo que estava guardado num canto qualquer de suas memórias, nem tão afastadas, mas sem dúvidas soterrada, face à sua natureza, por uma avalanche de situações iguais. Mas ele não conseguia estabelecer exatamente o que aquele odor representava. Até que fez a conexão. Praticamente, todas as mulheres com quem havia mantido relação sexual, com exceção da rainha, tinham um certo odor característico em suas vaginas, que ele cresceu achando ser aquilo natural das fêmeas. A primeira delas, sua prima, recendia àquele odor. Às que se seguiram, também. Chegou a pensar, num vago momento, quando se relacionou com a mãe de seus filhos, que aquela era diferente, e diferente por ser nobre. Mas, agora, naquela tarde de preguiça, com o odor espalhando sua presença no ar, sem que qualquer mulher estivesse por perto, fez com que se lembrasse de um outro detalhe, mas que morreu em seguida, afinal, o obá não era dado a ficar ruminando coisas, ainda mais dessa natureza. Lembrou-se, assim, que Agahowa não tinha aquele cheiro. Tinha outros odores que insistiam em estar presentes, mesmo com ela, agora, infinitamente distante.

Em Ughoton, com a passagem da caravana pela cidade, com a estadia de uns poucos dias, a fim de que procedessem o transbordo, o líder do grupo, pai de Agahowa, cumpriu uma de suas obrigações e executou parte de seu ritual de importante homem de negócios internacionais, visitando Abiolá, o chefe de Ughoton.

— Então houve uma morte!

A exclamação sincera do prefeito cortou a saudação do dirigente da caravana, no momento em que esse fazia a saudação do encontro, quando, pelo costume, citava nomes de

familiares, membros da caravana mais destacados, bens semoventes e, da terra de origem, mesmo algumas árvores.

— E quem foi?

— Infelizmente, uma de minhas filhas!

— E foram assaltantes? — Indagou o prefeito.

— Seguramente. Eles levaram muitos objetos, muitas mercadorias — magnificou o comerciante —, e todos acreditamos que a mulher foi fazer alguma necessidade durante a noite havendo sido surpreendida pelos bandidos. Levaram até seu vestido e um aplique em ouro que tinha junto ao corpo.

— E fugiram...

— Sim, prezado *uzama*, eles desapareceram na noite deixando a jovem nua e morta.

Não havia muito mais o que falar com relação àquele assunto, afinal, assaltos às caravanas e mortes ao longo das estradas era coisa corriqueira e não havia a mínima noção de responsabilidade do Estado na proteção do cidadão como indivíduo. Não havia, da mesma maneira, que se queixar ao prefeito da cidade da falta de policiamento ou coisas do gênero. Se alguém havia falhado era o responsável pela segurança da caravana, senhor de um pequeno exército. Assim que, morreu por aí, tão súbito quanto havia morrido Agahowan, esse assunto. Voltaram-se para questões que, afinal, justificavam a presença de um comerciante no palácio do chefe de Ughoton.

— Qual o montante de ouro que estás levando para Calabar, a quota de Obayemí?

A pergunta que pode parecer indiscreta, não era para o contexto daquela conversa. O prefeito da cidade portuária era, como o da capital Benim, e, especialmente, o próprio obá, clientes da sociedade secreta *Ekpe*, com sede em Calabar, que reunia homens de negócios holandeses, portugueses, suecos e ingleses, muitos deles judeus. Eram representantes de grandes casas bancárias na Europa, portanto, depositários, considerados como seguros, de parte de muitos administradores e altos funcionários de governos de Estados com grande estrutura administrativa, como era o caso de Benim.

— Então prepare espaço seguro para a mesma quantidade. — Arrematou o prefeito de Ughoton, que aduziu: — Carregas algum remessa do Obá Ovonramwen?

— Não, seu tesoureiro, desta feita, não me chamou ao palácio. O prezado *uzama* sabe da preferência de Ogundelê...

Quando surgiu o nome, Abiolá não se conteve e cortou a frase:

— Aquele jovem arrogante. É ele que tem enchido a cabeça do Obá com idéias novas.

Imagine só, já era loucura manter aquela preferência comercial para com os holandeses. Agora começa a planejar banir o comércio com todos os europeus... inclusive com os ingleses!

O comerciante, mestre em sua atividade, limitou-se a dar continuidade à reticência imposta por seu interlocutor: — ...ele gosta de, com alguma periodicidade, viajar até Calabar e ele mesmo fazer os depósitos do Divino Obá... Portanto, prezado *uzama*, nunca se sabe exatamente o que acontece com relação aos contatos comerciais em Calabar, quanto ao Divino Obá.

Os dois homens sabiam exatamente qual o papel desempenhar no contexto anterior. Abiolá tinha absoluta certeza de que o comerciante sabia muito bem dos negócios do obá e, por seu turno, o comerciante sabia que, agindo assim, mantinha-se em confortável equilíbrio, pois ao ter que responder pergunta idêntica, feita pelo prefeito da capital, quanto à fortuna de seu rival interiorano, faria como havia feito ali.

O comerciante, que apesar de ter como norma não se envolver em questões políticas, sentiu-se instigado a fazê-lo, posto que uma das assertivas do prefeito, de alguma forma, envolvia seu ramo de atividade, de uma maneira ou de outra. Assim que indagou:

— O Divino Obá tem alguma nova opção comercial em mente... Eu gostaria de saber, posto que talvez em eu sabendo possa encontrar alternativas de produtos?

A pergunta, como o comerciante a formulou, parecia não ter por objetivo buscar maiores esclarecimento à assertiva zangada do prefeito, quando fez um breve discurso ao ouvir o nome do tesoureiro do obá Ogundelê. Mas ele sabia que era uma provocação sutil e faria o prefeito dizer mais coisas que poderiam ser interessantes.

— O obá Adolô, não fora seu amigo Obayemí, que tem grande simpatia pelos holandeses, já teria escolhido como parceiros confiáveis, os ingleses. Parece que agora o filho de Adolô, não consegui entender porque, deseja fechar à porta a todos os europeus e fazer florescer o comércio transafricano na região.

— Ah! — Exclamou o mercador — aumentar o comercio entre nossos povos... muito interessante! Mas, permita-me prezado *uzama*, seria o bastante para a sobrevivência e a soberania de Benim?

— Pois é certo que não.

— Entendo. — Disse o comerciante, arrematando, quase numa ironia: — E as armas, de que parte da África virão?

Era um forte argumento para as reservas de seu interlocutor Abiolá, quanto às posições da corte na cidade de Benim.

O homem da caravana tinha uma informação preciosa para levar para casa. Haveria tempo para que avaliações fossem feitas à respeito da inclinação do jovem obá de Benim, quanto aos parceiros de seu comércio internacional. Desse modo, na visão do viajante, tudo mais que conversaram a partir daí foi supérfluo, de pouca importância, mesmo as operações comerciais de grande vulto que estavam sendo feitas pelos comerciantes locais e que envolviam, pela lei, a prefeitura de Ughoton, e comercialmente, a intermediação de negociantes de Calabar, representados ali por Odumegwu Ojukwu. O incidente durante a viagem não voltou a ter referência, nem mesmo quando se despediram, esperando ter outro encontro adiante. Não havia tempo definido para esses encontros; iriam ocorrer numa das passagens, de ida ou de volta, pela cidade marítima.

Um par de meses após, Abiolá teve de comparecer a Benim, atendendo chamado do obá. Foi, como das outras vezes, depois da morte de Adolô, como um velho rabugento que tem um dever a cumprir e dele não pode se esquivar. Essa viagem, além de aumentar o grau de desagrado do velho contra o jovem, serviu, entretanto, para sepultar em definitivo um segredo da família real.

O general Eyê Akpô era o fiel da balança de dois pesos no reinado de Adolô e, de certa forma, se mantinha agora no de seu filho. Ele era amigo tanto do prefeito de Benim, quanto do de Ughoton. Os três tinham cerca da mesma idade e o general era confidente dos desabafos de um e de outro, contra cada um. Iria, após o encontro da convocação, visitar o general amigo.

Por tal, foi com agradável surpresa que na noite de sua chegada apareceu o general, velho companheiro, na residência senhorial em que se hospedava quando na capital.

Falaram sobre os velhos tempos, como sempre, e nisto se perderam por horas a fio. Falaram de seus achaques físicos, muitos lhes eram comuns, decorrentes da idade. Falaram das questões da administração pública, suas dificuldades com entraves de novos burocratas; recriminaram, num ato de impertinência, à ascensão dos jovens.

— Eles estão em todos os cantos — recriminou o prefeito.

Cruzou, então, o assunto da caravana do viajante íbo:

— Houve uma morte. — Informou o prefeito de Ughoton.

— Ah! — exclamou o general, sentindo, aliviado, que iria liquidar para sempre aquele assunto. — E roubaram muita coisa dos viajantes? — Dissimulou o general.

— Sim, Ojukwu me disse que tiveram considerável prejuízo. — Respondeu o prefeito.

Sim, o general via fechado o assunto, pelo menos na área palaciana e, também, sentia que para sempre, ao mudar de tema sem que o seu amigo desse mostras de que estivesse insatisfeito com alguma coisa. Afinal, Abiolá não deu nome à morta, sequer se referiu que era uma filha do líder do grupo, o importante comerciante. O incidente ficara limitado a roubo, como na maioria das vezes, cercado de violência. Havia morrido apenas uma mulher, portanto, nada que viesse a se constituir numa grande história para ser passada adiante na tradição oral de geração a geração. Estava, sim, sepultado assunto, auferia o general face ao retorno que lhe estava dando o prefeito.

Este segredo da família real estava bem escondido, na bruma de uma viagem de caravana, numa emboscada de supostos assaltantes. Porém, havia outro segredo de família, bem guardado, coincidentemente no mesmo lugar. E Eyê Akpô, com toda sua astúcia, teve um choque quando o prefeito interiorano, como que buscando no baú das coisas velhas, trouxe para conversa um assunto que, de certa forma, era uma resposta ao pensamento que tivera, instantes atrás, de que o segredo real estava bem escondido, na bruma de uma viagem de caravana, numa emboscada de assaltantes. Disse o prefeito num tom tão casual, quanto aquele do general, ao receber a notícia de mais um assalto:

— Te lembras, Eyô, dos gêmeos Francisco e Custódio?

Sim, foi um choque para o general os elementos da cadeia que se inseria na pergunta do prefeito. Lembrar-se daquela história era buscar sombras de um passado distante e desagradável. Por que falar, neste instante em gêmeos; especialmente Francisco e Custódio, ambos vivendo em Calabar?

— Sim, Abiolá... faz tanto tempo, não é?

— É um assunto velho, tão velho como nós dois — sorriu, sem brilho, o prefeito. E continuou, mudando de assunto, na aparência, ao informar ao general: — O comerciante recolheu um pouco de minhas reservas, levando-as para Calabar.

Essa informação do prefeito nada tinha de especial, pois num certo círculo da cúpula dirigente de Benim era normal fazer parte de sociedades comerciais e de sociedades secretas, e

Calabar constituía-se no porto seguro de seus bens fiduciários. Akpô continuava em silêncio compenetrado. O prefeito foi adiante, dando outra guinada na conversa: — Francisco e Custódio tem uma vida modesta em Calabar. Obayemí estipulou uma pensão, e os banqueiros europeus religiosamente põem à disposição deles os recursos. Tudo controlado pela *Ekpe*. Custódio é mais problemático, porque gasta muito, tem fixação, como seu sobrinho neto Ovonramwen, por cavalos.

— A mãe deles conseguiu muito, Abiolá. — Apenas balbuciou o general, quebrando o seu mutismo.

— Sim, bastante; mas eles são expatriados, degredados. — Contrapôs, com doçura, o prefeito. — E arrematou, ainda no mesmo tom de voz: — Nunca estiveram em Benim.

E, enfeixando aquele diálogo, aparentemente despropositado, iniciado pelo prefeito de Ughoton, e que para o general se constituiu numa resposta não ao que disse, mas ao que deixou de dizer, o prefeito Abiolá arrematou, ainda com o mesmo tom de voz, dando a entender na derradeira emissão de som, que estava fechando, sim, ambos os assuntos:

— Famílias reais têm seus segredos. E cabe a nós, irmão Eyô, mantê-los.

O segredo a que o prefeito se referia era relativo aos gêmeos com nomes portugueses, prática não rara em Benim entre os do povo, posto que conviviam, há mais de três séculos, com navegantes lusos. Muitos beninenses haviam, mesmo, aderido ao catolicismo. Não era comum, pelo contrário, proibido era o uso de nomes estrangeiros entre os membros da família real e das hierarquias mais elevadas dos administradores de reino.

A segunda mulher de Osenwende — pai de Adolô e avô de Ovonramwen — portanto, não a rainha, concebeu gêmeos, dois meninos. Eram meio-irmãos de Adolô e tios-avós de Ovonramwen. O fato não foi considerado como auspicioso pelas sacerdotisas e anciões mais próximos ao obá. Tabus normais na vida religiosa indicavam que o reino haveria de sofrer serias represálias das divindades se os meninos não fossem executados, em forma de sacrifício.

A segunda mulher do obá, como também não se constituía grande exceção na história do país, tinha forte ascensão sobre o monarca; assim que não lhe foi difícil sacrificar outros gêmeos, buscados nos quatro cantos do reino, imolando-os no saciar de deuses sanguinários, preservando os rebentos de uma mãe poderosa — irrelevante a dor e mágoa de uma mãe qualquer. Resolvida a questão, a egoísta e inteligente mulher fez com que seus dois filhos recebessem nomes portugueses os quais ela jamais esqueceria. Tinham entretanto de partir,

não havia espaço para eles em Benim. Mandou-os, com guardas do obá que a obedeciam e uma ama de leite, mas sem o conhecimento daquele, para o porto livre de Calabar, onde foram alimentados e criados pela mulher, que recebia recursos para mantê-los confortavelmente. O nome português soterrou qualquer indagação sobre um incidente que à medida que eles cresciam, mais distante ficava, perfeitamente camuflado nos escaninhos da corte de Benim. Custódio face à presença em Calabar de muitos comerciantes portugueses, aprendeu em boa parte seu idioma, o bastante para se comunicar normalmente com qualquer lusitano, ostentando sim um pesado sotaque. Era profundamente religioso, tinha mesmo inclinação para a medicina herbanária, e era dotado de especial compreensão do espírito do ser humano, seus medos, suas angústias, suas ansiedades. Ele as percebia da mesma forma que um massagista detecta problemas musculares apenas com o toque de seus dedos. Ele fazia o mesmo com a alma das pessoas, sem nela tocar, curando muitos males corpóreos, que tinham origem no pensamento: ele ouvia as pessoas e, com um instinto que se tornaria ciência, mais adiante, através de pensadores que já despontavam na Europa, resolvia muitas de suas mazelas corpóreas e espirituais. Por outro lado, era amante da boa vida, das mulheres bonitas e dos cavalos. Chegava a empreender viagens longínquas — Calabar não hospedava bem cavalos, muares e bovinos, pela presença da mosca do sono em suas cercanias — para estar próximo dos cavalos, especialmente os de sangue árabe. Seu irmão, Francisco, entretanto, mais inclinado para o mundo interior, aprendeu e dominou a língua inglesa. Tornou-se um leitor contumaz, conhecendo, em livros que já haviam se tornado clássicos na Europa desde o século anterior, como os de Edmund Burke, Richard Brinsley Sheridan e Richard Cantillon. Impressionou-o sobretudo, assim como também causara tormento em seu espírito os ideais antiescravocratas de Charles Fox. Olaudah Equiano, um africano como ele, escritor, nascido livre, capturado e levado para Barbados, nas Índias Ocidentais, era o autor do livro, bastante manuseado por Francisco. Narrava a história de alguém que conseguiu comprar sua liberdade quanto tinha vinte e um anos, e passou a viajar, chegando a Londres, onde se integrou aos movimentos antiescravistas. O livro tivera tanto sucesso que foi traduzido para o holandês, russo e alemão. E como uma bruma, um indicativo de uma proximidade inexplicável, uma quase premonição, tocavam-lhe a obra de uma mulher chamada Phillis Wheatley, cujos livros editados em Londres, tinham concepções de alguém que nascera na América e tornara-se escritora de prosa e, especialmente, de versos que ele gostava muito, a ponto de decorá-los e recitá-los para seu

irmão e amigos. Da mesma Londres vieram as idéias de outro ex-escravo americano, Jupiter Hammon, que lhe haviam inculcido um toque de curiosidade quanto ao cristianismo.

Sendo, portanto, criados como meninos de posses, tiveram preceptores que freqüentavam à casa onde cresceram. Custódio ficou à margem do cristianismo, que poderia ter-lhes sido introjetado se freqüentassem uma das escolas de missões, muito comuns na África daquele período, mas Francisco interessou-se, via literatura, pela igreja dos estrangeiros, que embora múltipla, com nomes, características e disputas entre si, porém centradas no monoteísmo. Ambos não obstante as novidades ficaram ligados, para sempre, à cosmogonia nativa, louvando um universo imaterial de infinitas divindades.

— E a decisão do obá de fechar às portas aos estrangeiros? — Indagou o prefeito de Benim.

— É isto o que temos de conversar, Eyô, antes de nos encontrarmos com o Obá. Eu penso que maiores vão ser as dificuldades de conter as nações do iorubanas sob nossa proteção e, mesmo, províncias do reino. — Externou o general, vendo seu lado. E aduziu, ante a expectativa silenciosa do prefeito: — Vão faltar armas e soldados. Vai haver infiltração de outras nações a fim de desestabilizar o Reino de Benim. Há novas armas sendo usadas. Há um moderno canhão que os ingleses usam e que, parece, já tem uma ou duas peças em Lagos, capaz de grandes baixas.

— E tudo isto está no meio a um torvelinho do qual dificilmente escaparemos ilesos, se for correta e definitiva a intenção do Obá de fechar o comércio de Benim para os europeus.

O cenário na África naquele fim de século dezenove era crucial para os rumos que o continente iria experimentar até a metade dos anos 1950. O interior africano que se constituía, desde a chegada dos primeiros europeus, no século quinze, em solo inalcançável por suas florestas, rios poderosos e desconhecidos, montanhas e desertos — fantásticas barreiras naturais até o século dezenove — aos poucos foi-se tornando acessível e objetivo principal de nações da Europa, por dupla possibilidade, que acabaria desembocando na fundamental razão da presença européia na África, ao longo dos séculos dezenove e vinte. As duas possibilidades eram: adentrando o continente encontrar uma maior possibilidade de mercado para a produção industrial européia em franca expansão, e levar junto com os produtos materiais, as fés cristãs. Assim, houve a descoberta da nascente do Nilo, situada no lago que John Hanning Speke batizou, ao descobri-lo, numa homenagem à rainha Vitória. Desenvolveu-se a busca do curso

do rio Níger, que se constituiu numa odisséia utópica para o europeu Mungo Park — tentou por duas vezes e morreu sem atingir o objetivo — mas gloriosa para os irmãos Richard e John Lander. Enfim, outro aventureiro, Henry Morton Stanley, numa viagem do oriente para o ocidente da África, não apenas confirmou Speke quanto à nascente do Nilo, mas cruzando o lago Tanganica, ingressou no rio Zaire, atravessando-o até sua foz. O continente, que abrira à porta aos europeus, mostrando apenas um bocado de sua linha costal, ao mesmo tempo impondo-lhes impiedosa mortandade face ao mosquito do impaludismo, escancarava-se em todos os sentidos, abrindo-lhes suas veias e expondo seu ventre — caminharam e cavaram encontrando o que realmente desejavam: os minérios rudimentar e ingenuamente exploradas — ouro, diamantes, cobre e muitos outros.

O general e o prefeito da cidade portuária tinham uma visão muito limitada do que ocorria globalmente. Sabiam pouco mais que nada — parecia, mais, que fechavam os ouvidos — das negociações que se desenvolviam nas capitais da Europa, e que criariam na ponta do lápis um novo mapa dentro da África. Batia à porta um regime político que chamariam de colonial. A África milenar, explorada desumanamente, por seus próprios filhos e pelos europeus, passaria em breve a ter proprietários. Aqueles que se contentavam em fazer trocas comerciais, baseadas comumente no escambo, e que guerreavam entre si e construía fortalezas para defenderem-se uns dos outros, agora iriam sentar-se à mesa de negociações e disputar por mais do que a linha costal. Podiam agora singrar os rios, contornar as montanhas, entender os desertos e cruzar as florestas, em rotas seguras de águas conhecidas — portanto, iriam capturar suas riquezas, usando-as para o fausto e pujança de suas metrópoles, quase nada deixando aos nacionais.

O prefeito de Ughoton, por sua posição estratégica, um porto marítimo, ouvia mais do que os homens postados no centro de poder da capital de Benim. E das coisas que sabia, todas se relacionavam com a presença cada vez mais acentuada, à volta do reino, de dois povos europeus: os ingleses e os franceses. Os frequentadores de outrora estimularam um comércio que tornara Ughoton vibrante e rica. Agora, antigos comerciantes holandeses e portugueses haviam desaparecido. Deles, poucos restavam. Este era um problema difícil para ele administrar, posto de que ao tempo de Adolô, contrariando Obayemí, prefeito da capital, defendia abertamente um maior apoio aos ingleses. Uma década passada, sua convicção não se mantinha mais a mesma. Lagos era agora uma realidade palpável. Os ingleses simplesmente

a bombardearam, usando modernos canhões, e transformaram Eko numa colônia da Inglaterra, deslocando em consequência o polo dos negócios dos nativos para os metropolitanos brancos.

O general tinha dificuldades de outra ordem, que era a cada vez menor capacidade de equipar o seu exército, e o crescimento da cizânia entre as províncias e pequenos reinos vassalos. Armas modernas, como uma que lhe foi presenteada outrora, havia agora dez anos, nunca chegaram em estoque significativo. As desculpas dos ingleses se misturavam a estratagemas e táticas dilatórias. Os soldados do general continuavam a usar suas velhas armas.

Ayô Akpô recordou um acordo feito por um certo intermediário, que envolvia a cedência de um terreno para a construção de uma missão inglesa a sudeste de Ughoton, em troca de mil rifles modernos.

— Houve um choque diplomático com os britânicos, não é? — Indagou, o prefeito de Ughoton, afirmando, como que buscando em reminiscências o incidente.

— Sim, chegamos a ficar com cem armas. Mas os ingleses não honraram o resto; tampouco autorizamos a construção no terreno cedido. — Rememorou o general.

O encontro onde um clima de desalento, tristes recordações e percepção de desastre, encerrou-se com despedidas de até breve, quando haveria a reunião para a qual fora chamado a Benim e da qual participaria o núcleo de poder do reino, sob a chefia de um sofrido obá.

Por inquietação, mas também porque era um homem de fé, o obá encontrava-se havia algumas semanas recolhido ao seu santuário, cumprindo rituais com vários de seus sacerdotes, especialmente assessorado por Emotan, sua velha instrutora. A reclusão do monarca era dramática tanto para ele, que se deparava ante questões de um mundo real, novo e hostil, e desejava buscar forças no politeísmo de sua cultura. Amparado em suas estruturas racional e, especialmente, espiritual, o obá buscava o apoio de deuses diversos, específicos para determinados problemas consistentemente materiais. Ovonramwen ouvia de Ayô Akpô, seu chefe do exército, narrativas sobre as rebeliões cada vez mais presentes em extremos do reino. O general precisava de recursos para comprar armamentos que os fornecedores não queriam comerciar, seu *uzama* encarregado das relações internacionais e de comércio, pedia um melhor relacionamento com os ingleses, cada vez mais presentes. E as dúvidas que surgiram de uma e

outra posição eram confrontadas com a intuição de sacerdotes e sacerdotisas, que se valiam de determinados veículos sacros, como pedras, cabeças metálicas de antepassados, aparência da lua ou iminência de chuva imprevista, e especialmente no peso informativo das posições dos búzios, lançados pelos religiosos.

No retiro em que se encontrava Ovonramwen, dentre os acólitos, estava o seu mestre dos metais, amigo de infância, acumulando agora o título *de iguneronmwan*, com o de *uzama*, conselheiro real e, em tempos passados, feitor de obás. Mais que tudo isso, o que realmente ligava o soberano obá a seu companheiro, era a capacidade inata de Kotoú de migrar no tempo, encontrar lugares estranhos e retornar de seus desmaios, ainda que no contexto de um quebra-cabeças, oferecendo soluções para problemas que ainda não haviam ocorrido. Como na infância e depois na adolescência, quando sacerdotes começaram a prestar atenção ao jovem Kotoú, o atual mestre dos metais tinha idéias e sonhos prodigiosos. Em um desses sonhos, num lugar fantástico cuja concepção física ele não tinha condições de compreender, mas que lembrava, de certo modo, as escolas dos pregadores ingleses, Kotoú ensinava a arte da cera perdida a um homem negro, como ele próprio, que se misturava com jovens brancos, que lhe prestavam deferência.

Caminhando, passo atrás, pelas sombras das árvores, com o obá, num certo momento Kotoú parou. Ficou como se em uma estátua de pedra se houvesse transformado. Ovonramwen continuou sua caminhada até que, instante após, vendo que algo acontecera com Kotoú, voltou-se e constatou que seu amigo estava entrando em momento de absentismo. Kotoú amoleceu em sua rigidez e curvou-se até sentar-se no chão. O obá ficou olhando o amigo, em expressão distante. Então Kotoú falou:

— Não debes, Obá, firmar o acordo que os ingleses te vão propor.

— E por que não devo?

O obá, todavia, se dirigiu a um fantasma. Kotoú continuou do mesmo modo em que se encontrava quando soltou a frase e transmitiu a impressão clara de que não ouvira a pergunta. Eram dois mundos que não se comunicavam, apesar de tão próximos um do outro: o mundo imaterial onde Kotoú se encontrava e o mundo material de que Ovonramwen era prisioneiro no momento.

— Não debes, Obá, firmar o acordo que os ingleses te vão propor.

Disse ainda outra vez Kotoú e obteve a mesma pergunta do obá, só que de forma mais exasperada, posto que lhe faltava compreensão para entender que seu amigo estava em transe e passava-lhe uma mensagem. De nada adiantaria tentar obter mais informações quando ele retornasse, pois, como sempre, do outro mundo nada trazia para este; não pelo menos do jeito que as pessoas gostariam de ouvir. Houve vezes em que Kotoú contou coisas aparentemente desconexas que, por associação, como que juntando peças de um jogo de armar, sacerdotes e amigos conseguiam ligar transe com realidade.

Kotoú repetiu uma terceira vez aquela frase e despertou. Ovonramwen seguiu em seus passos e o amigo se manteve à mesma distância de antes, como se nada tivesse ocorrido. Ficaram andando, dando voltas sob a sombra das árvores, até que voltaram a se reencontrar com os demais participantes daquele encontro religioso.

O mestre dos metais estava em um período de grande sofrimento íntimo. Geralmente, seguiam-se a esses estados a produção de algum trabalho novo, algo que parecia haver sido extraído de suas entranhas, tal o grau de alteração que seu comportamento experimentava, salientando-se mais a reclusão. Havia uma semana ou pouco mais migrara de sua oficina para um encontro muito especial. Kotoú visualizou o momento em que ensinava sua arte a um outro homem, num outro local. Ele já havia estado, noutra migração espiritual, no lugar onde esse homem costumava estar, em meio a jovens de pele branca. Desta feita, havia uma cabeça de mulher, um modelo feito em barro. O homem à sua frente não conseguia vê-lo. Estava aparentemente confuso, parecia não saber exatamente o que fazer com o molde e com as coisas que reunira, como a cera, o cobre e o estanho, para produzir algo. Kotoú falou suavemente para o homem que não o via, mas que se movia como que impulsionado por seu comando invisível.

— Pegue do material refratário. — Ensinou Kotoú. — Faça a fusão, no crisol, do estanho com o cobre. Agora você vai construir os canais onde irá alojar a cera. — E o homem que se chamava Juvenal, foi seguindo as instruções.

— Agora que você já tem os canais examine como está o metal. — Estava no ponto, haviam-se fundido e surgira uma liga nova, o bronze.

Kotoú voltou a ensinar:

— Derrame o metal, e ele vai fazer a cera perder-se, sumir. — Juvenal seguiu à instrução e despejou o conteúdo do crisol.

Kotoú disse: — Vá descansar, Juvenal, volte amanhã. Você fez sua parte e vai repeti-la à perfeição muitas outras vezes.

Uzamas e outras autoridades encontravam-se, assim, em Benim, enquanto o obá em retiro se preparava para voltar e com eles discutir assuntos de alta relevância. O centro do tema era a proposta dos ingleses de firmar um acordo de cooperação com Benim, mediante o qual Londres acabaria com as rebeliões que grassavam nas províncias

Parte 3

O obá retornou de seu retiro espiritual, onde cumpriu com os deveres para com o universo politeísta submarino; lançou e recolheu oferendas do Rio Sagrado. Estava pronto, portanto, entendia assim, para enfrentar as mazelas do mundo da superfície.

Aglomerava-se um grande número de personagens da mais alta hierarquia do reino, quando o obá adentrou ao imenso salão que escolheu para reunião, aquele mesmo que um dia almoçara, num canto da desmesurada mesa, com sua amada Agahowa. O todo poderoso que chegava, ainda outra vez sentiu a presença da mulher íbo e seu olor que se sobrepôs à fragrância de mata, essa o que todos os demais sentiam.

Como um palácio europeu, todavia em meio à mata tropical, grandes furos informes nas ramagens das árvores, davam passagem a fachos de luz, que pareciam holofotes a traspasar imensos vitrais, como que trabalhados naquele instante e mudados a cada segundo, conforme a suave brisa determinasse o movimento das mil ramagens, dos mil galhos, de mil folhas, de orquídeas mil; do cruzar desabusado de macacos; do esvoçar das araras — e diferentemente do modelo original, forjado no fogo das oficinas de vidraceiros, tornado cristal multicolor, ali a natureza os construía e destruía-os a cada instante, refazendo tudo novamente e outra vez, num ciclo alternado e perpétuo, enquanto a luz insistisse em por ali passar.

Um raio de sol, usurpador da barreira natural, atingia naquele momento em cheio ao prefeito de Ughoton, que se exasperava em mudar de posição, sendo perseguido pela luz e seu calor. Ao lado de Obayemí, à sua direita, posição incômoda que se mantinha já fazia anos e cujo mal-estar somente aumentava, com o acúmulo dos anos, Adolô resmungou alguma coisa para o vizinho, reclamando da natureza.

Pois nesse ambiente, estavam além dos *uzamas* chefes das cidades de Benim e Ughoton, também o da pequena Sapele, mais ao sul de Ughoton. A ausência mais notada era do *uzama* de Udu, também pequena, mas estratégica pois num corredor comercial direcionado às terras do iorubo. O general Eyô Akpô estava firme em seu lugar de sempre, mas despontava a seu lado uma das novidades do encontro. Nada mais do que um importante comandante de ala da infantaria, um

jovem de nome Ewuare, sentava-se a seu lado. Ainda no rol das novas caras estava outro jovem, Ogundelê, tesoureiro do reino, um jovem *uzama*. E ao lado do obá, apenas que afastado um pouco, estava Obarô, seu irmão sem título específico, mas uma espécie de senhor da guerra, o que o colocava acima do general Akpô, sem que esse perdesse sua histórica posição. Em verdade, a posição estava perdida e fora substituída por uma presença venerável, era uma espécie de comandante de honra do Exército de Benim. O novo comandante Ewuare, já ostentando o título de *ezomo* era tão jovem quanto Obarô, não fora de seus amigos de infância, mas mostrara-se eficiente e o irmão do obá, de há tempos comandante de fato do exército, o havia notado e prestigiado. Foi investido na condição de chefe militar, *ezomo*, e recebeu um palácio na parte exterior da cidade. Agora estava sentando bem ao lado do general, este encurvado, sorumbático, ensimesmado. Aquele, uma imagem desempenada, altiva, arrogante até — como Eyô Akpô deveria ter sido, quarenta anos atrás. Numa próxima campanha, o velho ficaria em Benim, e o outrora comandante de ala, chefiaria, sob as ordens diretas do irmão do obá, toda a operação, envolvendo ainda a cavalaria.

A questão dos meios logísticos, sempre passando pelas mãos do velho Obayemí, eram geridos pelo tesoureiro, Ogundelê, que se reportava diretamente ao obá. Tinha a chave do cofre e a confiança ilimitada de Ovonramwen. Era um jovem *uzama*, detentor do título de *eribo* — responsável pelas operações internacionais do reino. Era visto com ciúmes por muitos antigos *uzamas*, especialmente o prefeito de Ughoton. Em nome do obá ele centralizava cada vez mais para a capital as receitas do reino.

Por derradeiro, enchiam a mesa, uma serie de *veadores*, assessores de nível superior dos hierarcas presentes, cujo título vinha do português veador — inspetor ou fiscal.

O obá fez uma saudação aos presentes, abrindo a reunião, trazendo a força espiritual dos deuses ancestrais, haurida no recente retiro espiritual de que participara, especialmente, de sua estada às margens do Rio Sagrado. Ficou em silêncio, num sinal para que um dos *uzamas* falasse.

— Divino Obá: — iniciou Obarô — não há mais condições para suportar a desobediência que graça em Utu. — Fez uma pausa e, satisfeito, ouviu o rumorejar positivo dos presentes. Continuou: —

8 de Fevereiro de 2000

Planilha de continuidade:

1 - Obarô, irmão de Ovonramwen vai para uma das guerras, onde morre.

4 - Capítulo três, a queda de Ovonramwen e seu exílio.

5 - Talvez haja um capítulo 4, que é Custódio no Brasil, em Porto Alegre e Francisco nos Estados Unidos, no Sul, em local a ser identificado ainda.